

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica

Fabio Moreira de Oliveira

**Difração Negra e Dissuasão Racial  
na Visibilidade Mediática:  
um estudo de tensões raciais em contextos locais**

**DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA**

São Paulo  
2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica

Fabio Moreira de Oliveira

**Difração Negra e Dissuasão Racial  
na Visibilidade Mediática:  
um estudo de tensões raciais em contextos locais**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Comunicação e Semiótica pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica (PEPGCOS-PUC-SP).

Orientador: Prof. Dr. Eugênio Trivinho

Área de Concentração: Signo e significação nos processos comunicacionais

Linha de Pesquisa: Dimensões políticas da comunicação

São Paulo  
2022

Catálogo da Publicação

O482d Oliveira, Fabio Moreira de

Difração negra e dissuasão racial na visibilidade mediática: um estudo de tensões raciais em contextos glociais / Fabio Moreira de Oliveira. – São Paulo, 2022.

133 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Eugênio Trivinho.

Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) Pontifícia

Universidade Católica de São Paulo, 2022.

1. Comunicação. 2. Difração. 3. Dissuasão. 4. Racismo. 5. Visibilidade mediática. I. Trivinho, Eugênio (orient.). II. Título.

CDD 305.896081

Ficha Catalográfica: Bibliotecário Fabio Moreira de Oliveira - CRB8/8086

**FABIO MOREIRA DE OLIVEIRA**

**Difração Negra e Dissuasão Racial na Visibilidade Mediática:  
um estudo de tensões raciais em contextos locais**

Tese apresentada à Banca Examinadora Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Comunicação e Semiótica pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica (PEPGCOS-PUC-SP).

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora

---

---

---

---

---

À minha querida mãe,  
Izabel Moreira de Oliveira  
(*in memoriam*)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação São Paulo (FUNDASP) – Bolsa Institucional – Centro Universitário Assunção (UNIFAI).

## AGRADECIMENTOS

A todos(as) que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste sonho, em especial, aos negros e negras que lutaram por dias melhores.

À FUNDASP e ao UNIFAI, pela concessão da bolsa de estudos que permitiu a realização desta pesquisa.

Ao Professor Eugênio Trivinho, pela partilha do conhecimento e companheirismo.

À Mariana e James, pela força, pelo apoio e pela compreensão nos momentos de ausência; sem vocês, eu não teria conseguido chegar até aqui.

Aos meus familiares, pela torcida: à minha saudosa mãe (que partiu durante a construção desta Tese), uma das muitas vítimas da covid-19; e ao meu pai, que sobreviveu e luta contra as sequelas.

Aos colegas de docência do Centro Universitário Assunção - UNIFAI, em especial aos professores e professoras do curso de Biblioteconomia, pela rede de apoio.

À Elaine Castanha e toda Reitoria do UNIFAI.

Ao meu amigo Rogério Xavier Neves, pelo incentivo. Valeu, mano!

À Carmem Lucia Batista, pelas bibliografias e compartilhamento do conhecimento.

À Beatriz Guia, pela amizade e por compartilhar seus saberes.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PEPGCOS/PUC-SP), em especial à Fabiola Chechetto, Fernando Moreira, Letícia Frigo e Magali Malta.

Aos colegas do CENCIB - Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Comunicação e Cibercultura do PEPGCOS/PUC-SP.

À Cida Bueno, secretária do PEPGCOS/PUC-SP, por toda atenção e carinho.

Às bibliotecárias Ana Lucia Oliveira, Ana Lúcia Souza, Ariadny Winnie, Cleonice Santana e Mariana Rosa, pela ajuda na catalogação dos dados.

À Patrícia Garcia, pela leitura dos escritos e Angélica Miyuki Farias, pela revisão do abstract.

Às professoras Lucineia Rosa dos Santos e Rosane Borges, pelas arguições e indicações bibliográficas na Banca de Qualificação.

*Mas onde estão  
Meus semelhantes na tevê  
Nossos irmãos  
Artistas negros de atitude e expressão  
Você se põe a perguntar por que  
Eu não sou racista  
Mas meu ponto de vista é que  
Esse é o brasil que eles querem que exista  
Evoluído e bonito, mas sem negro no destaque  
(Voz ativa, 1992 – Racionais)*

## RESUMO

O objetivo da pesquisa é investigar as relações envolvendo tecnologias digitais e as tensões raciais, bem como o racismo na sociedade brasileira. A tese aqui defendida é a de que a dissuasão é uma forma de controle das tensões raciais, que se multiplicam na mesma proporção em que proliferam as tecnologias digitais de comunicação. A hipótese principal do trabalho sinaliza que, no racismo brasileiro, a dissuasão é uma forma de assegurar privilégios e vantagens de grupos detentores de poder. A fim de dispersar a grande onda nas redes sociais que reivindica representatividade e protagonismo, a classe hegemônica faz da superexposição mediática de alguns negros e negras um alibi de representação social suficiente. A pesquisa desenvolvida tem caráter qualitativo, com estratégia metodológica centrada tanto na análise do discurso, quanto na análise de conteúdo. O *corpus* selecionado é composto por 155 edições do Jornal Hoje (Rede Globo) e 127 edições do Jornal da Tarde (TV Cultura), exibidas nos primeiros seis meses de 2021. A escolha desses telejornais justifica-se por serem programas de emissoras com sinal aberto e de alcance nacional, apresentados diariamente por jornalistas negras. A fundamentação empírica complementar da pesquisa é formada por fragmentos de postagens publicadas em perfis de redes sociais. A interpretação dos dados e a linha textual seguem argumentação crítica, baseada em demonstração teórica e na significação social-histórica de fatos que desvelam o racismo e seu processo dissuasório. O quadro teórico de referência se alicerça nas reflexões de Sueli Carneiro, Lelia Gonzales, Clóvis Moura e Silvio Almeida (racismo estrutural brasileiro); Muniz Sodré e Dennis Oliveira (racismo mediático); Eugênio Trivinho (visibilidade mediática e glocal); Rosane Borges, Bell Hooks e Patrícia Hills Collins (visibilidade e representatividade negra), entre outras autorias relevantes. Conclui-se que a dissuasão racial serve à reprodução do poder conservador.

**Palavras-chave:** Comunicação. Difração. Dissuasão. Racismo. Superexposição. Visibilidade mediática.

## ABSTRACT

This study aims to investigate the relationship involving digital technologies and racial tensions as well as racism in Brazilian society. The thesis defended here is that dissuasion is a way of controlling racial tensions, which multiplies in the same proportion as digital communication technologies proliferate. The main hypothesis of the work indicates that, in Brazilian racism, deterrence is a way of ensuring privileges and advantages for groups that hold power. In order to disperse the great wave on social networks that claim representativeness and protagonism, the hegemonic class makes the media overexposures some black men and women as an alibi of sufficient social representation. The research has a qualitative approach, with a methodological strategy centered both on discourse analysis and on content analysis. The selected corpus is composed of 155 editions of *Jornal Hoje* (Rede Globo) and 127 editions of *Jornal da Tarde* (TV Cultura), shown in the first six months of 2021 and nationwide, presented daily by black journalists. The complementary empirical foundation of the research is formed by fragments of posts published in social network profiles. The interpretation of the data and the textual line follow a critical argument, based on theoretical demonstration and on the social-historical significance of facts that reveal racism and its deterrent process. The theoretical frame of reference is based on the reflections of Sueli Carneiro, Lelia Gonzales, Clóvis Moura and Silvio Almeida (Brazilian structural racism); Muniz Sodré and Dennis Oliveira (media racism); Eugênio Trivinho (media and global visibility); Rosane Borges, Bell Hooks and Patrícia Hills Collins (black visibility and representation), among other relevant authors. It is concluded that racial dissuasion serves the reproduction of conservative power.

**Keywords:** Communication. Diffraction. Dissuasion. Racism. Overexposure. Media visibility.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Novo ministro da Educação do governo Bolsonaro.....	17
Figura 2 - Imigrante congolês Moïse Kabagambe.....	29
Figura 3 - Genivaldo de Jesus Santos.....	29
Figura 4 - Rafaela Silva, campeã olímpica de judô.....	30
Figura 5 - Carolina Soares participando do Jornal Hoje, da Rede Globo.....	31
Figura 6 - Discursos racistas de autoridades.....	32
Figura 7 - Cleonice Gonçalves, a primeira vítima da covid-19.....	34
Figura 8 - George Floyd.....	44
Figura 9 - Movimento mulheres unidas contra Bolsonaro.....	45
Figura 10 - Comentários do Maganize Luiza.....	47
Figura 11 - Comentários da Bayer Brasil.....	48
Figura 12 - Efeito da Difração.....	51
Figura 13 - Heraldo Pereira comanda o programa Em Pauta com as jornalistas Maria Júlia Coutinho, Zileide Silva, Aline Midlej, Flávia Oliveira e Lilian, Ribeiro.....	53
Figura 14 - Revista Afirmativa.....	55
Figura 15 - Alma Preta.....	56
Figura 16 - Correio Nagô.....	57
Figura 17 - Instituto da Mulher Negra Geledés.....	57
Figura 18 - Mundo Negro.....	58
Figura 19 - Notícia Preta.....	59
Figura 20 - Historiadorxs Negrxs.....	60
Figura 21 - Cultne.....	61
Figura 22 - Esboços do Contemporâneo / Canal Rosane Borges.....	61
Figura 23 - Pensar Africanamente.....	62
Figura 24 - Joyce Ribeiro, primeira mulher negra a assumir a bancada de um jornal diário.....	64
Figura 25- Maju Coutinho, a nova apresentadora do Jornal Hoje.....	64
Figura 26 - Jornal Hoje.....	68
Figura 27 - Jornal da Tarde.....	72
Figura 28 - Comentário da apresentadora Joyce Ribeiro em sua página no Facebook.....	77
Figura 29 - Joyce Ribeiro faz promoção de ações contra o racismo em sua página no Instagram.....	77
Figura 30 - Maju Coutinho presta homenagem ao ator Chadwick Boseman.....	78
Figura 31 - Foto de Maju Coutinho com seus colegas de trabalho.....	79
Figura 32 - Repercussão no Twitter sobre a fala de Babu Santana.....	90
Figura 33 - Imagem de protestos em diversas unidades do Carrefour.....	92
Figura 34 - Imagem de protestos em diversas unidades do Carrefour.....	92
Figura 35 - Sérgio Camargo, Presidente da Fundação Palmares.....	93
Figura 36 - Atriz Zezé Mota.....	94
Figura 37 - Joaquim Barbosa, ex-presidente do Supremo Tribunal Federal.....	95

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Relatório de pobreza e equidade no Brasil.....	25
Gráfico 2 - Pessoas que passam fome no Brasil.....	26
Gráfico 3 - Total da população negra que possuem Graduação.....	26
Gráfico 4 - Remuneração média por hora de trabalho.....	27
Gráfico 5 - Empregadas do lar.....	33
Gráfico 6 - População negra é a que mais morreu com a pandemia da covid-19.....	35
Gráfico 7 - Radialistas na cidade de São Paulo -1950.....	39
Gráfico 8 - Jornal Hoje - Janeiro / 2021.....	69
Gráfico 9 - Jornal Hoje - Fevereiro / 2021.....	69
Gráfico 10 - Jornal Hoje - Março/2021.....	70
Gráfico 11 - Jornal Hoje - Abril/202.....	70
Gráfico 12 - Jornal Hoje - Maio /2021.....	71
Gráfico 13 - Jornal Hoje - Junho/2021.....	71
Gráfico 14 - Jornal da Tarde - Janeiro /2021.....	73
Gráfico 15 - Jornal da Tarde - Fevereiro/2021.....	73
Gráfico 16 - Jornal da Tarde - Março/2021.....	74
Gráfico 17 - Jornal da Tarde - Abril/2021.....	74
Gráfico 18 - Jornal da Tarde - Maio/2021.....	75
Gráfico 19 - Jornal da Tarde - Junho/2021.....	75

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Amostragem / Total de 155 edições do Jornal Hoje.....	68
Quadro 2 - Amostragem com 127 edições do Jornal da Tarde.....	72
Quadro 3 - Panorama quantitativo / Classificação dos grupos.....	81

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABIA	Associação Brasileira da Indústria de Alimentos
FBSP	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
ONU	Organização das Nações Unidas
PENSSAN	Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO I – RACISMO BRASILEIRO: UMA LÓGICA DE PODER .....</b>	<b>22</b>
1.1 Pandemia de covid-19 e racismo .....	32
<b>CAPÍTULO II – TENSÕES RACIAIS E FENÔMENO GLOCAL .....</b>	<b>38</b>
2.1 Recrudescimento das tensões raciais .....	45
<b>CAPÍTULO III – DIFRAÇÃO NEGRA .....</b>	<b>51</b>
3.1 Afirmativa.....	54
3.2 Alma Preta .....	55
3.3 Correio Nagô .....	56
3.4 Geledés .....	57
3.5 Mundo Negro.....	58
3.6 Notícia Preta .....	58
<b>CAPÍTULO IV – PESQUISA EMPÍRICA E ANALÍTICA .....</b>	<b>64</b>
4.1 Os telejornais .....	66
4.2 Jornal Hoje.....	67
4.3 Jornal da Tarde .....	72
<b>CAPÍTULO V – DISSUAÇÃO RACIAL.....</b>	<b>86</b>
5.1 A dissuasão progenitora.....	87
5.2 Quem é negro(a)?: a porfia dissuasiva .....	89
5.3 Dissuasão comparativa norte-americana .....	91
5.4 A superexposição mediática dissuasiva.....	94
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>96</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>98</b>
<b>APÊNDICE 1 – A participação de negros(as) no Jornal Hoje .....</b>	<b>105</b>
<b>APÊNDICE 2 – A participação de negros(as) no Jornal da Tarde.....</b>	<b>125</b>

## INTRODUÇÃO

O digital se tornou um imperativo para todas as relações, ações e decisões; e a comunicação, o eixo de articulação estrutural de todas as áreas. De uma forma ou outra, ela tutela relações econômicas, políticas, sociais, culturais. O ferramental digital invade maciçamente o cotidiano, a exemplo de vocábulos como agilidade, praticidade e rapidez, que aparecem repetidamente nos diálogos profissionais e pessoais. Sua utilização tornou-se termômetro de avanço ou atraso de uma sociedade, aferição em grande medida, patrocinado por interesses mercadológicos. O ciclo do capital em curso parece caminhar de imagem em imagem, sejam elas estáticas ou em movimento. Se no primevo o controle do metalismo simbolizava domínio, no atual ciclo, o controle das imagens representa poder. As imagens não se limitam ao sentido figurado, aquelas vistas nos livros, nas revistas e televisões, nos computadores e *smartphones*, hoje estão simbolicamente presente no imaginário social. De forma geral, no digital as imagens rapidamente circulam, gerando reflexões inéditas e repondo velhas discussões. Consequentemente, provoca reivindicações, tensões, disputas etc.

Em junho de 2020, ao ser nomeado ministro da Educação do Brasil, imagens e vídeos do economista Carlos Decotelli foram expostas diuturnamente em todos os segmentos midiáticos (massificados: jornais, revistas e televisão; interativos: *sites*, Facebook, Instagram, Twitter; híbridos: YouTube etc.). Se, por um lado, sua passagem pela pasta foi breve, por outro, sua exposição midiática foi intensa. Isso é o que chamamos de superexposição. Vale lembrar que o prefixo *super* etimologicamente significa posição acima de; abundância; excesso. Por sua vez, o substantivo feminino *exposição* é utilizado no sentido do que é exposto. O fenômeno é característico da sociedade de época alicerçada no digital e é percebido por meio de sua intensidade. De partida, é preciso dizer que superexposição significa visualidade, mas nem toda superexposição tem este significado. Em outras palavras, a visualidade refere-se ao campo da visão e a visibilidade refere-se ao campo do político, do imaginário.

Avesso aos ritos oficiais de comunicação, Jair Bolsonaro compartilhou em suas redes sociais uma foto na qual anunciava o nome de Carlos Decotelli como novo ministro da Educação. No entanto, antes de informações como capacidade, competência e currículo, outra informação chegou primeiro: seu corpo negro. Neste estudo, a palavra negro(a) representa uma categoria política. Trata-se da junção protetiva daqueles que são alvo, pretos e pardos. A questão será retomada adiante.

Figura 1 - Novo ministro da Educação do governo Bolsonaro



Fonte: CNN Brasil (2020) Divulgação MEC (5 fev.2019)

No entanto, o economista ficou à frente do ministério por apenas cinco dias. A justificativa dada para revogação de sua indicação foi a existência de irregularidades em seu currículo acadêmico. Vale explicitar que não se advoga aqui a favor de Carlos Decotelli, mas é curioso que outros ministros (brancos) que indicaram titulações inexistentes em seus currículos continuaram no governo. Na imprensa hegemônica, a atenção dispensada ao caso Decotelli foi muito maior, numa comparação com as informações a respeito das irregularidades nos currículos dos outros ministros. Isso demonstra que, mesmo alinhado à cartilha do governo federal, ele não recebeu o mesmo tratamento dado aos demais. Convém comentar que a indicação de Decotelli ocorreu em um período em que as discussões a respeito do racismo estavam em alta no Brasil, muito em decorrência dos assassinatos do estadunidense George Floyd, em Minnesota, e do jovem João Pedro Mattos, no Rio de Janeiro.

A pesquisa feita pelo sistema analítico Quaest, publicada no jornal O Globo (2021), demonstra que foram registradas 407 mil publicações sobre racismo feita por aproximadamente 235 mil perfis diferentes (Twitter, Facebook e Instagram). Em média, nos outros meses, foram registradas 111 mil publicações, com exceção de novembro (que teve aumento de 192%). Historicamente, esse mês tem aumento nas publicações sobre o racismo, devido ao Dia da Consciência Negra.

Nesse mosaico de fatos, teria sido a indicação do ministro uma estratégia de dissuasão, a fim de afastar a pecha de racista, já que o governo não tinha nenhum(a) negro(a) no alto escalão? O que se pode afirmar é que a superexposição de Carlos Decotelli reavivou tensões raciais na web. Em tom celebrativo, aqueles que afirmam que o racismo brasileiro é circunstancial – isso quando não negam sua existência – comemoram. O discurso negacionista (reacionário) alega que as oportunidades são iguais para todos e que qualquer

ação que favoreça a igualdade racial é vitimismo. Nesse cenário, nota-se como soa espetaculoso o anúncio de um negro ou uma negra a ocupar lugar de destaque em alguns espaços mediáticos. Logo, o enredo biográfico meritocrático – lembrando a saga do herói de Campbell – do(a) negro(a) pobre que conseguiu “vencer na vida” tem suas palavras exaltadas como se dissessem: “se tu lutas, conquistas”, esquecendo-se das desigualdades históricas, econômicas, políticas e sociais que permeiam a vida da população negra brasileira, e que invocam a noção de racismo.

A ausência de negros e negras na televisão brasileira se faz presente desde a década de 1950, ou seja, o período que marca o início das atividades televisivas no país. Passados setenta anos, pinça-se uma participação aqui, outra ali, uma entrevista aqui, um programa ali. Escassos são os casos de negros(as) como protagonistas nas telenovelas. Raramente estão à frente de programas de auditório e *talk shows*.

O digital, de certa forma, possibilitou uma ampliação da produção e divulgação de conteúdos relacionados à cultura negra brasileira, não aquela imposta pelo colonizador, em que negros e negras são olvidados, mas narrativas que promovem o protagonismo negro. Entendemos que essa dinâmica fomenta uma onda de reivindicações por representação (o estar, o constar, o aparecer) e representatividade (representar, ser expoente) que tencionam as discussões relacionadas ao racismo na sociedade brasileira, causando um mal-estar.

Como escudo, o racismo favorece uma estrutura dominante, qualquer sinal de mudança soa como ameaça aos privilégios do poder. Lembra o que disse o cantor Emicida “o racismo brasileiro é muito sofisticado”, no Brasil, criou-se uma “mitologia a respeito de si mesmo de que esse tipo de segregação não se reproduz no seu solo, porque só há racismo de fato em lugares como Estados Unidos ou na África do Sul” (EMICIDA, 2020). Antes, Lelia Gonzales<sup>1</sup> disse:

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas... Nem parece preto. (GONZALES, 1984, p. 226).

Conjuminado aos conteúdos expostos, a presente pesquisa tem como ambição investigar em que medida a superexposição mediática de um negro ou uma negra pode causar

---

<sup>1</sup> Em referência à fala de Lélia Gonzalez incluímos sua biografia pela importância do seu nome para os estudos acadêmicos. Lélia foi uma intelectual, autora, política, professora, filósofa e antropóloga brasileira. Foi pioneira nos estudos sobre Cultura Negra no Brasil e cofundadora do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras do Rio de Janeiro, do Movimento Negro Unificado e do Olodum.

um efeito dissuasivo na luta contra o racismo e, ainda, de que maneira as redes sociais tensionam as relações raciais.

Por sua vez, a hipótese é que no racismo brasileiro a dissuasão é uma forma de assegurar os privilégios e vantagens, a fim de dispersar a onda negra em curso que reivindica representatividade e protagonismo, conseqüentemente a classe hegemônica faz da superexposição mediática de alguns negros e negras um álibi de representação social suficiente.

O objetivo da pesquisa é investigar as relações envolvendo tecnologias digitais e as tensões raciais, bem como o racismo na sociedade brasileira. A partir daí, o objeto epistemológico analisa as relações envolvendo racismo, dissuasão e comunicação. Em função disso, o objeto empírico é composto por todas as edições do Jornal Hoje (Rede Globo) e do Jornal da Tarde (TV Cultura) exibidas no primeiro semestre de 2021. Por sua vez, o objetivo é catalogar e analisar a participação de pessoas negras nos telejornais. A rigor, foram analisadas 155 edições do Jornal Hoje e 127 edições do Jornal da Tarde. A escolha se deu por serem telejornais vespertinos em emissoras de sinal aberto com alcance nacional, apresentados, diariamente, por jornalistas negras que possuem uma superexposição mediática. Vale ressaltar que os dados coletados se referem ao material transferido, oficialmente, da transmissão televisiva para o canal do YouTube e Globoplay.

O método de interpretação dos dados mescla Análise de Conteúdo e Análise do Discurso, caracterizando a pesquisa como qualitativa. O referencial teórico desta pesquisa foi desenvolvido a partir do levantamento bibliográfico, que inclui uma revisão de literatura científica em diversos campos do conhecimento. Cumpre informar que o autor não utilizou exclusivamente conteúdos produzidos por pessoas negras, mas priorizou sua utilização, no sentido de prestar uma humilde homenagem aos intelectuais negros que pavimentaram alguns caminhos. A rigor, o padrão normativo segue as regras da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), no entanto, especificamente, nos casos das citações indiretas cuja Norma 10520<sup>2</sup> orienta o uso do sobrenome e do ano, de forma proposital, os nomes das autoras foram escritos de forma completa, a fim de combater um patriarcado normativo. Vale lembrar que essa ação não gera prejuízo na recuperação e divulgação da fonte de informação.

A Tese está dividida em cinco capítulos. No primeiro, discute-se a partir de uma perspectiva crítica/histórica o racismo na sociedade brasileira. O segundo capítulo retrata a comunicação como espaço hostil para negros e negras. Por sua vez, no terceiro, apresenta-se a

---

<sup>2</sup> ABNT 10520 – Informação e documentação

conceituação do fenômeno da difração racial. O quarto capítulo mostra o mapeamento da participação de pessoas negras nos telejornais, bem como a análise dos dados. Por fim, o último capítulo trata do que denominamos de dissuasão racial.

## **PRIMEIRO CAPÍTULO**

### **RACISMO COTIDIANO BRASILEIRO**

O capítulo inaugural da Tese concede atenção à lógica estrutural do racismo na sociedade brasileira. Em particular, são elencados casos que evidenciam o racismo sistêmico, cujo alvo principal é a população negra.

## CAPÍTULO I – RACISMO BRASILEIRO: UMA LÓGICA DE PODER

Agora, tudo é racismo! Algumas frases não nos deixam – lembrando Elias Canetti –, sempre voltam à mente como se cobrassem uma revisita ao seu sentido. Essa frase exclamativa, que aparece com frequência nas redes sociais digitais, é uma delas.

Ao analisar esta frase percebe-se um certo tom de irritação com o agora (presente), como se no passado tudo fosse melhor. Lastima-se a mudança. Aparenta um desejo nostálgico do ontem. Em outros termos, algo parece estar fora do normal. O tudo representa uma totalidade, ou seja, não abre margem para alternância, como se costuma dizer em disputas esportivas: é tudo ou nada. De modo que o nada sendo antônimo da totalidade indica que em grau nenhum algo existe. Na sequência, a letra é, do verbo ser, indica estado permanente. Por sua vez, a palavra racismo surge da junção do termo raça (da língua italiana *razza* derivada do latim *ratiō-ōnis*) e do sufixo ismo<sup>3</sup>. No entanto, na tentativa de compreender o racismo na atualidade vale alguns apontamentos a respeito da dinâmica das relações raciais no Brasil.

Cumprе enfatizar que o conceito de raça nada tem a ver com questões genéticas ou biológicas, como defendido pelo ideário eugenista brasileiro. O periódico intitulado *Boletim de Eugênia*, que circulou no início do século XX, explicita isso:

No Estado de São Paulo, onde a política de imigração tem história, onde desde 1886 uma diretriz foi traçada que nunca deverá ser posta a margem, esta história merece de vez em quando ser rememorada, para que não caia no olvido [...]. Fundada pelos fazendeiros em 1886 a Sociedade Promotora de Imigração, logo os planos para a escolha dos elementos imigratórios a serem introduzidos [...]. Ficou, pois, desde logo, assentado que os imigrantes a serem trazidos para as lavouras do Estado São Paulo seriam os italianos. Do êxito dessa instituição não precisamos falar. [...] Os erros do passado com a introdução do africano e com a mescla do índio, ambos cruzados ao elemento português, que em tempos tornaram o Brasil um conglomerado de mestiços, só mais tarde, e paulatinamente desaparecendo pelo maior afluxo do sangue português, não passaram despercebidos aos paulistas de quarenta anos atrás, que em vez de tentar agravar o mal, adicionando elementos de raças diversa, julgam ser seu dever sanear e melhorar etnicamente a sua população pela introdução de grandes contingentes de sangue ariano. Eis a formidável lição dos paulistas de 1886 na formação da nossa raça. Julgo oportuno repetir que não tenho preconceito de raças, pois em todas reconheço qualidades dignas de admiração. Na organização, porém, da nossa casa, penso que nos assiste o direito de poder escolher a espécie que mais nos convêm. Os erros de passado não podem constituir precedentes para que persistamos a pô-los em prática. Pelo contrário, sempre é tempo de remedialos os, e essa é nossa obrigação. O Brasil, pelo menos em partes como São

---

<sup>3</sup> Doutrinas, crenças, teorias, filosofias, sistemas, modos de proceder, maneira de pensar etc.

Paulo e outros Estados já apresenta uma população definida de tipo que nos convém conservar aperfeiçoando, e não destruindo. A introdução de raças diferentes formando o tipo que deve prevalecer não é aconselhável sob qualquer aspecto. [...] a mescla de raças completamente distintas produz indivíduos condenáveis sob o ponto de vista físico. (BOLETIM DE EUGENIA, 1929, n.11).

O trecho acima é parte da conferência intitulada *O problema imigratório e o futuro*, realizada no Rotary Club de São Paulo em 1929. Demonstra o desejo da aristocracia de ocultar um passado forjado no trabalho forçado de negros e negras, bem como tudo aqui que pudesse remeter à cultura afro-brasileira. O objetivo era branquear o Brasil.

Aí coloca-se o dilema do passado com o futuro, do atraso com o progresso e do negro com o branco como trabalhadores. O primeiro representaria a animalidade, o atraso, o passado, enquanto o branco (europeu) era o símbolo do trabalho ordenado, pacífico e progressista. Desta forma, para se modernizar e desenvolver o Brasil só havia um caminho: colocar no lugar do negro o trabalhador imigrante, descartar o país dessa carga passiva, exótica, fetichista e perigosa por uma população cristã, europeia e morigerada. (MOURA, 1988, p.79).

Sendo assim, o conceito de raça é determinado pela estrutura de poder em vigor. Segundo Guimarães (1999):

[...] raça é um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural. Trata-se, ao contrário, de um conceito que denota tão somente uma forma de classificação social, baseada numa atitude negativa frente a certos grupos sociais, e informada por uma noção específica de natureza como algo endodeterminado. A realidade das raças limita-se, portanto, ao mundo social. (GUIMARÃES, 1999, p.11).

O endodeterminado traz em seu bojo a ideia de interior, como algo estático, ocupando determinada posição dentro da escala hierárquica. Considerando o passado colonial escravista brasileiro não é difícil perceber quem é o grupo racial em desvantagem. Como bem observou Lelia Gonzales (1984), os espaços dos negros e negras já estão predeterminados, são aqueles longe do poder, perto da subalternidade. Para a pesquisadora Sueli Carneiro, isso ocorre por razões específicas:

A sustentabilidade do ideário racista depende de sua capacidade de naturalizar a sua concepção sobre o Outro. É imprescindível que esse Outro dominado, vencido, expresse em sua condição concreta, aquilo que o ideário lhe atribui. É preciso que as palavras e as coisas, a forma e o conteúdo, coincidam para que a ideia possa se naturalizar. A profecia auto-realizadora é imprescindível para a justificação da desigualdade. Nesse sentido, a pobreza a que estão condenados os negros no Brasil, é parte da estratégia racista de naturalização da inferioridade social dos grupos dominados a saber negros ou afrodescendentes e povos indígenas. (CARNEIRO, 2005, p. 29-30).

O que chama a atenção neste pensamento de Sueli Carneiro é a existência de elementos relacionados a um mecanismo de poder. Isso não é à toa. Utilizando os conceitos de dispositivo e biopoder de Michel Foucault, a autora desenvolve a teoria do “dispositivo de racialidade/biopoder”.

Foucault empreende a distinção entre tecnologias do poder instituídas pelos dispositivos disciplinares e as novas tecnologias de poder instituídas pelo biopoder. Fica claro que os dispositivos dizem respeito a tecnologias de poder que visam o adestramento do corpo, sobretudo para o trabalho. São técnicas de controle e aperfeiçoamento do rendimento do corpo. Surgem no Brasil, por exemplo, sob a égide do esforço de modernização no pós-abolição, que inclusive as modernizaram, as técnicas de aperfeiçoamento físico, entre elas a ginástica. Assim, concorrem no domínio da racialidade no Brasil os dois gabaritos de inteligibilidade: o do dispositivo de poder, voltado para o adestramento e eleição/subordinação das racialidades, informado por visões raciais produzidas historicamente; e, em dimensão mais ampla, opera a lógica do biopoder conformando em nosso entendimento um dispositivo de poder híbrido: o dispositivo de racialidade/biopoder um instrumento de produção e reprodução sistemática de hierarquias raciais e, mesmo produção e distribuição de vida e de morte. (CARNEIRO, 2005, p. 93-94).

Sendo assim, pode-se afirmar que na lógica dominante brasileira soa natural que a população negra seja maioria nas estatísticas ruins. Por um viés teórico, o racismo é

[...] uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (ALMEIDA, 2018, p. 25).

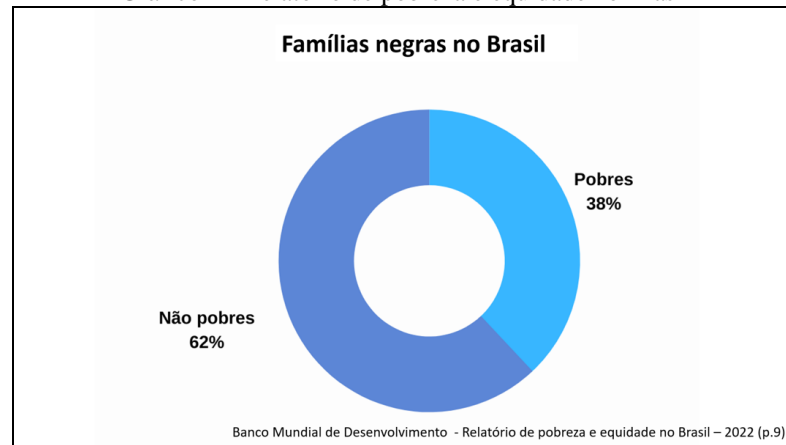
Essa base teórica, em suma, fundamenta a resposta à indagação. Agora, tudo é racismo? Sim, tudo sempre foi racismo. A frase em questão visa, sobretudo, desqualificar a existência do racismo estrutural. A Constituição Federal de 1988, em seu artigo quinto, expressa que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza [...]”<sup>4</sup>. No entanto, Clovis Moura (2020, p. 213) “mostra que o racismo brasileiro se caracteriza pela utilização de estratégias discriminatórias camufladas em diversos níveis e graus da estrutura social brasileira” que funciona “como mecanismo de defesa ideológica à filosofia do branqueamento”. Nesse sentido, Silvio Almeida (2018, p. 51) defende que a “viabilidade da reprodução sistêmica de práticas racistas está na organização política, econômica e jurídica da sociedade. O racismo se expressa concretamente como desigualdade política, econômica e jurídica”. Destarte, Dennis de Oliveira (2021, 62 p.) aponta que o racismo brasileiro “é uma ideologia que “cimenta” relações sociais particularmente em um país atravessado

---

<sup>4</sup> Constituição de 1988.

historicamente por mais de três séculos de escravização de africanos” que foi “abolida de forma conservadora tardiamente”. Lélia Gonzales (1988, p.73) entende que essa estratégia de não oficialização do racismo não precisa vigorar legalmente “uma vez que as hierarquias garantem a superioridade dos brancos enquanto grupo dominante”. Em reforço à argumentação teórica, vale observar alguns dados empíricos. O relatório de pobreza e equidade publicado pelo Banco Mundial de Desenvolvimento em 2022 mostra que no Brasil 38% das famílias negras são pobres, cujo renda percepta mensal é inferior a R\$ 499. O gráfico abaixo ilustra essa informação.

Gráfico 1 - Relatório de pobreza e equidade no Brasil



Fonte: The World Bank (2022)

Além da violência, a fome é uma das desigualdades mais cruéis. Segundo o Mapa da Fome, divulgado pela Organização das Nações Unidas (ONU), desde 2015 o Brasil não figura no relatório. Porém, em 2018, retornou e viu esse número aumentar em decorrência da Pandemia de covid-19. Estudo divulgado pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (PENSSAN) mostra que em 2022, 33 milhões de pessoas passam fome em solo nacional, desse 70% são negras (o próximo gráfico ilustra isso). Contraditório se pensarmos que o Brasil é um dos países líderes de exportação de alimentos do mundo, com faturamento médio de 656 bilhões (ABIA, 2022)<sup>5</sup>, que corresponde a 9,6% do produto interno bruto (PIB).

<sup>5</sup> A ABIA, Associação Brasileira da Indústria de Alimentos, é a maior representante da indústria da alimentação. Sua missão é promover o desenvolvimento econômico e socioambiental do setor produtivo, em harmonia com os interesses da sociedade e da cadeia do agronegócio, por meio do diálogo, da inovação e da tecnologia, contribuindo assim para a melhoria da qualidade de vida e para um futuro mais saudável e mais sustentável.

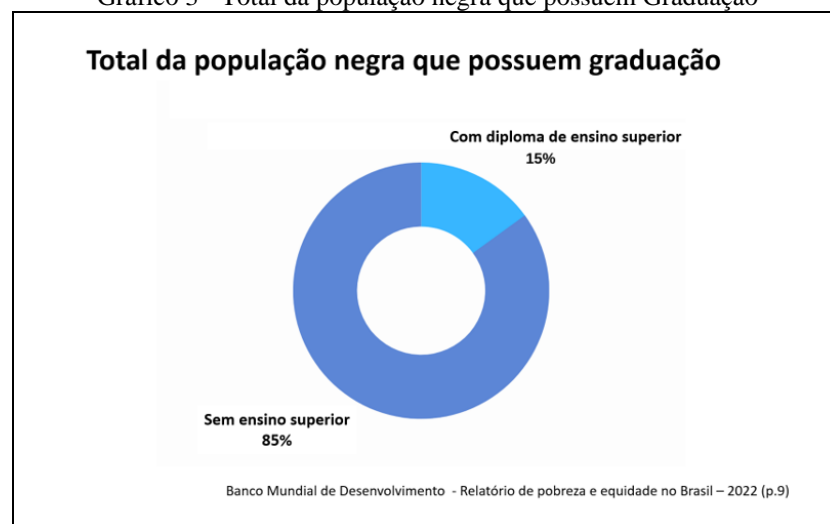
Gráfico 2 - Pessoas que passam fome no Brasil



Fonte: Pesquisas San (2022)

Por sua vez, as desigualdades educacionais ainda persistem no Brasil em todos os níveis. De certo, é na graduação e pós-graduação que as discussões a respeito das ações afirmativas ganhem mais holofotes, pois a academia é símbolo de poder. As políticas de cotas, mesmo apresentando resultados positivos, causam incômodo em alguns. O abismo educacional é profundo, mesmo com as ações de fomento o número de negros e negras que conseguem entrar, permanecer e concluir o ensino superior é baixo, somente 15% da população negra possuem graduação. O gráfico seguinte apresenta os números.

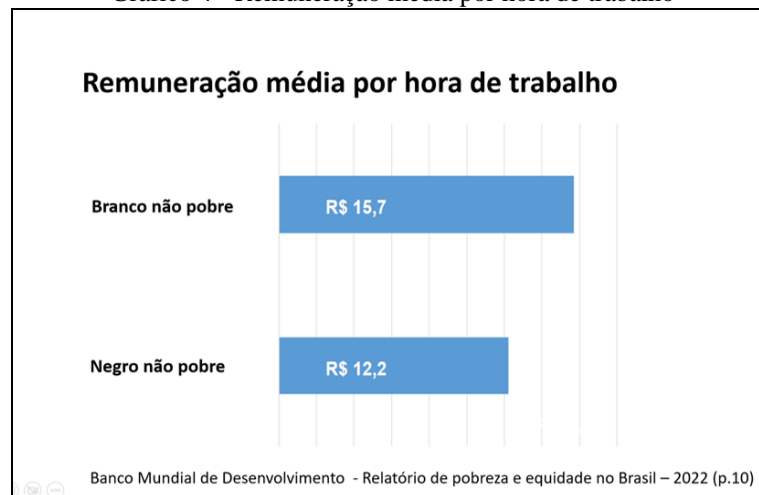
Gráfico 3 - Total da população negra que possuem Graduação



Fonte: The World Bank (2022)

A pesquisa aponta que mesmo aqueles que conseguem ingressar no mercado de trabalho, o rendimento médio entre a população negra e população branca é desigual. O próximo gráfico mostra essa diferença em reais.

Gráfico 4 - Remuneração média por hora de trabalho



Fonte: The World Bank (2022)

Em consonância com as conceituações, entende-se que o ideário racista preza pelo continuísmo, como se qualquer reivindicação de mudança soasse como ruptura na normalidade. Sueli Carneiro (2005) enxerga que essa “quebra de contrato” gera um desconforto em determinados seguimentos da sociedade.

Fundamentada na teoria do Contrato Racial elaborada pelo filósofo jamaicano Charles Mills, a autora, a partir de uma perspectiva brasileira, propõe que “Contrato Racial é um contrato firmado entre iguais, no qual os instituídos como desiguais se inserem como objetos de subjugação, daí ser a violência o seu elemento de sustentação” (CARNEIRO, 2005, p.48). Essa sustentação apresenta-se na violência racial que tem como alvo a população negra como mostra os diversos levantamentos, mesmo o Brasil, oficialmente, não possuindo um documento regulamentando a pena de morte.

Qualquer estudo relacionado à população negra no Brasil que não leve em consideração a violência à qual esses brasileiros são submetidos versa com a acrítica. Não é uma espécie de pedágio falar a respeito do tema, trata-se de aproveitar as oportunidades para denunciar as desigualdades raciais que vigoram no país. Ao realizar o recorte racial em qualquer campo da sociedade, percebe-se a desigualdade entre negros e brancos.

Aplica-se a análise pelo campo da segurança pública. Como pensar em igualdade quando as maiorias das estatísticas apontam que a população negra é a que mais morre. Em 2021, segundo os números do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), 75,8% das vítimas de homicídios, 64,3% das vítimas de latrocínio, 75,3% das vítimas de lesão corporal seguida de morte eram negras. Os dados do Atlas da Violência demonstram que o risco de um negro ser assassinado no Brasil é 2,6 vezes maior do que a de um não negro. O discurso autoritário busca relacionar essas mortes ao envolvimento com o crime para refugar a tese da

desigualdade racial. Algo que não se sustenta, já que mesmo dentro das corporações essa desigualdade existe. Outro levantamento do FBSP (2020) aponta que 42% da força policial (militar, civil e federal) é composta por pessoas negras, no entanto, o número de policiais negros mortos foi de 62,7%. Os postos de comando são ocupados quase sempre por policiais brancos, os negros de uma certa força estão na linha de frente do confronto. Em suma, o corpo negro é sempre o alvo.

Numa perspectiva apaziguadora, costuma-se dizer que a violência racial foi algo que ficou no passado colonial. Os castigos, torturas e mortes de negros e negras em praça pública foi algo terrível, ainda bem que foram métodos abolidos em 1888.

Há tempos, o Movimento Negro e órgãos ligados aos Direitos Humanos denunciam que essas práticas nunca deixaram de existir no Brasil. No entanto, explicitamente, as tecnologias digitais mostram que estas práticas não estão tão distantes assim. No período escravagista, pelourinho era o nome dado aos locais em que pessoas negras eram submetidas a todo tipo de violência, geralmente ficava em espaços centrais em fazendas e cidades, local estratégico, onde todos(as) pudessem ver o que acontecia com aqueles que ousassem descumprir as regras. Na sociedade vigente, pautada pelas redes sociais digitais; pelas conexões em rede (Web) e comunicação em tempo real, a praça pública caracteriza-se no virtual.

Sendo assim, no primeiro semestre de 2022, dois vídeos repercutiram na ágora mediática. Em ambos os casos, homens negros assassinados por ousarem descumprir as regras. Em 24 de janeiro, o imigrante congolês Moïse Kabagambe (24 anos) foi morto em um quiosque no Rio de Janeiro. Ele foi brutalmente espancado por três civis após cobrar pagamentos atrasados por seu trabalho.

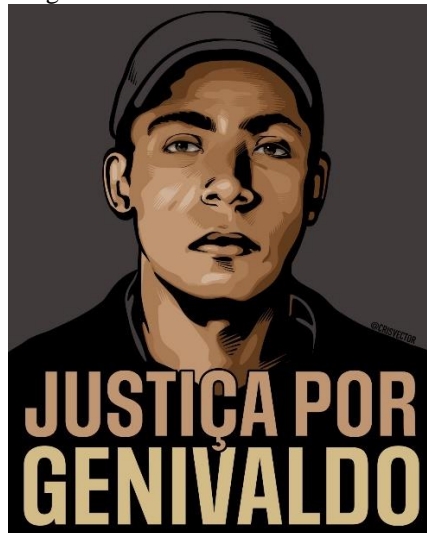
Figura 2 - Imigrante congolês Moïse Kabagambe



Fonte: Gshow.Globo (2022)

No segundo caso, um homem negro foi morto por dirigir uma motocicleta sem o uso de capacete. Em 25 de maio, em Sergipe, dois policiais rodoviários federais mataram Genivaldo de Jesus Santos (38 anos) de forma brutal, ao fechá-lo dentro da viatura com grande quantidade de gás.

Figura 3 - Genivaldo de Jesus Santos



Fonte: O Globo (2022)

A pergunta que se impõe é: e se fossem brancos? As estatísticas descritas anteriormente indicam que o desfecho, provavelmente, seria outro. Sueli Carneiro conceitua que esta é uma dinâmica característica de sociedades fundadas no colonialismo, o corpo negro é descartável, consequência da junção de biopoder e racialidade. Na mesma linha, Achille Mbembe (2018, p. 123), também fundamentado em Foucault, diz que essa combinação apresenta efeitos de uma política fatal, chamada de “necropolítica”. Segundo o autor, é a

“expressão máxima da soberania que reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer”. Sueli Carneiro acrescenta que “a racialidade estará submetida em todos os seus vetores pelo poder de soberania que a informa e que decide sobre o valor de cada vida e de cada morte no âmbito da racialidade (CARNEIRO, 2005, p.78). Nesses dois casos, oferecem motivos suficientes para se ver o racismo na sociedade brasileira em sua essência. A agressão é perceptível e causa indignação, comoção e desejo de justiça em grande parcela da sociedade. Nesse âmbito, algo ainda carece de interpretação, ao assassinar Moise e Genivaldo seus algozes mostraram o que pode acontecer com quem os contraria. Demonstram uma espécie de ameaça simbólica, como se dissessem, não reclame, não se mova, aqui não é o seu lugar.

Nem mesmo, a projeção social livra as pessoas negras dessa violência racial. Em 2018, a campeã olímpica no ano de 2016, Rafaela Silva, que se deslocava do aeroporto para sua residência em um táxi na cidade do Rio de Janeiro foi abordada de forma truculenta por policiais militares.

Figura 4 - Rafaela Silva, campeã olímpica de judô



Fonte: Lance (2022)

Vale ressaltar que não se trata de um caso isolado, sobre o alibi de manutenção da segurança pública negros e negras em veículos automotivos – condutor ou passageiro – são alvo frequente de abordagens policiais. A movimentação de pessoas negras utilizando determinados veículos parece desafiar os padrões impostos por uma sociedade excludente. Como se dissessem, seu lugar é no transporte de massa. Recuperando o pensamento de Walter Benjamin, é difícil dissociar os automóveis do contexto bélico, dos campos de batalha, do combate ao inimigo. Segundo as estatísticas, na sociedade brasileira o inimigo tem cor. Lembra-se o caso de Costas Barros (2016), bairro periférico do Rio de Janeiro, em que

cinco jovens negros – Wilton Esteves, Roberto de Souza, Wesley de Castro, Cleiton Correa e Carlos da Silva – que estavam em um carro foram fuzilados com mais de 111 tiros disparados por policiais militares; ou o caso em que militares do exército atiraram 80 vezes contra um carro que carregava uma família negra no Rio de Janeiro em um domingo à tarde (2019). A ação resultou no assassinato do músico Evaldo Rosa dos Santos, que dirigia o automóvel e Luciano Macedo, que passava pelo local e tentou prestar socorro.

Como alternativa ao caótico transporte coletivo, os aplicativos de carros estão cada vez mais presentes na maioria das cidades brasileiras. Uma das características desses serviços é o sistema de ranqueamento social de motoristas e passageiros. A partir da Uber, uma das principais empresas do setor, a pesquisadora Naiara Evangelo aponta como o racismo se faz presente nesses serviços.

[...] entre motoristas e passageiros negros as notas baixas sem explicação são comuns. São vários os casos de usuários e motoristas que recebem notas baixas, mesmo com comportamentos de acordo com os esperados no Código de Conduta estabelecido internamente pela empresa. (EVANGELO, 2022).

Nessa direção, o Poder Executivo Federal, eleito no pleito de 2018, demonstra em diversas passagens como o racismo está enraizado em seu âmago. Em janeiro de 2022, a pesquisadora negra Carolina Soares participou do Jornal Hoje da Rede Globo, comentando tecnicamente uma reportagem sobre segurança pública.

Figura 5 - Carolina Soares participando do Jornal Hoje, da Rede Globo



Fonte: UOL (2022)

Membros do governo federal foram até as redes sociais e teceram comentários racistas e sexistas a respeito da especialista.

Figura 6 - Discursos racistas de autoridades



Fonte: Congresso em Foco (2022)

Como de praxe, questionados a respeito dos comentários, os governistas negaram as acusações. Pesquisa realizada pelo site jornalístico Congresso em Foco (2022) apurou 94 discursos racistas de autoridades de 2019 até 2021, “pessoas que ocupam cargos de direção e assessoramento do governo federal, como ministros, secretários e presidentes de autarquias, foram os que mais proferiram os discursos” (MATOS, 2022).

Entende-se que no Brasil existe uma violência racial física/simbólica que procura manter a população negra em “seu lugar”, não se tem um documento jurídico segregador, como já visto em outros países, trata-se de normas redigidas simbolicamente pelos costumes, elas se dão de forma velada. Em função disso, pode-se entender qualquer ameaça de ruptura nessa lógica de poder, o racismo estrutural aciona sua normativa simbólica garantidora que assegura os privilégios e vantagens da classe hegemônica que denomina-se de dissuasão racial, sobre a qual se falará mais detidamente. Em conformidade à contextualização apresentada, convém comentar a respeito de racismo e pandemia.

### 1.1 Pandemia de covid-19 e racismo

Em 12 de outubro de 2022, última data de atualização deste texto, o Brasil registrou 687.182 óbitos por covid-19 (G1.GLOBO, 2022). No mundo é o terceiro maior em número de casos, são mais de 34 milhões (THE WORLD BANK, 2022). Para se ter uma ideia, é como se todos os habitantes dos estados da Bahia e Rio de Janeiro fossem contaminados. Estudos publicados em periódicos científicos apontam que muitos casos e óbitos poderiam ter sido evitados. A catástrofe só não foi maior por iniciativa de parte da sociedade civil que diante da má gestão governamental precisou se articular no enfrentamento do vírus. Soma-se a isso dois traços marcantes do período pandêmico que merecem reflexão. O primeiro, o racismo, essa herança colonial. Como o vento que dissipa o nevoeiro, a pandemia de covid-19 explicitou o quanto a população negra brasileira está exposta as más condições de vida. Nada diferente do que muitas pesquisas já informam há décadas. No entanto, pareceu causar espanto para alguns, inclusive para o governo federal, a existência de pessoas nessas condições. O discurso

que o novo coronavírus era democrático, por atingir a todos, não se sustentou por muito tempo. A falta de saneamento básico, moradia adequada, alimentos e a demora na criação do programa de transferência de renda emergencial – assim como sua rápida extinção – obrigou muitos a expor-se ao vírus. Correndo duplamente o risco de contágio (no labor e no transporte), as(os) trabalhadores do lar foram uma das categorias profissionais mais afetadas. Diferentemente dos trabalhadores da saúde que, merecidamente, receberam diversas homenagens, esses profissionais foram pouco lembrados. São ao todo 6,2 milhões de pessoas nessa ocupação (IBGE, 2018), desse montante as mulheres representam 92% e 68% são negras.

Gráfico 5 - Empregadas do lar<sup>6</sup>



Fonte: IBGE (2018)

Não por acaso, a primeira morte registrada por covid-19 foi em 22 de março de 2020. Cleonice Gonçalves não resistiu ao vírus, uma mulher negra de 63 anos, que trabalhava como empregada do lar. Ela contraiu o vírus na residência de sua patroa, que voltou da Itália – um dos primeiros países afetados drasticamente – para o Rio de Janeiro.

<sup>6</sup> O IBGE utiliza a expressão empregada doméstica. Nesta pesquisa opta-se pelo termo empregada do lar.

Figura 7 - Cleonice Gonçalves, a primeira vítima da covid-19



Fonte: Google Imagens (2022)

É curioso notar que a imagem de Cleonice Gonçalves percorreu o corredor multicomunicacional da visibilidade mediática, sendo visualizada em noticiários televisivos, redes sociais, portais de notícias etc. Contrariamente, nem o nome nem a imagem da patroa da vítima foram informados, deu-se o silêncio. Cida Bento lembra que “o silêncio não é apenas o não-dito, mas aquilo que é apagado, colocado de lado, excluído”, uma espécie de proteção simbólica, algo característico da branquitude acrítica. Ainda segundo a autora, “branquitude e território do silêncio, da negação, da interdição, da neutralidade, do medo, do privilégio (BENTO, 2002, p.167). Talvez venha daí a despreocupação com a vida das empregadas do lar ao incluir a categoria como atividades essenciais (aquelas que não poderiam ser interrompidas), e preocupação em não interferir na rotina dos patrões e patroas mantendo tudo dentro da habitual normalidade. Consequente, como em filme repetido, cujo final não traz surpresa, a população negra foi a que mais morreu em decorrência do covid-19, o gráfico seguinte demonstra os dados.

Gráfico 6 - População negra é a que mais morreu com a pandemia da covid-19



Fonte: Instituto Pólis (2022)

O segundo traço marcante do período em questão foi uma espécie de reacionarismo desenvergonhado fantasiado de conservador. Fecundado nas manifestações de junho de 2013, gestado em 2016, durante o processo de impeachment, e parido no pleito eleitoral de 2018. Inspiração, por sinal, vinda de países como Estados Unidos da América, Polônia, Hungria entre outros, que vivenciaram nos últimos anos a ascensão de políticos de extrema direita, defensores de pautas ultraconservadoras. Magali Cunha descreve algumas características:

Uma intensa expressão reacionária a avanços sociais que responderam aos Direitos Humanos e à busca da igualdade social (de classe, na distribuição de renda, de raça e etnia, de gênero); [...] a oposição à noção de gênero como termo transversal nos planos de educação pública e enfraquecimentos das políticas públicas para mulheres e LGBTQI+ [...] Uma nítida matriz religiosa está presente na reação, apoiada por setores conservadores não religiosos: o religioso utilizado para legitimar o projeto político e econômico capitalista (base religiosa católica e evangélica, em uma ‘unidade corporativa’ ou ‘oportunista’) com retórica do pânico moral baseada no medo e farto uso de desinformação, em especial fakenews, com linguagem que gera identificação popular às pautas reacionárias; Pautas pró-família e antigênero desenvolvidas por meio de duas frentes: Educação e Direito (Poder Judiciário) - duas vias políticas para ocupar as sociedades; O modelo neoliberal como alicerce da política econômica, ancorado na noção de Estado mínimo para facilitar qualquer iniciativa para o que o mercado protagonize o que deveriam ser políticas públicas. (CUNHA, 2020, p. 14).

Acrescenta-se a essas caracterizações discursos xenofóbicos, preconceituosos, racistas, homofóbicos e incentivo à militarização e armamento da sociedade, criando o fantasma do inimigo nacional o “comunismo”. Não o bastante, na pandemia de covid-19, a ocultação de

dados de interesse público dos sites governamentais e cerceamento de informações técnicas e a demora no processo vacinatório contribuíram para o sofrimento pandêmico.

Sem medo de exposição, trajados de verde e amarelo, empresários, investidores, especuladores, aqueles que de uma forma ou de outra ditam as regras do jogo financeiro, foram até as redes sociais defender o não distanciamento social e mostrar-se contrários às medidas de proteção com o vírus, priorizando as questões econômicas. Similarmente, sem vergonha alguma, essa classe dominante patrocinou e participou de protestos antidemocráticos contra o Supremo Tribunal Federal e o Congresso, além de pedir a volta da ditadura militar (1964-1985).

Passados dois anos, a pandemia ainda não acabou, comprovadamente, mas viu-se que a vacinação em massa proporcionou uma queda nos números de infecções e mortes, mesmo assim os discursos negacionistas ou que diminuem a importância do conhecimento técnico científico ainda persistem. Ao considerar o resultado do primeiro turno do pleito eleitoral de 2022, percebe-se que combinação macabra que resultou na morte de quase 700 mil pessoas (na maioria negros e negras) foi esquecida. Como disse a saudosa Elza Soares “a carne mais barata do mercado é a carne negra”.

## **SEGUNDO CAPÍTULO**

### **TENSÕES RACIAIS E FENÔMENO GLOCAL**

Este capítulo está consagrado às relações entre tecnologias digitais de comunicação, que alicerçam o fenômeno glocal e as disputas por representatividade e protagonismo *versus* manutenção de poder.

## **CAPÍTULO II – TENSÕES RACIAIS E FENÔMENO GLOCAL**

A história das telecomunicações no Brasil está imbricada com o racismo. O telégrafo foi a ferramenta fundadora das telecomunicações, criada em 1837 pelo estadunidense Samuel Morse. O equipamento permitia o envio de sinais elétricos codificados, por meio de fios de eletricidade, que podiam ser decodificados a quilômetros de distância. No Brasil, a primeira troca de mensagem data de 1852, segundo Calmon (2002, p.288), “em 11 de maio de 1952, com a troca de telegramas entre o Imperador, em São Cristóvão, e Eusébio de Queiroz, no ministério da Guerra”, no litoral. Vale lembrar que o nome do ministro intitula a Lei n.581, de 4 de setembro de 1850 que proibia o tráfico de africanos no Império. A principal motivação para o uso do telégrafo foi “estabelecer uma comunicação segura com os portos do litoral, a fim de melhor reprimir o tráfico negreiro extinto” (CALMON, 2002). Por outro lado, o equipamento também era usado para denunciar fugas, rebeliões e combinar estratégias de ataques a comunidades quilombolas.

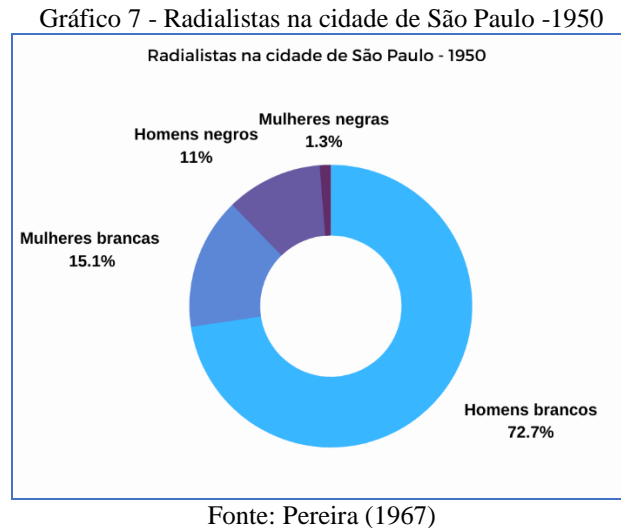
A nova tecnologia, como se vê, funcionava de forma ambígua e no contexto escravista, servia para dinamizar os mecanismos de defesa e os métodos de controle contra o escravo fugido. Era, portanto uma modernização que tinha como função social o controle da mudança processada na estrutura da sociedade escravista da época, em benefício da classe senhorial. (MOURA, 2020, p. 95).

Por vezes, pode-se ter uma percepção de tempo que o brutal processo de escravidão de negros e negras no Brasil está distante, no entanto, considerando que a abolição jurídica da escravidão se deu em 1888, e as primeiras ligações telefônicas em solo nacional datam de 1877, não é custoso inferir que já se usava os aparelhos telefônicos mesmo antes do fim da “escravidão”.

Considerando o período de implantação técnica do telégrafo e telefone no Brasil, é difícil traçar qualquer paralelo preciso com as características dadas à modernidade (extensão das técnicas, migração do campo para centros das cidades, urbanização, desenvolvimento da imprensa e meios de transportes urbanos, desenvolvimento das ciências) como consagrado na literatura. Já que em território nacional, esses aspectos passaram-se de forma módica.

No Brasil, oficialmente, a primeira transmissão radiofônica foi em 1922 em ocasião do centenário da Independência. Nas décadas seguintes (1930, 1940, 1950), o rádio se consolida e tem papel central na divulgação de informações para grande parte da sociedade. Os conteúdos transmitidos eram na sua maioria programas jornalísticos, transmissão de partidas

de futebol, concursos musicais, programas de auditório, radionovelas entre outros. O estudo realizado por João Baptista Borges Pereira, publicado na década de 1960, que analisou o negro e o rádio na cidade de São Paulo na década anterior, aponta dados preciosos que ajudam a compreender o cenário da época. Do total de 2216 radialistas, 1610 são homens brancos, 334 são mulheres brancas, 244 são homens negros e 28 são mulheres negras. O gráfico abaixo apresenta esses dados em porcentagem.



Se, por um lado, as mulheres negras tiveram pouca participação no trabalho radiofônico; por outro, tinham presença assídua nos auditórios das emissoras. Uma das características dos programas de rádio era a presença de plateia nas transmissões ao vivo. No entanto, o racismo é implacável.

Tão acentuada é a presença da mulher de cor entre esses frequentadores de auditórios, e é de tal maneira efervescente, barulhento e espetaculoso o seu comportamento, que nos meios radiofônicos tais grupos promocionais são chamados depreciativamente de ‘macacas de auditório’, numa alusão direta àquelas generalizações populares que procuram identificar características negroides a traços simiescos. (PEREIRA, 1967, p.108).

Além da tietagem aos artistas, muitas mulheres negras trabalhavam nas casas da elite paulista, e nos momentos de folga, geralmente à noite e aos domingos, encontravam nesses espaços um ponto de encontro e convivência com seus semelhantes. A maioria dos auditórios das emissoras de rádio eram localizados em regiões nobres da capital paulista, hostil à população negra fora do horário comercial, esses espaços serviam como *bunker* de lazer para negros e negras. A pesquisa traz dois relatos que exemplificam essa necessidade de proteção.

**Relato 1)** Uma noite, era cedo ainda, saí para comprar remédio para minha patroa. Ao chegar na Avenida Paulista, perto do Parque Siqueira Campos, encontrei umas colegas e parei para conversar. Nisto chegou um carro da polícia. Dois soldados tentaram me agarrar e me colocar dentro do tintureiro.

Botei a boca no mundo. A minha sorte foi que um vizinho, juiz de direito, me reconheceu e me tirou das mãos da polícia. Ninguém me disse nada, e se disse eu não ouvi, na hora da confusão. Mas é claro que se eu fosse branca, isso não teria acontecido. Qualquer mulher sai à rua e ninguém faz nada. Preta sai e pronto: lá vai a biscate. (PEREIRA, 1967, p.111).

**Relato 2)** Domingo saí para dar um passeio no Ibirapuera. Formamos um grupo: três mulheres com seus namorados. Estávamos os seis conversando quando a polícia chegou e nos levou. Mostrei meus documentos e não adiantou nada. Ainda riram de mim. O que mais me enfezou foi que nós estávamos espiando e comentando um casal que dava escândalos dentro de um carro, bem no meio da rua. Para lá a polícia não olhou. Eles só têm olhos para pretos. Pelo menos aqui no auditório da rádio a polícia e os engraçadinhos não têm vez, não põem a cara. (PEREIRA, 1967, p.112).

Na década de 1960, os investimentos publicitários que alicerçavam as rádios migraram para as emissoras de televisão, estimulando as mudanças e reestruturação nos meios radiofônicos.

Ainda em uma perspectiva técnica, a televisão comercial materializa o que se convencionou chamar de mundo pós-moderno, o aperfeiçoamento do telefone, rádio, entre outros equipamentos analógicos estabeleceram-se de vez no cotidiano humano, influenciando e promovendo mudanças significativas no modo de ser e agir. Convém pontuar nesse lastro histórico o pós-guerra (1945), que foi fator fundante de aceleração tecnológica.

A década de 1950 foi o período promotor das atividades televisivas no país. Na década seguinte, o telejornalismo e as novelas se consolidaram como principais atrações do período noturno, que representam ambos o período que se convencionou chamar de “horário nobre”. A audiência é o que move a televisão. Sendo assim, é ela que determina o que aparece e não aparece, o que fica e o que sai, quem fala, quem não fala. Em outros termos, a audiência é convertida em mercadoria. Em suma, é a comercialização do tempo, cifrado por segundos, guiada pelo discurso de valorização do capital, que busca a lucratividade e a manutenção do poder. Dentro da grade da programação das emissoras de televisão de sinal aberto, nenhum programa escapa do crivo da análise da audiência. Nessa linha, nem mesmo os telejornais pregam a isenção dos fatos, escapam dessa lógica capitalista. Segundo Marcondes Filho (1988):

Mais decisivo do que todos esses procedimentos, porém, é a política das emissoras de TV, que pode modelar a realidade externa segundo seus interesses, fazendo de pequenos incidentes grandes fatos nacionais e menosprezando fatos importantes, se eles não interessarem a elas. Por isso, o trabalho do telejornal acaba sendo o de recolher as notícias na realidade e criar uma realidade com as notícias recolhidas. (MARCONDES FILHO, 1988, p. 55).

Nessa linha, Squirra (2002) complementa:

As emissoras pertencem a empresários e conglomerados da representatividade elitista. São empresas que têm que dar lucro, como qualquer fábrica de sabão ou de comida para cachorro. Para se manter, os distintos telejornais competem pelo espaço publicitário e pela preferência da audiência, mas, sobretudo, têm agido como estruturas confiáveis para a ‘manutenção’ dos índices dos programas entre os quais estão inseridos, onde está, de fato, o lucro seguro. Por estas razões e pela credibilidade, recebem a adesão de expressiva parte da população, já que por causa do sinal aberto, atingem todas as classes sociais, aí incluídas as mais baixas. (SQUIRRA, 2002, p. 5).

No Brasil, a televisão é a principal fonte de informação (IBGE). De certo modo, ela alimenta o imaginário social. A pesquisadora Rosane Borges escreve:

Ora, se nos informamos e formamos majoritariamente pelo que é emitido pelos sistemas midiáticos, o que podemos depreender dos discursos sobre o negro e a mulher negra, veiculados por programas televisivos e radiofônicos, peças e anúncios publicitários, jornais impressos e eletrônicos, novelas e congêneres? Olhando de soslaio para a paisagem midiática brasileira podemos observar um trajeto, pontilhado por estigmas e estereótipos, que parece se repetir indefinidamente. (BORGES, 2012, p. 188).

Nessa linha Muniz Sodré afirma que:

O imaginário racista veiculado pelas elites tradicionais pode ser hoje reproduzido logotecnicamente, de modo mais sutil e eficaz, pelo discurso midiático - popularesco, sem distância crítica do tecido da civilização tecnoeconômica, onde se acha incrustada a discriminação em todos os seus níveis. (SODRÉ, 2015, p. 278).

Quando se trata de negros e negras na televisão, a ausência é a norma. No conhecimento comum, clicando de canal em canal, diuturnamente, percebe-se a escassez de pessoas negras na programação das emissoras de televisão de sinal aberto. Sejam canais de grande ou pouca audiência, dos católicos ou evangélicos, entre outros, a paridade inexiste. No conhecimento científico, é vasta a bibliografia que trata da ausência de representação da população negra nos meios de comunicação de massa. Frequentemente, revela fatídicas situações de subalternidade e invisibilidade.

No final do século XX, surge um novo ciclo de transformações tecnológicas que, primeiramente, conhece sucesso nos laboratórios bélicos antes de se tornar lugar-comum na sociedade contemporânea. O chamado ciberespaço<sup>7</sup> é fundamentado na microeletrônica, nas estruturas em rede e nos processos digitais de comunicação. A nomenclatura ciberespaço

---

<sup>7</sup> Atualmente, no senso comum, o significado do termo é reduzido e utilizado como sinônimo de internet e, mais especificamente, de web.

surgiu na década de 1980, no trabalho de ficção científica *Neuromancer*, de William Gibson. Na obra, o autor enfatiza as relações entre a mente humana e as tecnologias digitais, na qual a interação é repleta de conflitos econômicos políticos e culturais. A partir de *Neuromancer*, o termo ciberespaço espalhou-se para cena pública massificada. Para Castells (2003, p. 114-115), o “ciberespaço tornou-se uma ágora eletrônica global em que a diversidade da divergência humana explode numa cacofonia de sotaques”. Numa perspectiva mais ampla Trivinho acrescenta:

[...] cyberspace diz respeito a uma estrutura infoeletrônica transnacional de comunicação de dupla via em tempo real, multimedia ou não, que permite a realização de trocas (personalizadas) com alteridades virtuais (humanas ou artificial-inteligentes); ou, numa só expressão conceitual, a uma estrutura virtual transnacional de comunicação interativa. Além de pontuar a mudança de suporte dos processos socioculturais e políticos (agora marcado pela imaterialidade informática), a abolição do território geográfico e a interatividade prévia com a máquina, com o software e com a imagem virtual, essa definição pressupõe desde a instituição do computador como tecnologia de acesso a esse universo comunicacional e a radicalização da prática de experienciar a tela catódica como o real privilegiado pelo qual se frui a vida social no pós-guerra, até as reverberações sociais desse universo. (TRIVINHO, 1996, p.74).

A vida cotidiana, em diversos aspectos, está intensamente perpassada pelo digital. A cultura tecnológica se desenvolve por meio da constante inovação, fabricação e aquisição de produtos informáticos, acompanhados do discurso de “modernização”. No século XX, tinha-se bem determinado o papel do rádio e televisão como detentores das informações, para qualquer crítica ou problematização de algo se tinha um hiato. Com o avanço da utilização das tecnologias digitais de comunicação em tempo real qualquer informação se prolifera, verdadeira ou não. Como se percebe, nessa lógica de época, a distância parece nula, o perto e o longe se mesclam, nem local, nem global.

Nessa nova modalidade existencial, a partir da eclosão do glocal, pode-se atuar à distância e em tempo real sem a necessidade da presença física. O ser humano está em meio a um ‘vínculo umbilical entre o espaço local e o universo global’, de braços dados com o ‘contexto concreto de vida e cultura mundial satelitizada’. (TRIVINHO, 2007, p. 296).

Como tal, o glocal distingue-se em duas vertentes: *latu sensu* e *stricto sensu*. O aspecto *latu sensu* toma lugar mais abstratamente no estilo de vida próprio da era mediática. Quanto ao glocal *stricto sensu*, ele compreende a existência de cinco elementos básicos: 1) tecnologia comunicacional; 2) tempo real; 3) fluxo sógnico; 4) sujeito; 5) relação de acoplamento entre a subjetividade/corpo e tecnologia/rede. Segundo Trivinho (2008), a

condição *stricto sensu* é a evolução do *lato sensu* que pressupõe o recebimento do conteúdo de forma direta, sem interferência de equipamentos.

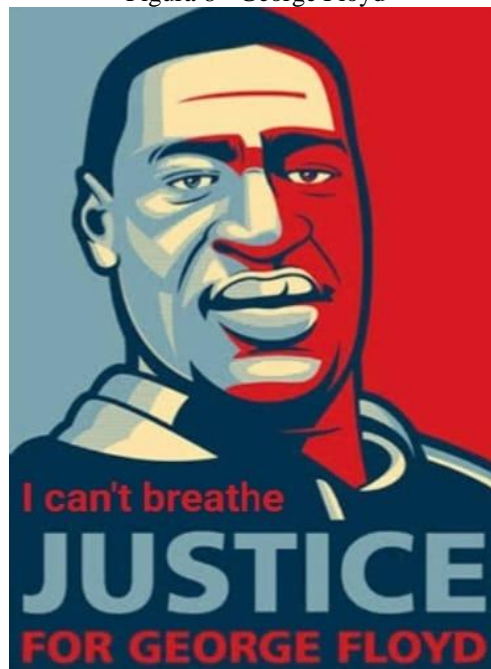
Isto posto, entende-se que o fenômeno glocal é fiador da visibilidade mediática, é ele que pavimenta e oferece condições para o passadizo multimidiático. Vale ressaltar que a visibilidade mediática não se limita às imagens dos aparelhos.

A visibilidade mediática configura, por sua vez, o ‘macrocorredor comunicacional’ para (super)exposição, circularidade e reciclagem sígnicas em tempo real (de pessoas e grupos, governos e empresas, marcas e mercadorias etc.), trifurcado em cena pública massificada (jornais, revistas, cinema, rádio e televisão), cena pública interativa (sites, chats, blogs, fotologs, Orkut, MySpace, Second Life, Twitter etc.) e cena pública híbrida (webradio, webTV, YouTube etc.). Como tal, a visibilidade mediática – na verdade, intermediática – constitui a ‘protuberância’ tecnossimbólica e imaginária do processo de glocalização planetária para deslizamento veloz de textos, imagens e/ou sons – de um contexto glocal a outro, de uma rede a outra, de um media a outro, de um produto (ciber)cultural a outro –, quase sempre regido por agendas temáticas diuturnamente sufragadas por audiências (de massa e/ou ciberespaciais). (TRIVINHO, 2010, p. 3).

O digital integra o imaginário tecnológico de época, pois no atual *modus operandi* da sociedade os indivíduos e seus aparatos estão conectados à rede em tempo real, como bem disse Virilio (2000, p.12), parece um caminho de infintos movimentos, “estar com o que não está como única forma de se estar e de presença, estar onde não se está”, a visibilidade mediática banaliza as distâncias e os movimentos de articulação da vida humana que transforma a história.

Para ratificar o argumento, vale lembrar o que disse Angela Davis (2017), “Quando uma mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”, foi o que a estadunidense Darnella Frazier fez ao gravar e divulgar o assassinato de George Floyd em 25 de maio de 2020. O vídeo foi o estopim para uma série de protestos nos Estados Unidos da América e outros países.

Figura 8 - George Floyd



Fonte: Google imagens

De forma glocalizada, as imagens e a frase ditas pelo americano negro momentos antes de morrer “não consigo respirar” chegou aos mais diversos locais. Sem dúvida, na atualidade, o telefone celular e a tecnologia comunicacional fundamentam as práticas glociais. Por esse viés teórico, Ferreira (2018) descreve como o fenômeno Glocal dinamiza as ações transformadoras.

Assim, em contraposição à aparente normalidade social harmônica oficialmente propagada, a comunicação imediata entre cidadãos, supostamente expõe o caráter dinâmico e divergente da convivência humana, e atribui poder aos cidadãos comuns para reivindicar a participação efetiva na condução dos processos concernentes à vida pública, contestando uma provável hegemonia coercitiva das esferas estatal e econômica, exercida sobre as relações sociais, cuja colonização manteria o mundo da vida sob controle, em todas as dimensões - das relações domésticas às comunitárias. Não obstante, a forma desse modo de organização alternativo às relações institucionais, provavelmente indicaria a aposta numa outra lógica de convivência [...]. (FERREIRA, 2018, p. 93-94).

Nesse sentido, observa-se que o digital amplia as formas de articulação, produção e disseminação de outras histórias, até então olvidadas. Estrategicamente, como disse Moura (1988, p. 53), o grande temor das classes dominadoras era o coletivo, pois enxergava nele um perigo chamado “mecanismo de resistência”. Nessa vertente é oportuno lembrar Rosane Borges (2018), ela acrescentou ser “comum nas reivindicações dos nossos tempos o uso do digital”. Rosane faz parte do movimento “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro” e explica que

este movimento “se espalhou rapidamente na internet, preenchendo todos os espaços das redes sociais”, mas já “reclama acolhida nos ambientes materiais” (BORGES, 2018).

Figura 9 - Movimento mulheres unidas contra Bolsonaro



Fonte: Agência Brasil (2018)

Nunca é demais explicitar que a interferência do ferramental glocal nas pautas políticas/sociais não surgiu agora, como um passe de mágica, observa-se sua relação direta no movimento chamado Primavera Árabe, iniciado em 2010, nas redes sociais contra a ditadura em diversos países do oriente médio, que levou multidões às ruas de várias cidades árabes, provocando mudanças nas estruturas de poder. No Brasil, as manifestações de 2013, iniciadas nas redes sociais, que mobilizaram grande multidão às ruas brasileiras serviram de base e álibi para as articulações políticas, jurídicas e mediáticas que resultaram no processo de impeachment contra a presidenta Dilma Rousseff em 2016, com conseqüentes ameaças ao estado democrático de direito vigentes. Esta grande soma de motivos demonstra como o fenômeno glocal recrudescia as tensões.

## 2.1 Recrudescimento das tensões raciais

O temor de um suposto conflito racial comparece frequentemente nos discursos contrários à implementação de benefícios pautados por critérios raciais - como dito em páginas anteriores, a ideia de raça vigora neste estudo em uma perspectiva política. Usa-se como álibi para recusa das políticas afirmativas a ideia de que essas ações podem fomentar a divisão racial. O discurso direitista conservador mostra-se contrário à implementação de cotas para negros no ensino superior e concursos públicos. Uma das alegações para a contrariedade é que políticas de ações afirmativas baseadas no critério racial no Brasil poderiam estimular o “ódio racial”. Na mesma direção, defensores da meritocracia reprovam a utilização de

métricas que promovam a inclusão profissional da população negra no mercado de trabalho, exaltam uma suposta igualdade de oportunidades para todos. Nessa lógica, soa natural que negros e negras fiquem restritos a lugares de subalternidade, em segundo plano, quando não invisibilizados. Qualquer tentativa de ruptura dessa dinâmica parece desencadear tensionamentos raciais.

O racismo brasileiro possui características peculiares: ideias de democracia racial, povo cordial e miscigenação pacífica foram tidas historicamente como verdades e criaram a noção de que não havia tensões raciais no país. Atualmente, emergem movimentos que lutam pelo reconhecimento das identidades negras por meio de ações que requerem mais representatividade e representações menos estereotipantes, assim como esforços no resgate das ancestralidades [...] (VIANA, 2019, p.74).

Consequentemente, essa costura potencializada pelo fenômeno glocal resultou em tensões. Em 2020, estes tensionamentos ficaram evidentes em alguns comentários na página do Facebook da rede varejista Magazine Luiza (Magalu) e do laboratório Bayer Brasil. Isto porque ambas as empresas divulgaram abertura de processo seletivo para o Programa *Trainee* 2021, com vagas destinadas a pessoas negras. Não se pode perder de vista que na estrutura capitalista a lucratividade é o denominador comum. Sendo assim, de uma forma ou de outra, essas ações refletem algum benefício às organizações – não coube aqui tempo hábil para uma investigação. Mas não há como não notar uma preocupação institucional das organizações em manter-se alinhadas às questões como o combate ao racismo, a homofobia, a xenofobia e proteção do meio ambiente. Fatores estimados para parte da sociedade hodierna. Em suma, essa atenção aos aspectos sociais e ambientes é uma exigência de parte do público consumidor. No chamado mercado, ambas as empresas destacam-se em seus seguimentos. Segundo levantamento da *Great Place to Work* (GPTW)<sup>8</sup>, as duas empresas estão na lista das 100 melhores empresas para se trabalhar no Brasil. Ou seja, qualquer anúncio de oportunidade de trabalho repercute dinamicamente. Além disso, por se tratar de vagas de nível estratégico o interesse é maior. Sendo assim, apresenta-se um exemplário de algumas tensões raciais presentes em comentários nas páginas do Facebook das empresas citadas.

O contexto glocal transfere vivências do cotidiano para o digital e vice-versa, no entanto, a diferença propriamente dita apresenta-se na escala de amplitude de alcance do comentário. No digital, os discursos podem chegar a proporções planetárias. Segundo Raquel Recuero (2016, p. 20), “o discurso reconstrói no ciberespaço as estruturas de dominação da sociedade, particularmente as estruturas de violência simbólica”. Dicionarizado como

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.seudinheiro.com/2022/empresas/as-melhores-empresas-para-trabalhar-em-2022-great-place-to-work-gptw-itaunibanco-magazine-luiza-porto-seguro-lils/>.

substantivo feminino, a palavra tensão traz entre seus vernáculos: irritabilidade, ansiedade, medo, temor, ou seja, termos relacionados à tensão nervosa. No sentido figurado, abrange a disputa de poder, como a “tensão nas relações entre palestinos e israelenses” (HOUAISS, 2009, p.1828).

Dada a grande diferença no número de comentários (Magazine Luiza 1500 comentários e Bayer Brasil 47 comentários), opta-se por considerar os 47 primeiros comentários do Magazine Luiza. Desses, foram excluídos comentários que continham imagens e emoticons. A coleta de dados baseou-se na seleção de conversas em que se observou a existência de tensões nos diálogos.

Figura 10 - Comentários do Maganize Luiza

The figure displays a Facebook post from Magazine Luiza dated September 22, 2020. The post features a blue background with a woman's portrait and text promoting the '#VemProMagalu Trainee 2021' program, which is exclusive for Black young talents. The text highlights the company's diversity statistics (53% Black and 16% in leadership) and aims to change this scenario. Below the post are three screenshots of comment threads:

- Conversa 1:** Thiago Gomes congratulates the initiative. Cleimarcos Silva Leo asks if he would support hiring only white or brown people. Ana Cardoso and Leonardo Olimpio respond that it's always been like that. Denise CarOli questions the initiative's goal of segregation and polarization.
- Conversa 2:** Maria Inês Batista-Deus Proverá states that in Brazil, there is no specific color, but a mix of races. Mário Martins Maria Inês Batista-Deus Proverá asks if there are lower wages for specific colors. Luiz Papelaria Tudoecia Maria Inês Batista-Deus Proverá agrees that the initiative is prejudiced. Érika Suzuki agrees, calling it a mix of colors and beautiful, but noting that she is Japanese and Brazilian, not Black and mixed.
- Conversa 3:** Angelo Amadeu says it's not legal for him to be discriminated in the same way. Jaisson Provesi asks if it's easy to be Black and says that racism is everywhere, questioning the separation of classes. Elton Shirashi asks if Magazine Luiza is defining colors for its employees, stating that other ethnicities are not welcome as clients.

Fonte: Magazine Luiza (2020)

Percebe-se o temor de uma segregação e polarização em brancos e negros. Nas conversas 1 e 3 os diálogos explicitam isso. Na conversa 2, predomina a temática da miscigenação racial. Na conversa 3, observa-se um discurso retrógrado, além da utilização de um termo capacitista. Nota-se uma irritabilidade nas conversas. Na sequência, observa-se os comentários selecionados na publicação da Bayer Brasil.

Figura 11 - Comentários da Bayer Brasil

**PROGRAMA DE  
TRAINEE 2021**

**LIDERANÇA  
NEGRA**  
BAYER

OPORTUNIDADE PARA  
**TRANSFORMAR**  
CORAGEM PARA  
**INSPIRAR**

**Bayer Brasil**  
9 de outubro de 2020

Às vezes tudo que você precisa é uma oportunidade para transformar. De ser protagonista da sua história, inspirando a mudança que deseja ver no mundo.

Nós também queremos ver esta mudança para um mundo mais inclusivo, mais democrático, onde todas as vozes têm sua vez, onde toda oportunidade traz a chance de sermos mais e melhores em nossos caminhos. Liderar é ser esta mudança.

Cresça com a gente, inscreva-se no Programa Liderança Negra BAYER 2021!

**Conversa 4**

Natasha Weber Sensacional  
Curtir Responder 2 a

Antonio Luz Modinha  
Curtir Responder 2 a

Antonio Luz  
Não nego a situação atual. Mas será que apenas projetos como esse irão modificar a mente pequena e retrógrada de parte da nossa sociedade???? Lembrando que modinhas vem e vão . E vamos ser sinceros não modificam muita coisa .  
Curtir Responder 2 a

Juliana De Paula Felipe  
Antonio Luz espero que a moda pegue mesmo  
Curtir Responder 2 a

Vinicius Oliveira Radi  
Esse tipo de atitude, além de racista, coloca em um nível inferior. Ridículo, e o pior é ver quem está tão cego ao ponto de achar isso positivo.

**Conversa 5**

Juliana De Paula Felipe  
Antonio Luz espero que a moda pegue mesmo  
Curtir Responder 2 a

Antonio Luz  
Verdade espero que a moda pegue mesmo. Mas receba aquele que estiver melhor qualificado.  
Mas o que eu espero no fundo do meu coração é que não haja necessidade de projetos para beneficiar negros e que sim tenhamos uma disputa justa de mercado não sendo levado em consideração a cor da minha pele e sim minha formação acadêmica pois tivemos condições de estudos de qualidade. Esse é o grande lance.  
Mas até lá é dever de todo negro lutar para que a educação e a cultura melhorem e que não haja mais preconceito relacionado a algum ser por raça crença ou sexualidade.  
Curtir Responder 2 a

Anderson Nunes  
Antonio Luz o seu pensamento é bem legal, mas não condiz com a relação atual. Sim, é necessário um programa só para negros, e não por sermos menos capacitados, a capacidade dos participantes desse processo é tão igual ou superior ao de processos aberto a todos, sabe a diferença? Nesse caso é certeza que a nossa cor não irá influenciar. Negros são a minoria esmagadora em cargos de liderança, porque será isso? Porquê negros preferem ficar de boas em cargos menos remunerados ou menos "prestigiados" ou será porquê existe algo que dificulta mais essas pessoas chegarem a esse cargo? Enquanto houver racismo estrutural, programas de inclusão como esses, serão necessários...

**Conversa 6**

Allan David  
Até que ponto chegam em busca de fama e marketing digital... cadê as cotas para índios? Para pobres com baixa renda ?  
Que Eu saiba existem negros ricos no mundo também.  
Curtir Responder 2 a

Fabiana Xavier De Oliveira  
Os racistas vão infartar agora.  
Curtir Responder 2 a

Isaac Turiano  
Agora as empresas irão colocar lideranças pela cor da pele . Nada mais racista que isso  
Curtir Responder 2 a

Simone Ramalho Ferrari  
Não existe liderança negra liderança não tem cor branca negra amarela verde liderança é liderança ela vem de dentro!  
Curtir Responder 2 a

Bruno Mazzi  
Atenção ao mimimi branco dos "politicamente incorretos", ou que se dizem, nos comentários.  
Curtir Responder 2 a

Fonte: Bayer Brasil (2020)

A palavra liderança em destaque na publicação foi a temática predominante na conversa 5 e 6. A meritocracia ganhou ênfase na conversa 5, que foi um desdobramento da conversa 4, que comenta a respeito do nível de capacidade técnica e intelectual. Discute-se, ainda, a efemeridade do processo inclusivo. Este conjunto de comentários conseguem

sintetizar parte do espírito da lógica do racismo estrutural que cerceia e procura manter negros e negras fora dos cargos institucionalmente superiores, longe dos espaços de poder.

Cumprе enfatizar que essas tensões são protagonizadas, exclusivamente, de forma binária entre negros e brancos. Dito de outra maneira, existem negros e negras racistas. Não a falácia do racismo reverso (branco que sofre racismo), mas o racismo de negros e negras contra negros e negras. Como se vê, não existe uma massa única, como se todos(as) fossem um bloco homogêneo. Em termos públicos, existem mulheres que são machistas, pessoas LGBTQIA+ que são homofóbicas, assim como imigrantes que são xenófobos.

Nessa linha, existem negros e negras que tensionam o debate racial mostrando-se contrários a medidas que buscam garantir oportunidades de participação de negros e negras na vida política, econômica, educacional, cultural e social. Por outro lado, têm-se negros e negras que buscam outras narrativas, outras histórias que reivindicam novas formas de representatividade e visibilidade. Tais considerações merecem ser aditadas. Dessa forma, no próximo capítulo aprofunda-se as discussões a respeito dessa movimentação.

## **TERCEIRO CAPÍTULO**

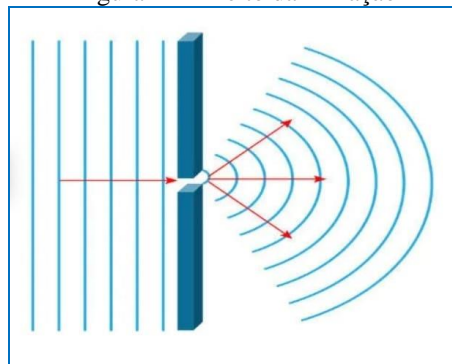
### **DIFRAÇÃO NEGRA**

Em sintonia com o fenômeno glocal, que designa uma situação condicional do digital, formula-se discussões nestas perspectivas conceituais.

## CAPÍTULO III – DIFRAÇÃO NEGRA

Difração é o fenômeno físico cujas ondas conseguem ultrapassar barreiras. É a capacidade das ondas (mecânicas ou eletromecânicas) em passar pelos obstáculos. As ondas do mar quando rompem os diques de contenção ou invadem as orlas das cidades litorâneas caracterizam a difração mecânica. Por sua vez, a difração por ondas eletromecânicas pode ser representada, a título de exemplo, pelo feixe de luz que entra pela fresta da janela. A figura abaixo ilustra o efeito da difração.

Figura 12 - Efeito da Difração



Fonte: Brasil Escola (2022)

Segundo Joab Silva Jr. (2022), "quando uma onda se choca com um obstáculo que possui uma abertura com dimensões comparáveis ao seu comprimento, as partes da onda que passam pelo espaço aberto alargam-se e atingem as regiões opostas ao obstáculo" (SILVA JUNIOR, 2022). Sendo assim, consoante os preceitos desse fenômeno, acoplando-o às lutas históricas de negros e negras por representação, a intencionalidade desta pesquisa é conceituar o que denominamos difração racial.

A trajetória secular brasileira aponta que a população negra está fadada às desigualdades de renda, de trabalho, de posição social e de educação. Para Moura (1988, p. 95), essa "situação deve-se, fundamentalmente, aos mecanismos de barragem que desde o Brasil-Colônia foram montados para colocá-lo em espaços sociais restritos e controláveis pelas classes dominantes". Célia Maria Marinho de Azevedo (1987, p. 256) aponta que se desenvolveu uma tentativa de branqueamento dos centros urbanos, de modo que "de um lado, barrava-se a entrada de mais negros, de outro abriam-se as portas da província, acenando-se com vários privilégios aos valorizados imigrantes". Segundo Sueli Carneiro (2005), são essas barreiras que vem "historicamente, limitando, impedindo, cerceando o acesso" de negros e negras a melhores condições. Barreiras que se evidenciam em diversos campos da sociedade.

Por sua vez, o campo da comunicação no Brasil sempre foi um espaço hostil para negros e negras. A televisão, dada sua importância enquanto veículo de comunicação de massa, é o principal divulgador de imagens estereotipadas e contribuem, fortemente, na produção e reprodução do racismo. Como bem disse, Bell Hooks (2019, p.32), quando se liga a televisão “é muito provável que vejamos imagens de pessoas negras que reforçam e reinstituem a supremacia branca”. Dessa forma, ocorre a manutenção dos privilégios e poder. Segundo Cida Bento (2002, p.166), pode-se “observar como a branquitude, enquanto lugar de poder, se articula nas instituições – que são por excelência conservadoras, reprodutoras e resistentes às mudanças”. Nessa linha, Lia Vainer Schucman (2002) reforça o argumento:

A branquitude é entendida como uma posição em que sujeitos que ocupam esta posição foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade. (SCHUCMAN, 2002, p.84).

A televisão brasileira naturaliza a ausência de pessoas negras dos espaços, dos lugares, das relações. Forma uma espécie de barreira visual que poucos negros e negras conseguem ultrapassar. Diante do modelo patrimonialista das emissoras de televisão, pensar em paridade é uma utopia. No entanto, atualmente, apresenta-se uma certa atenção ao racismo mediático, não que antes não houvesse, é vasta a literatura científica que trata do tema, bem como os debates promovidos por intelectuais e pelos movimentos negros. De certo modo, o que ocorre é que as tecnologias digitais amplificam o alcance das informações. Sabe-se que, muitas vezes, as redes sociais promovem a brevidade dos debates por conta de sua dinâmica efêmera, por outro lado, são elas que impulsionam denúncias, reivindicações e pressionam por respostas. Percebe-se que as pautas televisivas surgem dos conteúdos publicados nas redes sociais, assim como os conteúdos televisivos alimentam aqueles que reverberam nas redes, um ciclo que se retroalimenta. Nada passa impune na lógica capitalista, as emissoras de televisão estenderam seus produtos e serviços para o digital. A audiência *in loco* já não é suficiente e precisa alcançar novos públicos. Historicamente, a comunicação tem contribuído para os processos de modificação de comportamentos e atribuído novas realidades à vida humana em seus mais diferentes aspectos. Em grande medida, as tecnologias digitais foram desenvolvidas para atender interesses mercadológicos da classe hegemônica. No entanto, outra face não planejada das mudanças empreendidas nesse projeto foi a diminuição das barreiras comunicativas (geográficas, econômicas e sociais) que dificultavam a divulgação, o diálogo, a valorização e fortalecimento coletivo da cultura negra. Consequentemente, tem-se uma onda de produção e divulgação de conteúdos relacionados à história e à cultura negra

brasileira, não aquela imposta e difundida pelo colonizador, em que negros e negras são figurantes, mas narrativas em que o protagonismo negro é valorizado. Essa onda é o que entende-se por difração racial. Nesse contexto, as reivindicações por representatividade tencionam as discussões relacionadas ao racismo na sociedade brasileira, causando um mal-estar. Rosane Borges escreve nesse sentido:

As discussões em torno das novas ordens de representação e novos regimes de visibilidade habitam o coração da política global contemporânea, que tem como um de seus principais fundamentos a indissociabilidade entre política e representação. Nessa chave, preciso defender uma ação transformadora capaz de encontrar maneiras de (re) inventar um mundo possível, numa perspectiva estética, ética e política. As antigas ordens de representação, agora em crise, mostram - se incapazes de abarcar o 'mosaico possível de acepções do humano', o que supõe a tarefa de fundar uma nova gramática política, livre das orientações de um pensamento oxidado. (BORGES, 2019, p. 11).

A argumentação acima mostra como há evidência ponderável de que existe uma pressão simbólica por representação. Na prática, toma-se como exemplo as discussões ocorridas em decorrência de uma edição do programa Em Pauta, da Globo News, que durante a cobertura dos protestos em decorrência do assassinato de George Floyd, nos Estados Unidos da América, foram escalados somente jornalistas brancos e brancas. Diante da repercussão negativa nas redes sociais foi preciso agir. Na noite posterior (03/06/2020), seis profissionais negros participaram do telejornal.

Figura 13 - Heraldo Pereira comanda o programa Em Pauta com as jornalistas Maria Júlia Coutinho, Zileide Silva, Aline Midlej, Flávia Oliveira e Lilian Ribeiro



Fonte: Folha de S.Paulo (2020)<sup>9</sup>

A fim de afastar a pecha de racista, a emissora apresentou o editorial descrito abaixo, na abertura do programa:

No Em Pauta de ontem, os jornalistas que dividiram comigo a cobertura de alto nível, eram todos brancos. Eu estaria mentindo se eu dissesse que foi um acidente. A Globo tem a diversidade como um valor e se orgulha dos negros que tem, em frente às câmeras e por trás delas, profissionais de altíssimo nível, que comandam, alguns, a apresentação de telejornais aqui na GloboNews e na TV Globo, e continuará buscando ampliar essa diversidade. Mas, por razões históricas e estruturais de nossa sociedade, também na Globo os colegas negros ainda não são tantos quanto o desejado (GLOBO NEWS, 2020).

Vale ressaltar que a emissora anunciou que duas das jornalistas negras fariam parte da equipe de comentaristas fixas do programa. Convém comentar que a edição histórica que causou comoção nas redes sociais não se repetiu.

Contraopondo-se à corrente hegemônica dos grandes conglomerados de imprensa, o digital, de certa forma, proporcionou o avanço de uma mídia negra alternativa, como uma onda espraiada informações. Não se pode deixar de referenciar a importância da imprensa negra e dos jornais impressos dos períodos pré e pós, 1888, que são símbolos históricos de resistência negra. Em semelhante direção, os portais de notícias na Web corroboram denunciando a violência e o racismo estrutural, assim como promovem a valorização da cultura negra. Na sequência, apresenta-se alguns exemplários.

### **3.1 Afirmativa**

O coletivo Revista Afirmativa foi criado em 2013 por um grupo de estudantes de jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). A redação é formada por “jornalistas e demais profissionais da comunicação, que atuam na militância pelo direito à comunicação da comunidade”.

---

<sup>9</sup> APÓS POLÊMICA, GloboNews escala profissionais negros para debater racismo no Em Pauta. Folha de S. Paulo. Publicado em: 3 jun. 2020. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2020/06/apos-polemica-globonews-escala-profissionais-negros-para-debater-racismo-no-em-pauta.shtml>.

Figura 14 - Revista Afirmativa

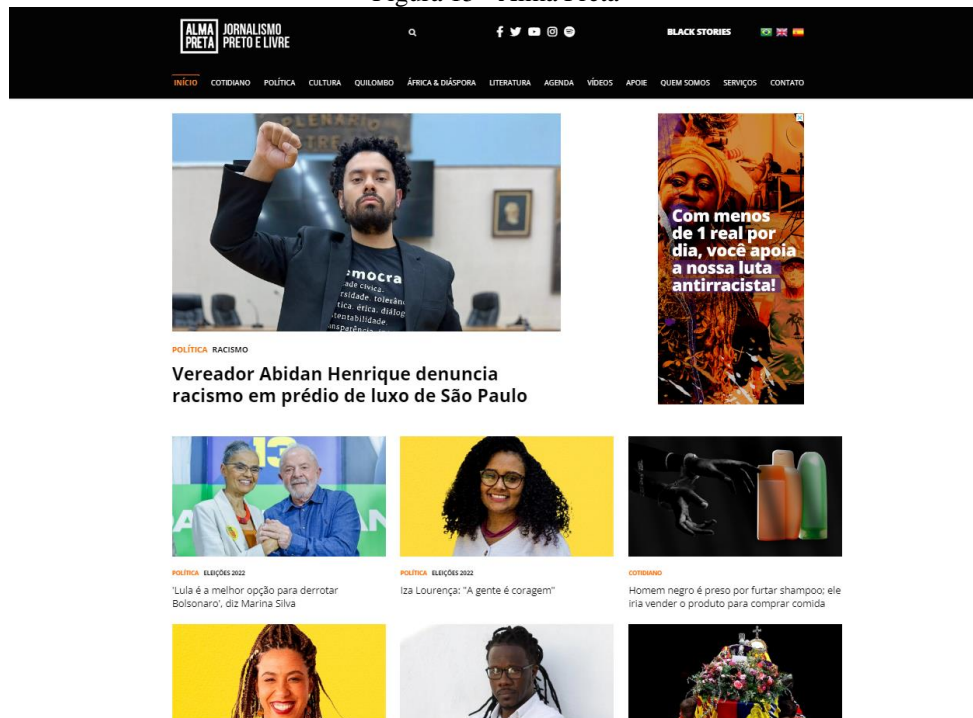


Fonte: Afirmativa (2022)

### 3.2 Alma Preta

O Alma Preta foi idealizado em 2015 por um grupo de universitários e comunicadores negros. Apresenta reportagens, análises, artigos opinativos e outros conteúdos jornalísticos relacionados às temáticas raciais. Apresenta como missão “informar a sociedade a partir da perspectiva racial negra e periférica”, e assume “caráter político de valorização do conhecimento e da cultura negra, assim como a tarefa de exigir direitos e questionar o Estado em todas as dimensões da vida cotidiana”.

Figura 15 - Alma Preta



Fonte: Alma Preta (2022)

### 3.3 Correio Nagô

Fruto do Instituto Mídia Étnica, o Portal Correio Nagô foi criado em 2008. Tem como objetivo “divulgar as ações da comunidade negra do Brasil e da diáspora”. Grande parte do conteúdo é produzido pela equipe do portal. Busca “dar visibilidade a pautas que não são narradas pela grande mídia, com um olhar mais apurado e sem estereótipos sobre questões étnico raciais”.

Figura 16 - Correio Nagô

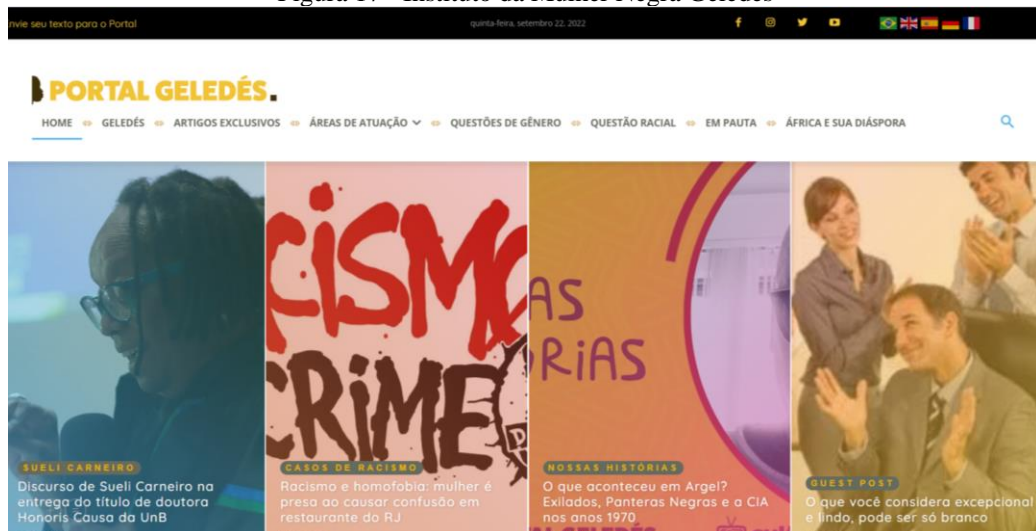


Fonte: Correio Nagô (2022)

### 3.4 Geledés

O Instituto da Mulher Negra, Geledés, foi criado em 1988. Objetiva a defesa de mulheres e da população negra “por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo” estruturados na sociedade brasileira. O portal de notícias é um espaço político de defesa dos direitos humanos, além de valorização das “lutas empreendidas por homens e mulheres africanas e afrodescendentes, do passado e do presente, em incansável busca pela realização de seus sonhos de liberdade e igualdade”.

Figura 17 - Instituto da Mulher Negra Geledés



Fonte: Geledés (2022)

### 3.5 Mundo Negro

Fundado em 2001, o portal Mundo Negro apresenta conteúdos direcionados à população negra. A redação assume uma linha editorial que "se pauta em uma agenda positiva, não negando os problemas relacionados ao público afrodescendente, mas principalmente apresentando um conteúdo que divirta, informe e eleve a autoestima por meio da informação e interatividade".

Figura 18 - Mundo Negro



Fonte: Mundo Negro (2022)

### 3.6 Notícia Preta

Criado pela jornalista Thais Bernardes em 2018, o Notícia Preta apresenta conteúdos que promovem o antirracismo e a valorização da cultura negra. No formato de denúncia, o jornal apresenta uma sessão na qual cataloga os monumentos que homenageiam escravistas. “O Brasil tem a maior galeria de racistas a céu aberto do mundo [...] Descubra a verdadeira história de crimes de cada homenageado. E apoie a luta por retratação histórica e remoção de racistas das ruas”.



Fonte: Notícia Preta (2022)

Em termos públicos, sabe-se o quanto o campo reacionário direitista soube como utilizar as redes sociais ao seu favor, haja vista os acontecimentos ocorridos no campo político e social no Brasil desde 2016. O YouTube é uma das principais redes sociais utilizada no país, nota-se que a plataforma é usada por aqueles e aquelas que semeiam os discursos de ódio e reverberam falas e práticas que escamoteiam os direitos humanos. Aqui, porém, é preciso admitir com todas as letras que se percebe uma tendência na qual intelectuais negros e negras usam o YouTube para divulgação do pensamento crítico. É uma forma de escapar das amarras impostas pelo racismo estrutural que ofusca a participação de negros e negras nos espaços de reflexão. Uma espécie de morte simbólica do pensamento negro. A isto pode-se chamar de epistemicídio. Boaventura de Souza Santos escreve:

O epistemicídio foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam ameaçar a expansão capitalista ou, durante boa parte do nosso século, a expansão comunista (neste domínio tão moderno quanto a capitalista); e também porque ocorreu tanto no espaço periférico, extra-europeu e extra-norte-americano do sistema mundial, como no espaço central europeu e norte-americano, contra os trabalhadores, os índios, os negros, as mulheres e as minorias em geral (étnicas, religiosas, sexuais). (SANTOS, 1995, p. 328).

Sueli Carneiro direciona a conceituação para a realidade brasileira e disserta sobre o debate intelectual de negros e negras. A autora propõe a seguinte definição:

O epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de

conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento ‘legítimo’ ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc. (CARNEIRO, 1995, p. 98).

Por esse viés teórico, entende-se que o epistemicídio é a barreira que restringe do cenário nacional os saberes produzidos na academia - ou fora dela - por negros e negras. De modo algum, caindo na armadilha da “utopia digital” que coloca na conta das tecnologias digitais as soluções de todos os problemas, não se pode negar que o digital, de certa forma, proporcionou maior visibilidade de intelectuais negros e negras que ficavam restritos a determinados circuitos. Como um raio de sol que fura a parede de nuvens, em um processo de difração, o discurso de alguns negros e negras consegue romper barreiras e chegar a um número maior de pessoas. Os canais descritos na sequência são exemplos de espaço de divulgação do pensamento crítico.

### 3.7 Rede de Historiadorxs Negrxs

O canal criado em 2020 apresenta “outros” olhares sobre a historiografia brasileira. Como sinalizou a historiadora Ynaê Lopes dos Santos (2022), o efeito da entrada de estudantes negros na academia é surgimento de novos problemas de pesquisa, novos objetos de estudo, novas hipóteses que confrontam algumas abordagens clássicas, que ainda reverberam no imaginário de parte da sociedade brasileira.

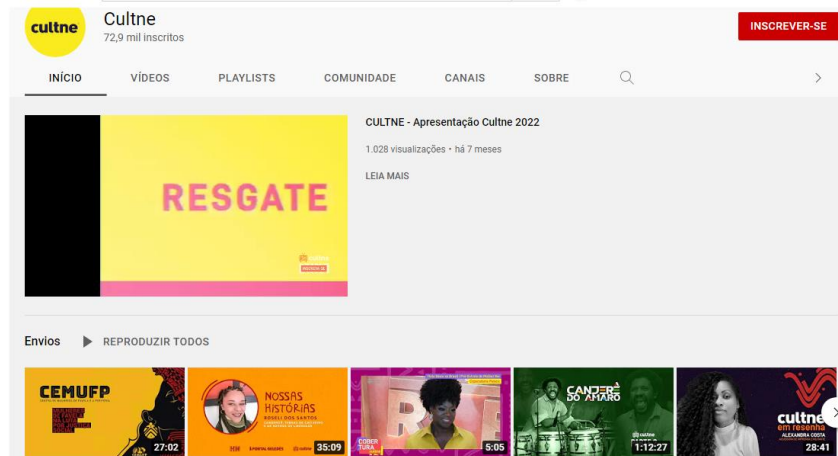


Fonte: Historiadorxs Negrxs (2022)

### 3.8 Cultne

O canal Cultne, lançado em 2009, apresenta vasto acervo digital de cultura negra. Oferece um espaço mediático para artistas e intelectuais negros para divulgação e reflexão de seus trabalhos.

Figura 21 - Cultne

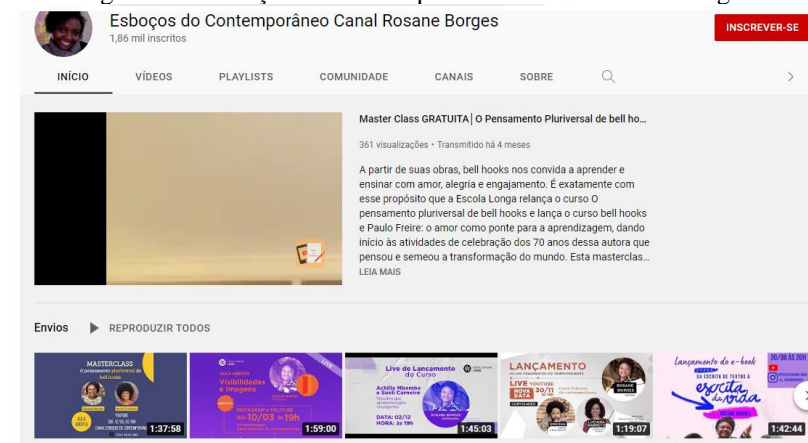


Fonte: Cultne (2022)

### 3.9 Esboços do Contemporâneo

Criado em 2020, o canal apresenta-se como espaço de reflexão crítica no “campo da comunicação, da mídia, das relações raciais e de gênero e da política contemporânea”. Estimula o desenvolvimento do imaginário crítico por meio de cursos e oficinas.

Figura 22 - Esboços do Contemporâneo / Canal Rosane Borges



Fonte: Esboços do Contemporâneo (2022)

### 3.10 Pensar Africanamente

Criado em 2020, o canal tem como objetivo “comunicação e educação para a promoção da sabedoria do povo negro e para o enfrentamento ao racismo”. Reforça a presença do diálogo crítico.

Figura 23 - Pensar Africanamente



Fonte: Pensar Africanamente (2022)

Nota-se que esses espaços mediáticos são essenciais para disseminação de conteúdo relacionado à cultura negra. Em suma, a difração pode mudar as direções, por meio das forças e potencialidades das ondas. No entanto, não se pode ter a ilusão de que tudo está resolvido, o fenômeno também mostra que, após ultrapassar as barreiras, as ondas se espriam, podendo perder intensidade.

## **QUARTO CAPÍTULO**

### **PESQUISA EMPÍRICA**

Em decorrência da Difração Racial tratada anteriormente, o discurso “desavisado” diz que tudo mudou e que negros e negras já estão incluídos. A fim de responder a essa questão, este capítulo apresenta os resultados da pesquisa empírica e analítica.

## CAPÍTULO IV – PESQUISA EMPÍRICA E ANALÍTICA

Em 2019, a mudança de apresentadores de dois telejornais de alcance nacional reacendeu a chama das questões relacionadas à falta de representatividade de negros e negras na mídia. Na TV Cultura, a jornalista Joyce Ribeiro foi transferida da bancada do Jornal da Cultura (período da noite) para o Jornal da Cultura primeira edição (período da tarde), que, posteriormente, mudou de nome, passando a ser chamado de Jornal da Tarde.

Figura 24 - Joyce Ribeiro, primeira mulher negra a assumir a bancada de um jornal diário



Fonte: Ana Maria (2022)

Por sua vez, na Rede Globo, a jornalista Maria Júlia Coutinho (Maju) substituiu na bancada do Jornal Hoje (Rede Globo) a também jornalista Sandra Annenberg, que esteve à frente do telejornal vespertino, de alcance nacional, por dezesseis anos.

Figura 25- Maju Coutinho, a nova apresentadora do Jornal Hoje



Fonte: Geledés (2019)

As mudanças causaram *frisson* nas redes sociais. A presença das jornalistas, diariamente, na condução dos telejornais, aflorou uma suposta inclusão mediática de negros e

negras. Como se as desigualdades raciais no campo mediático fossem algo superado. Nesse contexto, comparece algumas reflexões. A rigor, a população negra está inclusa nesses telejornais? Existe paridade pela forma como negros e negras são representados nesses programas? Existe equidade na participação de pessoas negras nesses telejornais? Com o objetivo de responder aos questionamentos, foram analisadas todas as edições exibidas no primeiro semestre de 2021 do Jornal Hoje (Rede Globo) e Jornal da Tarde (TV Cultura).

A escolha se deu por serem telejornais vespertinos em emissoras de sinal aberto com alcance nacional, apresentados, diariamente, por jornalistas negras. O objetivo foi catalogar e analisar a participação de pessoas negras nos telejornais. Vale ressaltar que os dados coletados se referem, exclusivamente, ao material exposto consolidado e publicado, que foi transferido, oficialmente, da transmissão televisiva para o braço das emissoras no ciberespaço.

Sendo assim, as edições do telejornal da Rede Globo foram vistas via plataforma Globoplay<sup>10</sup>, no caso do noticiário televisivo da TV Cultura foi possível recuperar as edições em seu respectivo canal no YouTube<sup>11</sup>. O mapeamento considerou as características fenotípicas dos participantes e as descritas no GC (gerador de caracteres, legenda que aparece embaixo da tela da televisão). Os dados coletados e transcritos para planilhas do programa Microsoft Excel foram: data do programa, tempo de duração, nome de todas as pessoas que participaram do telejornal, a expressão de competência, negro ou negra e temática abordada. A rigor, foram analisadas 155 edições do Jornal Hoje (Rede Globo) e 127 edições do Jornal da Tarde (TV Cultura).

O mapeamento passou por dupla checagem. Num primeiro momento, o pesquisador que vos escreve assistiu todas as edições exibidas no primeiro semestre de 2021 e catalogou a participação de todas as pessoas negras. Numa segunda etapa, um grupo de cinco bibliotecárias negras apoiaram a pesquisa, são elas: Ana Lúcia Oliveira, Ana Lucia Souza, Ariadny Winnie, Cleonice Santana, Mariana Rosa, que reassistiram as citadas edições e catalogaram as participações de negros e negras a partir de suas percepções. Posteriormente, foi realizada uma análise comparativa entre os dados coletados pelo pesquisador e pelas bibliotecárias. Por fim, em posse dos dados consolidados, o postulante ao título de Doutor realizou a análise. Todos os dados catalogados estão disponíveis nos apêndices deste estudo.

A pesquisa é classificada como qualitativa e alicerçada pelo mix de métodos envolvendo a Análise de Conteúdo e Análise do Discurso. Como tal, Análise de Conteúdo, proposta por Laurence Bardin (2016, p.125), refere-se à “[...] função investigativa nessa

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/>.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCjOJvY6tyEHY21OD33h8A>.

metodologia científica que pode confirmar algo que parecia já sabermos ou descobrir algo novo”. De certo modo, sua utilização ganhou força no campo da comunicação durante os períodos bélicos do século XX. Toma-se, como exemplo, a análise das propagandas difundidas durante a Segunda Guerra Mundial. Em suma, esse processo científico é composto por três etapas: 1) Pré-análise (escolha do material comunicacional que será analisado; formulação das hipóteses e dos objetivos; elaboração dos indicadores; regras de recorte temporal, codificação, categorização). 2) Exploração do material (representação descritiva e temática das mensagens). 3) Tratamento dos resultados (inferência e interpretação das informações coletadas). Nesse contexto, a Análise do Discurso proposta por Eni Orlandi (1999) contribui para o entendimento dos discursos a partir de uma “perspectiva social”.

A Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 1999, p. 15).

#### 4.1 Os telejornais

Segundo Marcondes Filho (1989, p. 52), ao noticiário televisivo é dado “o caráter de show de notícias”. Diferente dos periódicos impressos ou on-line onde o leitor pode se aprofundar mais sobre o tema abordado, nos telejornais as informações são dadas de forma superficial em decorrência do tempo.

É uma miscelânea de diversos assuntos, apresentados um após o outro, sem que o telespectador tenha tempo de pensar e refletir sobre cada um deles. Mal são transmitidos já vem outra notícia, completamente diferente, que distrai outra vez o receptor, e assim até o final. (MARCONDES FILHO, 1988, p. 54).

Para Squirra (1989, p.12), o noticiário televisivo “atinge uma audiência tão vasta, com uma eficiência tecnológica surpreendente [...] parece capaz de tudo, inclusive de mostrar a verdade, em momentos em que ela necessariamente não pode ser conhecida”.

O estado da arte relacionado ao contexto histórico desse gênero jornalístico é amplo no campo dos estudos em comunicação. Por isso, nesta pesquisa não recupera-se toda a linha do tempo do telejornalismo brasileiro. Convém observar que o telejornal foi uma das primeiras atrações da grade de programação da televisão brasileira. Nos anos 1970, com a ambição de uma nova faixa de audiência, os telejornais foram introduzidos no período vespertino. Posteriormente, com o advento da cibercultura, cravou lastro no ciberespaço.

Diariamente, no início da tarde, telejornais em televisão aberta disputam a audiência do público, com programas que tratam de esporte, vida das celebridades, gastronomia, moda e comportamento, entre outros.

Geralmente, os telejornais vespertinos repetem, reciclam e repercutem fatos ocorridos no dia anterior, ou ainda no caso de ocorrências que fogem à rotina das redações, por exemplo, tragédias, morte de celebridades etc., servem como uma espécie de ponto inicial de cobertura jornalística, preparando o terreno para o noticiário noturno.

Diferente do tom solene e cerimonial do telejornal da noite, por sua vez, com um ou dois apresentadores, em pé ou sentados, com expressão séria e tom de voz dinâmico, intercalam notícias, imagens, previsão do tempo, reportagens locais, nacionais e internacionais, o telejornal da tarde aparenta uma certa informalidade. Nos telejornais, mesmo que o espaço reservado à publicidade seja o dos intervalos comerciais, pode-se observar reportagens que chamam a atenção, efeitos especiais de cenografia e iluminação, além da exposição das figuras mediáticas na apresentação.

#### **4.2 Jornal Hoje**

O Jornal Hoje (JH) é um telejornal produzido e distribuído pela Rede Globo. A empresa descreve a produção televisiva da seguinte forma: “Um noticiário leve e informal, que trata de política, economia e temas internacionais”. Exibido desde 1972, o programa já sofreu diversas mudanças em sua estrutura, atualmente o programa é exibido de segunda a sábado, no início da tarde (13h15 horário de Brasília). No momento de escrita desta pesquisa, o programa está sendo apresentado pelo jornalista César Tralli, mas é importante pontuar que durante a coleta dos dados o programa foi apresentado pela jornalista Maria Júlia Coutinho (30/09/19 até 26/10/21).

Figura 26 – Jornal Hoje



Fonte: Globo Play (2022)

O telejornal conta com a participação de diversos repórteres locais (Rio de Janeiro e São Paulo) e de emissoras afiliadas, que apresentam reportagens e entrevistas ao vivo ou gravadas, além de correspondentes internacionais.

A amostragem reuniu 155 edições do Jornal Hoje, as quais foram ao ar nos meses de janeiro, fevereiro, março, abril, maio e junho de 2021. O quadro abaixo apresenta as datas específicas.

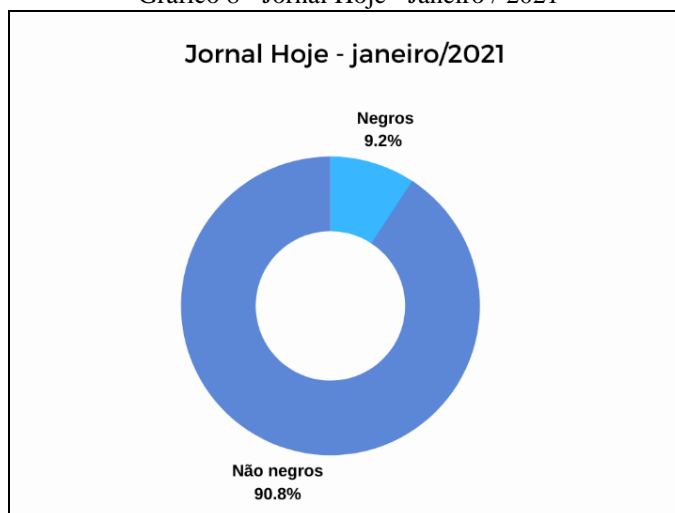
Quadro 1 - Amostragem 155 edições do Jornal Hoje

Janeiro/2021	Fevereiro/2021	Março/2021
1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30	1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27	1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31
Abril/2021	Maió/2021	Junho/2021
1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31	1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31	1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31

Fonte: Autoria própria

Em janeiro de 2021, a emissora transmitiu 26 edições do Jornal Hoje. A jornalista Maria Julia Coutinho apresentou 21 edições do telejornal. Os jornalistas César Tralli, Roberto Kovalick e Rodrigo Boccardi fizeram o revezamento na apresentação do telejornal durante as folgas da titular. Ao todo 780 pessoas participaram do telejornal. Desse total, 72 pessoas negras participaram do JH. O gráfico seguinte apresenta os dados em porcentagem.

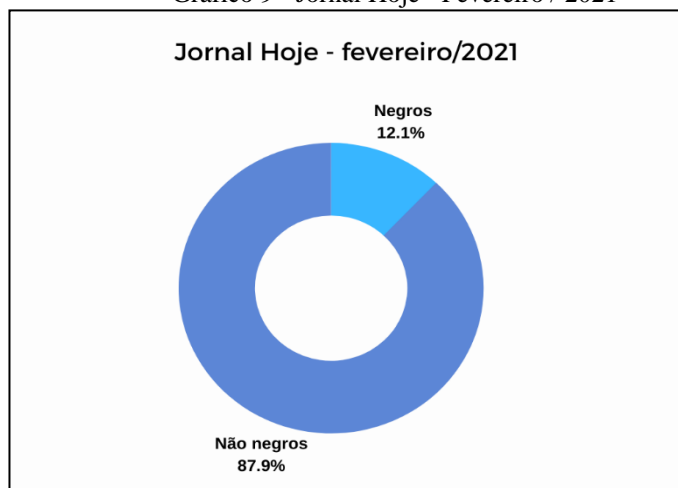
Gráfico 8 - Jornal Hoje - Janeiro / 2021



Fonte: Autoria própria

No mês de fevereiro (2021), foram ao ar 24 edições do JH. A jornalista Maria Júlia Coutinho comandou 9 edições do telejornal. O jornalista César Tralli apresentou 14 edições, e o também jornalista Rodrigo Boccardi apresentou uma edição. 835 foi o número de pessoas que participaram do JH. Desse montante, 101 pessoas negras participam do telejornal. O gráfico abaixo ilustra essa informação.

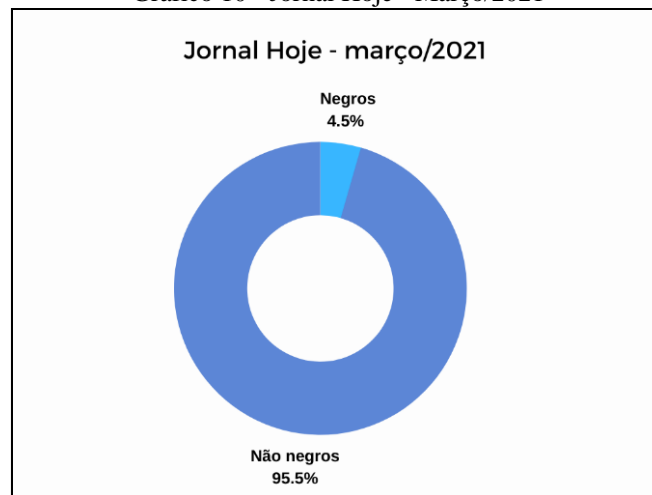
Gráfico 9 - Jornal Hoje - Fevereiro / 2021



Fonte: Autoria própria

No primeiro semestre de 2021, março foi o mês com o maior número de edições, 27 ao todo. A jornalista Maria Júlia Coutinho esteve à frente de 24 edições do telejornal, o jornalista César Tralli apresentou duas edições e Rodrigo Boccardi uma edição. Como tal, 41 pessoas negras participaram do JH em março, foi o mês com o menor número, por outro lado, teve o maior número de participações 917.

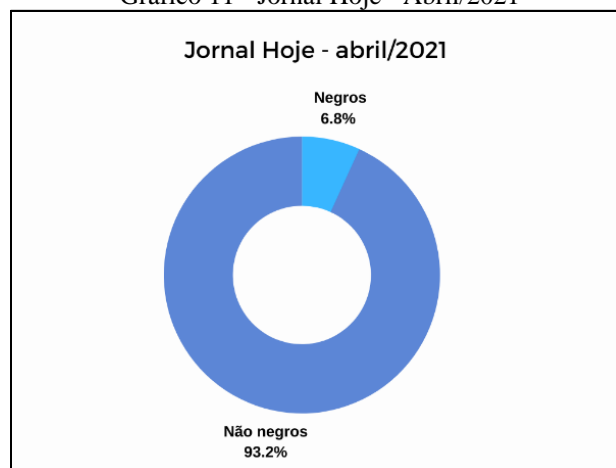
Gráfico 10 - Jornal Hoje -Março/2021



Fonte: Autoria própria

No mês de abril (2021), foram transmitidas 26 edições do JH. A jornalista Maria Júlia Coutinho participou de 24 edições do telejornal. O jornalista César Tralli apresentou 3 edições e o também jornalista Rodrigo Boccardi apresentou uma edição. 733 foi o número de pessoas que participaram do JH. Desse montante, 50 pessoas negras participam do telejornal. O gráfico abaixo ilustra essa informação.

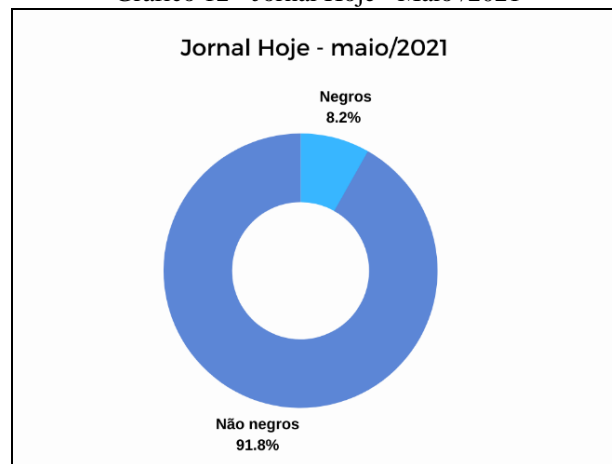
Gráfico 11 - Jornal Hoje - Abril/2021



Fonte: Autoria própria

Em maio de 2021, foram ao ar 26 edições do JH. A jornalista Maria Júlia Coutinho participou de 18 edições do telejornal. O jornalista César Tralli apresentou 6 edições e o jornalista Rodrigo Boccardi apresentou duas edições. No total 770 pessoas participaram do JH, desse número, 63 pessoas negras participam do telejornal. O gráfico abaixo apresenta essa informação.

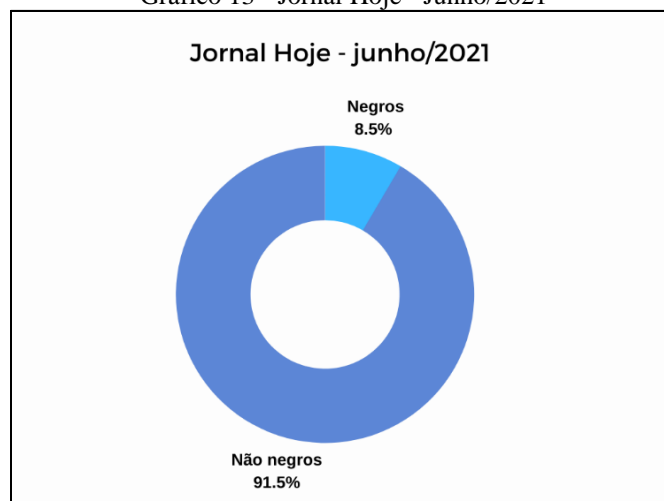
Gráfico 12 - Jornal Hoje - Maio /2021



Fonte: Autoria própria

No mês de junho (2021), a emissora transmitiu 26 edições do Jornal Hoje. A jornalista Maria Julia Coutinho comandou 8 edições do telejornal, o jornalista César Tralli apresentou 16 edições, Rodrigo Boccardi e Roberto Kovalich apresentaram uma edição cada. No mês de junho 745 pessoas participaram do JH. Por sua vez, 63 pessoas negras participaram do telejornal. O gráfico seguinte ilustra esses números.

Gráfico 13 - Jornal Hoje - Junho/2021



Fonte: Autoria própria

De modo geral, pode-se observar que das 155 edições que foram ao ar nos primeiros seis meses de 2021, a jornalista Maria Júlia Coutinho participou de 104 edições, ou seja, participou de 67% das edições. Considerando todas as edições do primeiro semestre, 4780 pessoas participaram do JH, desse número, o recorte racial apontou que 390 negros e negras participaram do telejornal. Dito de outra forma, menos de 10% dos participantes do Jornal Hoje foram pessoas negras.

### 4.3 Jornal da Tarde

O Jornal da Tarde (JT) é produzido e distribuído pela Fundação Padre Anchieta – TV Cultura. A emissora define a atração da seguinte forma: “O Jornal da Tarde traz um olhar mais atento para temas de interesse de toda a família, como saúde, educação, consumo e mobilidade”. A primeira edição foi ao ar em 27 de abril de 2020, substituindo o JC1 (Jornal da Cultura 1ª edição). O telejornal é transmitido de segunda a sexta, às 12h, com duração média de 40 minutos. Dividem a apresentação os jornalistas Joyce Ribeiro e Aldo Quiroga.

Figura 27 - Jornal da Tarde



Fonte: YouTube

Uma das características do telejornal é a realização de entrevistas especiais mediadas pelos apresentadores. O quadro conta com a participação de diversos convidados. O JT dispõe da participação de vários repórteres que apresentam reportagens e entrevistas ao vivo ou gravadas. A amostragem reuniu 127 edições do Jornal da Tarde, as quais foram ao ar nos meses de janeiro, fevereiro, março, abril, maio e junho de 2021. O quadro abaixo apresenta as datas específicas.

Quadro 2 - Amostragem com 127 edições do Jornal da Tarde

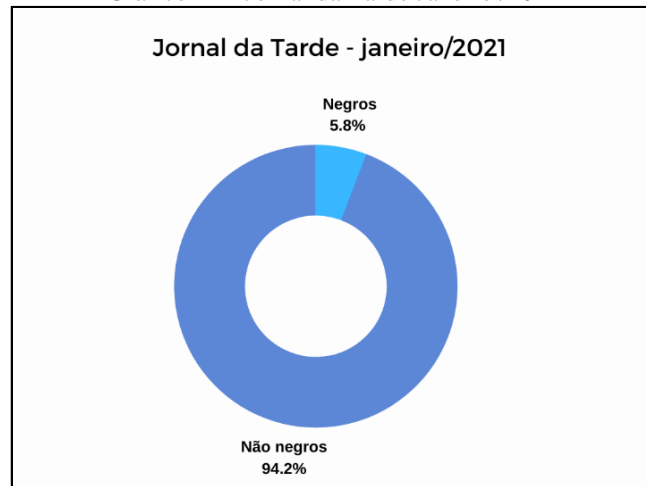
Janeiro/2021	Fevereiro/2021	Março/2021
1, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 29	1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 26	1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 31
Abril/2021	Mairo/2021	Junho/2021
1, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 30	3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 31	1, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 28, 29, 30

Fonte: Autoria própria

Em janeiro de 2021, a emissora transmitiu 21 edições do Jornal da Tarde. A jornalista Joyce Ribeiro apresentou 20 edições do telejornal, o jornalista Aldo Quiroga apresentou uma

edição. Ao todo 258 pessoas participaram do telejornal. Desse total, 15 pessoas negras participaram do JT. O gráfico seguinte apresenta os dados em porcentagem.

Gráfico 14 - Jornal da Tarde Janeiro /2021



Fonte: Autoria própria

No mês de fevereiro (2021), a TV Cultura transmitiu 20 edições do Jornal da Tarde. A jornalista Joyce Ribeiro apresentou 20 edições do telejornal e o jornalista Aldo Quiroga 16. No total, 276 pessoas participaram do JT. Desse número, 15 pessoas negras participam do telejornal. O gráfico abaixo apresenta essa informação.

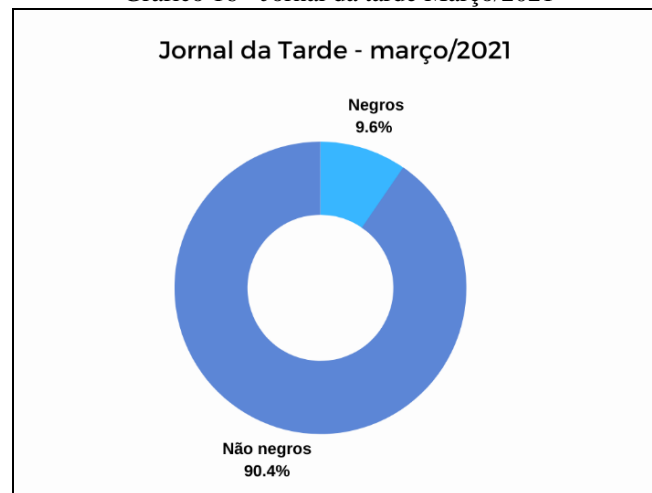
Gráfico 15 - Jornal da Tarde Fevereiro/2021



Fonte: Autoria própria

Em março de 2021, a emissora colocou no ar 23 edições do Jornal da Tarde. A jornalista Joyce Ribeiro apresentou 23 edições do telejornal e o jornalista Aldo Quiroga 19. No total, 323 pessoas participaram do JT. Como tal, 31 pessoas negras participam do telejornal. O gráfico abaixo traz essa informação.

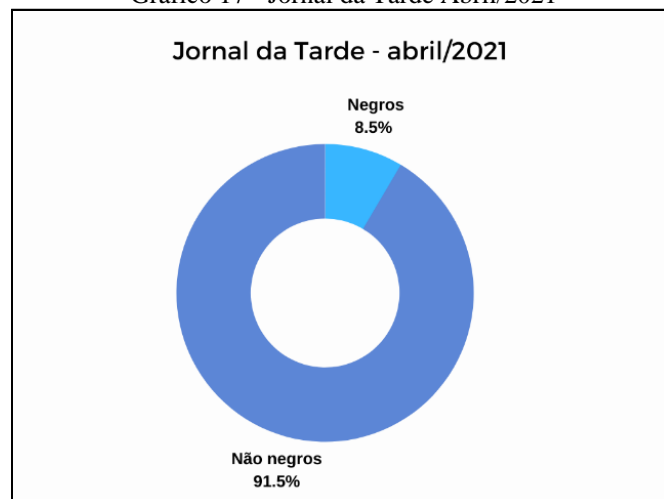
Gráfico 16 - Jornal da tarde Março/2021



Fonte: Autoria própria

Em abril de 2021, a emissora transmitiu 21 edições do Jornal da Tarde. A jornalista Joyce Ribeiro apresentou 21 edições do telejornal e o jornalista Aldo Quiroga 16. No total, 294 pessoas participaram do JT. Desse número, 25 pessoas negras participam do telejornal. O gráfico abaixo traz os dados em porcentagem.

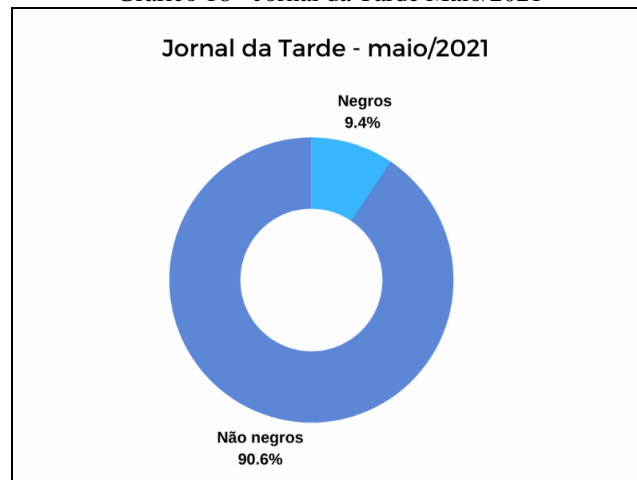
Gráfico 17 - Jornal da Tarde Abril/2021



Fonte: Autoria própria

No mês de maio (2021), a emissora apresentou 21 edições do Jornal da Tarde. A jornalista Joyce Ribeiro esteve à frente de 19 edições do telejornal. Por sua vez, o jornalista Aldo Quiroga comandou 17 edições. No total, 297 pessoas participaram do JT. Desse número, 28 pessoas negras participam do telejornal. Os dados são representados no gráfico abaixo.

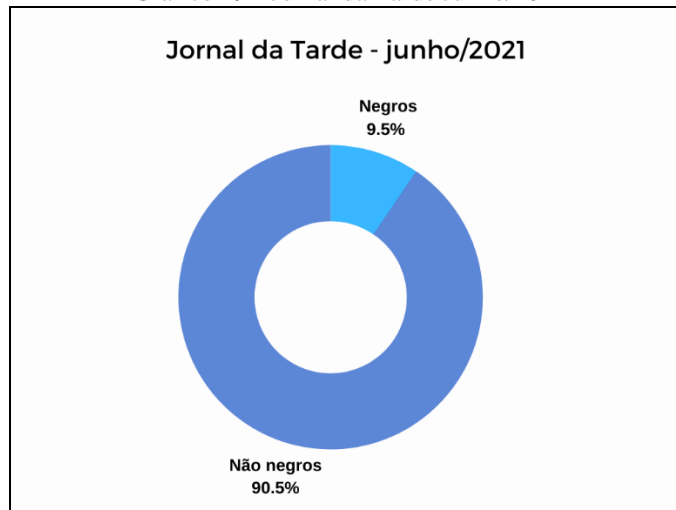
Gráfico 18 - Jornal da Tarde Maio/2021



Fonte: Autoria própria

Em junho (2021), a TV Cultura transmitiu 21 edições do Jornal da Tarde. A jornalista Joyce Ribeiro e o jornalista Aldo Quiroga estiveram em todas as 21 edições. No total, 274 pessoas participaram do JT. Desse número, 26 pessoas negras participaram do telejornal. O gráfico abaixo demonstra essa informação.

Gráfico 19 - Jornal da Tarde Junho/2021



Fonte: Autoria própria

#### 4.4 Tratamento dos resultados

Observa-se que das 155 edições que foram ao ar nos primeiros seis meses de 2021, a jornalista Maria Júlia Coutinho participou de 104 edições, ou seja, participou de 67% das edições. Por sua vez, durante todo o primeiro semestre de 2021, foram transmitidas 127 edições do jornal da Tarde. A jornalista Joyce Ribeiro participou de 124 edições. Sendo assim, participou de 97% das edições. No aspecto quantitativo, os dados confirmam o que já se supunha, que as jornalistas tiveram uma grande exposição, no entanto, eles dizem mais,

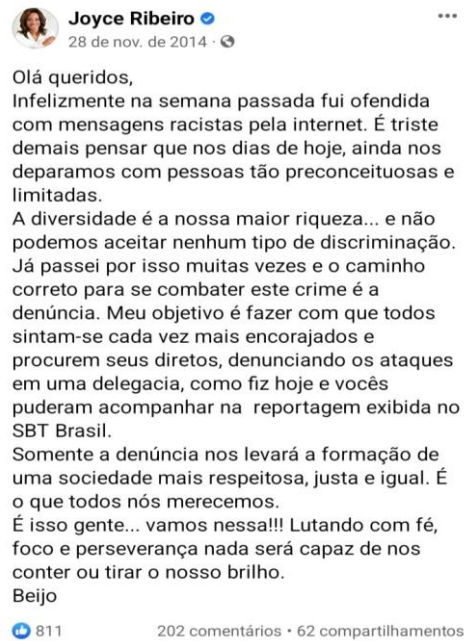
com números superiores a 60 e 90 por cento, elas tiveram uma superexposição. Como tal, no aspecto qualitativo o conceito de superexposição demanda esclarecimento.

Nessa perspectiva, relembrando o aspecto de “show de notícias”, dito por Marcondes Filho (1989, p. 52), as apresentadoras dos telejornais são vistas como estrelas mediáticas. Segundo Fachine (2008, p. 72), “o modo como os apresentadores constroem sua reputação junto ao público é, também, o resultado daquilo que se publica sobre eles em outras mídias”. Por esse viés, a superexposição não se limita à transmissão televisiva ou gravação oficial no YouTube, ela vai além, no fenômeno da visibilidade mediática nem toda exposição é uma superexposição. Em que se firme o exposto, acrescenta-se, nem toda superexposição remete à exponenciação. O conceito de exponenciação tem emprego no campo da álgebra, ao indicar a potência de elevação de unidades numéricas; por extensão de sentido, deriva-se do verbete expoente que na sua raiz etimológica significa o “indivíduo que, por possuir qualidades ou atributos notáveis, é visto como representante ilustre de sua classe, profissão etc.” (HOUAISS, 2009, p.861).

A estrutura do telejornal e as motivações de lucro e poder das empresas não dão margem para que as jornalistas possam ir além da função de apresentadoras, por exemplo, tecer comentários ou emitir sua opinião sobre determinados fatos nas transmissões. Apesar disso, as jornalistas Maria Júlia Coutinho e Joyce Ribeiro não deixam de ser expoentes no combate ao racismo estrutural.

Nem mesmo carreiras profissionais consolidadas evitaram as jornalistas de serem alvo de racismo. No entanto, não se calaram, pelo contrário, denunciaram. Em 2014, à época na bancada do jornal SBT Brasil, Joyce Ribeiro foi objeto de racismo e promoveu ação penal contra a racista.

Figura 28 - Comentário da apresentadora Joyce Ribeiro em sua página no Facebook



Fonte: Facebook

Atenta às desigualdades raciais que assolam o Brasil, a jornalista não se furta ao debate racial. Frequentemente, aproveita sua exposição mediática para promover ações contra o racismo estrutural. Joyce Ribeiro escreveu o romance biográfico *Chica da Silva: romance de uma vida*, no qual a escritora resgata a trajetória de vida de uma mulher negra à frente de seu tempo.

Figura 29 - Joyce Ribeiro faz promoção de ações contra o racismo em sua página no Instagram



Fonte: Instagram

Maria Júlia Coutinho é alvo frequente de racismo. Em 2020, um empresário atacou a profissional com falas racistas durante uma transmissão ao vivo em uma rede social. No mesmo ano, a jornalista ganhou uma disputa judicial que moveu contra homens que proferiram ofensas racistas em 2016. Embora exerça a função de apresentadora do telejornal, que, de certa forma, limita a realização de comentários sobre as manchetes, a jornalista coleciona momentos que usou seu espaço mediático para se manifestar contra o racismo. Em agosto de 2020, prestou homenagem ao ator Chadwick Boseman (1976-2020) que interpretou o super-herói negro Pantera Negra nos cinemas. A apresentadora fez o símbolo dos braços cruzados na altura do peito e falou: “Wakanda forever”, a saudação serve como um cumprimento entre os personagens negros do reino fictício de Wakanda, um reino superdesenvolvido que fica no continente africano.

Figura 30 - Maju Coutinho presta homenagem ao ator Chadwick Boseman



Fonte: Notícias da TV (2020)

A obra lançada nos cinemas em 2018 com o elenco formado, majoritariamente, por atores e atrizes negras, é um marco no movimento de valorização da negritude. A saudação criada no filme cinematográfico reverberou para a vida real tornando-se um símbolo de orgulho da cultura negra e luta contra o racismo.

Historicamente, em comparação com outros grupos populacionais, são as mulheres negras que mais sofrem com a desigualdade e vulnerabilidade. Na mídia, geralmente, são figuras frequentes em reportagens envolvendo pobreza e violência. Ver mulheres negras em espaços nobres na televisão não é algo comum. Ao ocupar esses lugares elas desafiam uma lógica estruturante que insiste em naturalizar a ausência e os estereótipos negativos associados às pessoas negras.

A propósito das questões técnicas, ao término das edições como de costume comparece na tela o nome dos(as) profissionais responsáveis por cada etapa da produção televisiva. No Jornal da Tarde, o nome da jornalista Joyce Ribeiro comparece na edição de texto. Por sua vez, nas informações de crédito do Jornal Hoje, o nome da jornalista Maria Júlia Coutinho não aparece em nenhuma atribuição técnica. Isso faz lembrar uma foto publicada pela jornalista em suas redes sociais, que mostra os colegas de trabalho. A publicação chamou a atenção pela escassez de pessoas negras na equipe.

Figura 31 - Foto de Maju Coutinho com seus colegas de trabalho



Fonte: Instagram

Para Muniz Sodré (2015), na mídia hegemônica existe uma “indiferença profissional” motivada pelo desejo da lógica capitalista, que ofusca a atenção para questões de paridade racial.

[...] a mídia contemporânea pauta-se pelos ditames do comércio e da publicidade, pouco interessados em questões como a da discriminação do negro ou de minorias. Os profissionais midiáticos acabam dessensibilizando-se com problemas dessa ordem. Por outro lado, é reduzida a presença de negros nas fileiras profissionais da mídia brasileira. Quando indivíduos de pele escura conseguem empregar-se em redações de jornais ou em estações de televisão, mesmo que possam eventualmente ocupar uma função importante, são destinados a tarefas ditas ‘de cozinha’, isto é, aquelas que se desempenham nos bastidores do longe da visibilidade pública (SODRÉ, 2015, p.280).

Por essa vertente, o mapeamento dos(as) repórteres e jornalistas que participaram das edições dos telejornais reforça ainda mais essa desatenção com relação à paridade de representação racial. Como tal, 45 jornalistas foram ao ar nas edições do Jornal da Cultura

(jan-jun/2021), desse total, somente 6 são negros(as). Dito de outra maneira, somente 13% dos jornalistas/repórteres que apareceram no noticiário são pessoas negras.

No que diz respeito ao Jornal Hoje, os números são ainda mais gritantes, apenas 6,3% dos jornalistas/repórteres que participaram do telejornal são da comunidade negra. Os dados apontam que no universo de 398 profissionais unicamente 25 são negros(as). Observou-se, também, que nenhum dos(as) jornalistas correspondentes internacionais são representantes da comunidade negra, somando-se a isso pode-se notar que nos Estados Unidos da América concentra-se o maior número de profissionais. Na sequência, quase que diariamente, os jornalistas residentes na Inglaterra, Itália e França participam do noticiário. Eventualmente, os correspondentes na Argentina, Austrália e Japão se fazem presentes. Como se presume, nenhum país do continente africano possui correspondente.

Outro elemento na dinâmica do telejornal estudado foi a participação das pessoas negras na condição de entrevistados(as) – sujeito de fala –, aqueles(as) que, de uma forma ou de outra, interagem com os(as) repórteres nas tomadas de cena ao vivo ou gravada. No jornalismo, as pessoas que transmitem alguma informação, que alimentam o fazer jornalístico, são chamadas de fonte.

Fontes de notícias são pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, credíveis ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia. (SCHMITZ, 2011, p. 20).

Sendo assim, as fontes podem falar por si ou coletivamente. Schmitz (2011) adita que as fontes podem ser classificadas em seis grupos, são eles: oficial, empresarial, institucional, individual, testemunhal, especializada e referência. Com base nos preceitos classificatórios do autor e adaptando-se às especificidades do *corpus* analisado, propõe-se a seguinte categorização:

- ✓ Fonte Artística: uma personalidade das artes, música, teledramaturgia, entre outras expressões culturais.
- ✓ Fonte Empresarial: “É quem representa uma corporação empresarial da indústria, comércio, serviços ou do agronegócio”. (SCHMITZ, 2011, p.10).
- ✓ Fonte Especializada: a pessoa que possui conhecimento científico ou específico, o(a) intelectual que é dotado de qualidades ou atributos notáveis, reconhecido por seus pares. “Normalmente está relacionada a uma profissão ou área de atuação. Tem a capacidade de analisar as possíveis consequências de determinadas ações ou acontecimentos”. (SCHMITZ, 2011, p.11).

- ✓ Fonte Esportiva: uma personalidade do campo dos esportes.
- ✓ Fonte Institucional: as pessoas que “representam uma organização sem fins lucrativos ou grupo social”. (SCHMITZ, 2011, p. 10).
- ✓ Fonte Oficial: “Refere-se a alguém em função ou cargo público que se pronuncia por órgãos mantidos pelo Estado”, no âmbito federal, estadual ou municipal. (SCHMITZ, 2011, p. 9).
- ✓ Fonte Política: uma personalidade política, que fale por si, não em nome do partido ou como representante do executivo ou legislativo.
- ✓ Fonte Testemunhal: quando a pessoa “funciona como álibi para a imprensa, pois representa aquilo que viu ou ouviu, como partícipe ou observadora”. (SCHMITZ, 2011, p.11).

Antecedendo a aplicação dessa categorização, vale apresentar o panorama geral das fontes que participaram dos telejornais. Vergando atenção ao Jornal Hoje, 4.339 pessoas (fontes de notícias) participaram do telejornal. Desse montante, 348 são fontes negras, ou seja, 8% dos participantes. Por sua vez, no Jornal da Tarde, durante o primeiro semestre de 2021, o número total de entrevistados(as) foi de 1.851. Desse volume, identificou-se 125 fontes de notícias negras, que representam 6,8% dos entrevistados.

Isto posto, as planilhas com a catalogação completa das participações das fontes de negras, bem como sua categorização está disponível nos apêndices 1 e 2. A rigor, ancora-se nesses dados a fundamentação da argumentação. O quadro abaixo exhibe o panorama quantitativo classificação dos grupos.

Quadro 3 - Panorama quantitativo / Classificação dos grupos

Jornal Hoje		Jornal da Tarde	
Fonte Artística	24	Fonte Artística	7
Fonte Empresarial	3	Fonte Empresarial	4
Fonte Especializada	19	Fonte Especializada	24
Fonte Esportiva	8	Fonte Esportiva	1
Fonte Institucional	39	Fonte Institucional	36
Fonte Oficial	18	Fonte Oficial	7
Fonte Política	1	Fonte Política	2
Fonte Testemunhal	236	Fonte Testemunhal	44

Fonte: Autoria própria

A maioria das pessoas negras entrevistadas nos dois telejornais falou de fatos vividos ou presenciados, em que há o predomínio de sentimentos e emoções nas narrativas. Como tal, as falas têm como característica a subjetividade.

A pandemia de covid-19 e seus desdobramentos predominaram nas pautas jornalísticas. Os dados apontam que as periferias das cidades, com predominância da população negra, foram os locais que mais sofreram com a pandemia. Pautas relacionadas ao controle vacinal também se fizeram presentes, desde a incompetência e ingerência do governo federal na aquisição das vacinas até a esperança de dias melhores, motivada pela imagem da primeira pessoa vacinada. Convém ressaltar que as mazelas brasileiras não cessaram em decorrência da pandemia. Sendo assim, a violência sistêmica foi pauta recorrente nos noticiários. Em meio ao som do choro e falas embargadas pela emoção, as fontes relataram casos de violência (veja JH6, JH22, JH132, JH268).

Por essa linha, em decorrência da violência policial, a fonte de notícia negra classificada como oficial, que ganhou exposição nos dois telejornais, foi a do ouvidor da Polícia Militar do Estado de São Paulo, Elizeu Soares Lopes (JH90, JH259, JH308, JT21, JT72, JT101), que falou sobre os casos de violência envolvendo policiais militares. Ainda tratando-se de fonte testemunhal, o(a) negro(a) aparece como protagonista em pautas relacionadas às desigualdades sociais, como a fonte (JH185, JH186, JH188, JH209, JH210, JH211, JH236, JH273, JT56, JT65, JT78, JT95, JT98), situações precárias de habitação (JH7, JH 18, JH84, JH148, JT7, JT30, JT96, JT99), falta e precariedade de transporte público (JH59, JH60, JH119, JH158, JH167, JT 74).

A baixa representatividade de pessoas negras na política e nos cargos de liderança nas organizações brasileiras, as fontes de notícias classificadas como empresarial, política e oficial são pouco vistas nos noticiários. Por outro lado, fundações privadas, coletivos e associações de interesse social, “sem fins lucrativos”, têm uma maior concentração de pessoas negras, por se tratar de organizações voltadas a atender demandas da sociedade civil.

No que tange às fontes artísticas, pode-se observar no Jornal Hoje uma concentração de falas relacionadas ao cancelamento dos festejos carnavalescos em decorrência da pandemia de covid-19, além da repercussão da morte de celebridades do mundo artístico. Por sua vez, no Jornal da Tarde, as fontes artísticas trataram de temas relacionados à diversidade de gênero e cultura negra (JT63, JT64, JT106).

No âmbito das fontes esportivas, não existe dificuldade em notar que as modalidades esportivas praticadas de forma coletiva e atividades individuais que não necessitam de infraestrutura e equipamentos caros têm uma concentração maior de atletas negros(as) (JH77, JH79, JH80, JH97, JT63, JT64, JT106).

Por fim, cumpre enfatizar que as fontes especializadas – negros e negras que contribuem intelectualmente para o debate – pouco apareceram nos telejornais, em números

no Jornal Hoje 19,7% e no Jornal da Tarde 5,5% das participações. A propósito dessas participações, a temática da pandemia de covid-19 foi o fio condutor das falas das fontes especializadas do Jornal Hoje (JH35, JH44, JH100, JH179, JH241, JH336). Por sua vez, nas edições do Jornal da Tarde, as fontes negras especializadas abordaram, de forma geral, assuntos relacionados à temática racial (JT2, JT9, JT31, JT39, JT68, JT86, JT110, JT117). Tais fatores apontam que existe uma limitação de espaço para a fala de intelectuais negros. Nesse contexto, Oliveira (2020) enfatiza “Há fontes negras com competência para discutir qualquer tema – política, economia, esportes, ciência –, mas o racismo brasileiro estabelece lugares fechados de concessão de fala a negras e negros”.

Em suma, que se firme o exposto, considerando todas as edições do primeiro semestre de 2021 do Jornal Hoje, os dados apontam que 4.780 pessoas participaram do telejornal, desse número, o recorte racial apontou que 390 negros e negras participaram do telejornal. Por sua vez, 1.722 pessoas participaram das edições do Jornal da Tarde (jan-jun/2021), desse montante, 140 negros e negras participaram do telejornal.

Ponderando os números, pode-se, por certo, afirmar que a participação de negros e negras nos telejornais não chega a 10%. Como se pode observar, não existe paridade na representatividade entre negros e brancos nos telejornais. Com isso, a rigor, confirma-se a hipótese que a superexposição mediática de negros e negras acaba sendo uma falácia inclusiva. As jornalistas negras, Maria Julia Coutinho e Joyce Ribeiro, participam da maioria das edições e tiveram uma superexposição, no entanto, a participação de outras pessoas negras (jornalistas e fontes) nos telejornais foi baixa, dessa forma, não houve paridade racial.

Toda reflexão teórica acima sobre ausência de paridade atesta o quanto as imagens são instrumentos de manutenção de poder. Portanto, convém não perder de vista o que disse Rosane Borges:

A visibilidade significa quando a minha visualidade, ou seja, minha presença imagética, se converte em algo que possa conferir à humanidade um reconhecimento. O poder é quando sou visível e essa visibilidade representa um conjunto que diz respeito a tudo o que chamamos de humano, comum da humanidade. (BORGES, 2020).

Ao analisar as “imagens de controle” que objetificam as mulheres negras estadunidenses, a pesquisadora Patrícia Hills Collins fornece uma chave de compreensão de como as lógicas dominantes se apropriam das imagens e as usam ao seu favor.

Para mascarar os efeitos dos cortes promovidos pelo governo em programas de bem-estar social que alimentavam crianças, abrigavam famílias trabalhadoras, ajudavam cidades a conservar estradas, pontes e infraestrutura básica, além de outros serviços públicos essenciais, imagens midiáticas

passaram a apontar cada vez mais as mulheres negras como culpadas pela deterioração dos interesses dos Estados Unidos. Assim, as mulheres negras pobres se tornam ao mesmo tempo símbolo do que ia mal nos Estados Unidos e alvo de políticas sociais concebidas para a redução do setor público. (COLLINS, 2019, p. 152-153).

Por esse viés teórico, pode-se pensar em imagens de dissuasão, como tal, a mídia hegemônica investe na superexposição mediática das jornalistas negras, a fim de aliviar temporariamente as tensões e pressões por representatividade.

## **QUINTO CAPÍTULO**

### **DISSUAÇÃO RACIAL**

A partir do que foi visto no presente estudo, os capítulos serviram de base para a construção da noção da dissuasão racial, tema central desta etapa.

## **CAPÍTULO V – DISSUAÇÃO RACIAL**

Dissuasão tem origem no latim *dissuāsiō* (1844), na morfologia da língua portuguesa é classificada como substantivo feminino, no campo semântico indica ato ou efeito de dissuadir. Por sua vez, o verbo dissuadir significa “convencer (alguém ou a si mesmo a mudar de ideia, a abdicar de uma decisão, despersuadir-se)” (HOUAISS, 2009). A dissuasão pode ser interpretada como ação de demover interesse por determinado intento. Ou seja, fazer com que algo não aconteça ou aconteça, a depender dos interesses daquele(a) ou daqueles(as) que dissuadem. Alguém pode ser dissuasor de si mesmo (dissuadiu-se de falar a respeito do fato) ou dos outros e outras (dissuadiu-o(a) de prestar depoimento). Numa perspectiva macro, a dissuasão pode englobar o imaginário coletivo (foram dissuadidos(as) de votar no candidato).

A dissuasão é tratada com frequência nos estudos relacionadas à persuasão, presentes em diversas áreas do conhecimento. De certo modo, relacionados a práticas comunicativas (comunicação verbal e não verbal) e à venda de produtos e serviços.

Na literatura bélica, a dissuasão é usada na tentativa de anteceder conflitos. Pode-se tomar como exemplo a chamada “dissuasão nuclear”, a estratégia consiste em possuir armamento nuclear e obter vantagens mesmo sem utilizá-los. Em suma, a tática consiste em desestimular, desencorajar, enfraquecer qualquer forma de ameaça.

A partir da teoria crítica da comunicação entende-se que as distorções argumentativas e os falsos discursos versam com a dissuasão. O afastamento de qualquer questionamento sistêmico é uma forma de dissuadir. A desqualificação da problematização, por vezes, objetiva que determinado assunto permaneça imóvel. E mais, a bulha em torno de um tema é uma maneira de tirá-lo dos holofotes. Delir o debate crítico é uma maneira de dissuadir.

Sendo assim, a dissuasão é uma forma de assegurar o controle, portanto, uma ferramenta de poder. Diante do exposto, a partir das condições históricas, políticas, econômicas e sociais da população negra no Brasil que caracterizam o racismo como estrutura de poder (abordadas no capítulo anterior); e a dissuasão sendo um instrumento de defesa do domínio, apresenta-se na sequência um exemplário descritivo/analítico de fatos que evidenciam o que chama-se de dissuasão racial.

## 5.1 A dissuasão progenitora

A colonização portuguesa destituiu negros e negras de seus próximos, seus costumes, dialetos, territórios, suas vidas, um processo violento de coisificação do outro. No entanto, houve RESISTÊNCIA – a palavra aparece em letras maiúsculas para contradizer o discurso que houve aceitação benevolente pelos escravizados. Segundo Clovis Moura (1983), a principal forma de resistência aos horrores da escravidão era a organização. Haja vista, o Quilombo dos Palmares que resistiu por mais de um século.

Vale lembrar que esse senso de organização não surge em vão. O comunitarismo era uma das características de parte das sociedades africanas no período pré-colonial, século XV, antes da “chegada” dos europeus ao continente. A organização coletiva, de certa forma, predominava em reinos ou clãs.

Nas sociedades tradicionais africanas, a existência do indivíduo não tinha nenhum sentido a não ser no interior do seu grupo social, ou seja: ele era um elemento indispensável ao grupo, mas não existia fora dele. A melhor ilustração para essa concepção era o fato de que a terra era considerada um bem coletivo. (LOPES, 2017, p. 120).

O temor da classe dominante era o coletivo, tanto que os diversos quilombos eram atacados constantemente pelas forças repressoras da época. O agrupamento ameaçava o sistema escravista. Ajuntamento pressupõe, na imanência, poder. Elias Canetti (1995) tipifica essa sublevação como massa de inversão.

A inversão pressupõe uma sociedade estratificada. A fronteira que separa determinadas classes, das quais uma possui mais direitos do que a outra, precisa ter existido por um certo tempo, precisa ter se feito sentir longamente na vida cotidiana dos homens, antes que possa surgir a necessidade de uma inversão. É necessário que o grupo superior tenha desfrutado do direito de dar ordens ao inferior - quer tenha o primeiro conquistado o país e se imposto a seus habitantes, quer tenha a estratificação resultado de processos internos. Cada ordem deixa fincado naquele que é obrigado a cumpri-la um doloroso agulhão. [...] Homens aos quais muitas ordens foram dadas, homens que se apresentam repletos de tais agulhões sentem um poderoso impulso de livrar-se deles. [...] podem, também, pagar na mesma moeda o que tão longamente sofreram e armazenaram daqueles que lhes são superiores. Um indivíduo sozinho, fraco e desamparado como é apenas raramente terá a sorte de dispor de uma tal oportunidade. Quando, porém, muitos deles reúnem-se numa massa, é possível que consigam a que isoladamente, lhes fora negado. Juntos, podem voltar-se contra aqueles que até então, lhes davam as ordens. (CANETTI, 1995, p.57).

As informações a respeito da Revolução Haitiana (1791-1804) avivaram o imaginário temeroso de que algo parecido pudesse ocorrer no Brasil. Essa possibilidade de inversão apavorava a classe dominante. Causou fobia ao sistema escravocrata a chamada Revolta dos

Malês, evento que reuniu cerca de 600 negros e negras nas ruas de Salvador (BA) em 24 de janeiro de 1835. Além dos inúmeros casos de fugas coletivas ocorridas nas cidades do interior. Célia Azevedo (1987) relata que as relações entre os membros da classe hegemônica e os escravizados estavam insustentáveis nos anos que antecederam a abolição da escravidão em 1888.

E, à medida que mais e mais escravos fugiam das fazendas de diversas partes da província e tomavam o rumo de Santos, aguçavam-se os conflitos de ruas naquela cidade. Em 1886 o chefe de polícia Luiz Lopes Baptista dos Anjos Jr. relata um destes conflitos violentos ocorridos em Santos, que segundo ele só poderia ser atribuído a interesses escusos de indivíduos que açoitavam escravos a fim de explorar-lhes a força de trabalho em proveito próprio.<sup>40</sup> Contudo, fossem quais fossem os interesses envolvidos dos humildes carregadores que acorreram à estação da estrada de ferro e, munidos de pedras e paus, tentaram impedir o embarque de cinco escravos fugidos para a capital, o fato é que ‘as classes ínfimas’ haviam entrado em plena ebulição, assumindo cada vez mais ousadamente aquelas atitudes imprevisíveis e desreguladas — ou ‘as paixões ruins’, como se dizia — tão temidas pela polícia e proprietários de todo o tempo e lugar. (AZEVEDO, 1987, p. 203).

E acrescenta:

[...] o momento era delicado e a polícia devia zelar acima de tudo pela manutenção da ordem pública, cada vez mais ameaçada por uma guerra aberta entre negros e brancos e cujos contornos já se delineavam de forma bastante sangrenta. Enquanto a polícia tentava evitar que os ânimos se exaltassem ainda mais, os políticos na Assembleia Legislativa da província sucediam-se em discursos exaltados, denunciando o descontrole institucional generalizado. Segundo o deputado Castilho, naquele momento o despovoamento das fazendas estaria ‘tomando um caráter mais perigoso para a ordem social’\ pois se a princípio os escravos abandonavam secretamente as fazendas, escondendo-se em seguida, agora eles invadiam as cidades, organizando passeatas e gritando pelas ruas ‘vivas a seus protetores’ e ‘morras’ aos escravocratas. (AZEVEDO, 1987, p. 212).

A autora retrata que entre a classe dominante crescia o medo de uma guerra civil nos moldes da acontecida nos Estados Unidos da América. O documento (1879) da Assembleia Legislativa da Província de São Paulo explicita a preocupação do parlamentar.

Além da revolta dos escravos, Martim Francisco expressava um outro medo, já assinalado por outros deputados um ano antes. Era o perigo de uma cisão entre norte e sul, pois, ao mesmo tempo que a ‘idéia separatista’ já se tornava popular nas províncias do norte e nordeste, seus escravos estavam sendo exportados em número crescente para o sul do país. Ao final desta exportação acelerada de negros, o norte estaria livre para formar um Estado separado, deixando o sul em maus lençóis[...]. (AZEVEDO, 1987, p. 123).

Além dos conflitos, o que estava em jogo era a manutenção dos privilégios. Para isso, foi preciso selar um grande acordo nacional.

Para que os interesses do capital saíssem intatos desta época de instabilidade geral das relações de produção, era preciso, portanto, firmar-se uma união

nacional, tal como propusera em 1884 o barão de Guajará, evitando-se por todos os modos que ‘as paixões ruins’ das ‘classes ínfimas’ viessem à tona, o que possivelmente poria muito ou mesmo tudo a perder para proprietários e comerciantes, bem como seus representantes políticos. Esta proposta de união nacional, cada vez mais insistentemente colocada pela elite em suas diversas correntes de opinião, não tardaria em se concretizar. No início de maio de 1888, os políticos dos três partidos — Liberal, Conservador, Republicano, aos quais se filiavam escravistas, emancipacionistas e abolicionistas indistintamente — deram-se as mãos num consenso quase absoluto e votaram a Lei de Abolição, clamando em meio a loas e hinos à pátria pela conciliação, o que queria dizer esquecimento dos conflitos passados e sobretudo não-revanchismo. (AZEVEDO, 1987, p.124).

Não se nega a importância da abolição jurídica da escravidão em 13 de maio de 1888, nem se menospreza a luta de negros, negras e seus aliados(as) pela liberdade, pelo contrário, deve ser exaltada. No contexto acima mapeado, evidencia-se um processo dissuasivo. Uma grande soma de motivos, por vezes olvidado, demonstra que a Abolição da Escravidão teve o intuito de dissuadir qualquer ameaça ao capital.

## **5.2 Quem é negro(a)?: a porfia dissuasiva**

Mesmo não oferecendo audiência, os recortes temáticos abordados em programas de reality show chegam por meio das redes sociais na web. As discussões, frequentemente, limitadas às caixas de textos com 140 caracteres ganham eco efêmero em outros espaços, sejam eles mediáticos ou não. Valendo-se novamente do artigo da jornalista Pamela Dias, publicado no *O Globo* que divulgou dados do sistema analítico Quaest, pode-se afirmar que em 2021, depois de novembro (o chamado mês da Consciência Negra), fevereiro foi o mês com a maior incidência de postagens cujo tema era racismo. Isso em virtude da exposição/participação de alguns negros e negras no programa Big Brother Brasil da TV Globo. Vale ressaltar que entre as primeiras vinte e uma edições da atração televisiva, essa foi a que contou com 50% do elenco composto por pessoas negras. Especula-se que essa ação tenha ocorrido em função de uma determinação da empresa norte-americana que detém os direitos autorais. Como tal, essa edição (21) forneceu um vasto material de pesquisa, contemplado em diversos estudos. Por isso, o recorte empírico selecionado remete à edição de 2020, na qual a fala de um participante repercutiu nas redes sociais digitais. O ator Babu Santana condena o uso da palavra negro e diz que prefere o termo preto. Disse o participante:

Pessoas de pele preta não eram chamadas de negro. Era moros, africanos, qualquer coisa, menos negro. Negro vem de nigro, do grego, que é inimigo, e é por isso que eu renego esse nome. (BABU SANTANA, 2020).

E continuou:

Se você pegar negro no dicionário português é o que não remete luz, funesto, sinistro. Não tem uma atribuição positiva a essa palavra. (BABU SANTANA, 2020).

Figura 32 - Repercussão no Twitter sobre a fala de Babu Santana



Fonte Twitter (2020)

A fala do ator vai ao encontro de uma conceituação internacional, na qual a palavra negro deriva de uma “nomenclatura colonial”. A pesquisadora Grada Kilomba (2019) descreve que o termo negro em determinados países sofreu um processo de “desconstrução linguística”, por exemplo, nos Estados Unidos da América usa-se o termo Black, com a letra B maiúscula; por sua vez, na Alemanha opta-se por não escrever a palavra por extenso, utiliza-se somente a letra N maiúscula.

Em português, no entanto, deparamos com um imenso dilema teórico, pois o termo Black é traduzido para negra/o, e embora este seja usado como um termo político na língua portuguesa, está invariavelmente ancorado na terminologia colonial e, por isso, intimamente ligado a uma história de violência e desumanização [...] a palavra passou a ser um termo usado nas relações de poder entre a Europa e a África e aplicada aos Africanos para definir o seu lugar de subordinação e inferioridade. (KILOMBA, 2019, p.17).

Esse dilema, bem captado pela autora, não ocorre por acaso, serviu/serve como manobra de dissuasão. A colonização portuguesa foi sagaz ao criar e estimular mecanismos de classificação/divisão étnica em suas colônias. Em países do continente africano, por exemplo, implantou diversas estratégias para criar tensões, cisões e dissuadir as resistências. Uma delas, segundo Joana Gorjão Henriques (2017), foi o “estatuto do indigenato”, a saber:

Os assimilados eram os que conseguiam ultrapassar o estatuto de indígenas, e indígenas eram, segundo a lei, ‘todos os indivíduos de raça negra ou dela descendentes que, pela sua ilustração e costumes, não se distinguem do comum daquela raça’. Para atingirem o estatuto de assimilados tinham de saber falar português corretamente [...]. Ser assimilado era ‘ter uma maior identificação com o colonizador, com a nação portuguesa’. (HENRIQUES, 2017, p.24).

Por sua vez, não se tem, no Brasil, registro de um documento oficial que classifique as raças. No entanto, Moura (2020, p.207) demonstra que numa perspectiva simbólica existe uma hierarquização racial que perdura até os dias de hoje. Sendo que no cume apresenta-se brancos e brancas como sendo o perfil padrão europeu/norte-americano. Na base, encontra-se todos(as) aqueles(as) que representam “a negação do ideal tipo étnico, social e estético escolhido pela estrutura de poder dominante”. Vale ressaltar que perdura na sociedade brasileira a terminologia do pardo, definido etimologicamente como adjetivo “de cor escura, entre o branco e o preto” (HOUAISS, 2009). Essa categorização criada pelo poderio hegemônico alimenta representações indeterminadas como mulato, moreno escuro, moreno claro, entre outros. Dependendo do status social, às vezes estão mais próximos ao topo, em outras ao fim da pirâmide racial. Como tal, essa hibridação terminológica provoca porfia, conseqüentemente, dissuasão.

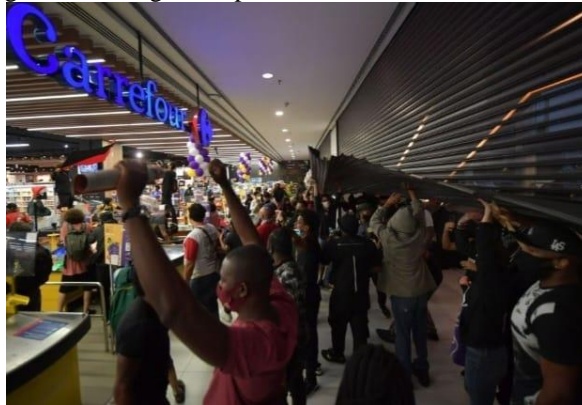
Portanto, essas diferenciações vêm funcionando, com eficácia, como elementos de fragmentação da identidade negra e coibindo que está se transforme em elemento aglutinador no campo político, para reivindicações coletivas por equidade racial posto que, ao contrário do que indica o imaginário social, pretos e pardos (conforme a nomenclatura do IBGE) compõem um agrupamento que, do ponto de vista dos indicadores sociais, apresentam condições de vida semelhantes e igualmente inferiores quando comparadas ao grupo branco, razão pela qual, define-se hoje, política e sociologicamente a categoria negro, como a somatória daqueles que o Censo classifica como pretos e pardos. (CARNEIRO, 2005, p.64-65).

Não é senão por esse motivo que o pleito eleitoral para o governo do estado da Bahia, um dos candidatos notadamente branco se disse pardo a fim de obter vantagens políticas.

### **5.3 Dissuasão comparativa norte-americana**

Em 20 de novembro de 2020, no chamado Dia da Consciência Negra, as imagens de protestos em diversas unidades do Carrefour repercutiram nas redes sociais digitais. As manifestações foram motivadas pela morte de João Alberto Freitas, um homem negro que foi assassinado, na noite anterior, por seguranças do hipermercado em Porto Alegre (RS).

Figura 33 - Imagem de protestos em diversas unidades do Carrefour



Fonte: Google imagens

Figura 34 - Imagem de protestos em diversas unidades do Carrefour



Fonte: Google imagens

De imediato, diversas comparações com os protestos ocorridos nos Estados Unidos da América em decorrência do assassinato de George Floyd foram feitas. Seja no campo conservador negacionista ou em parte do campo progressista, a dissuasão racial se fez presente nas discussões.

No que tange ao conservadorismo brasileiro, nada novo. O discurso conservador prega que no Brasil as coisas são diferentes, que os protestos são uma tentativa de desestabilizar a “democracia racial” brasileira. Diante dos protestos, Jair Bolsonaro, figura política na qual personifica-se pensamentos ultraconservadores e reacionários, não comentou o caso, não prestou qualquer solidariedade ou condolências à família, preferiu silenciar-se. Sem fazer referência direta ao caso, em data posterior ao ocorrido, em reunião virtual do G20, negou a existência de racismo. Em seu discurso disse que a luta por igualdade e justiça social mascara a tentativa de criar conflito e ódio. Por outro lado, lamentando as cenas de violência ocorrida na capital do Rio Grande do Sul, mas alinhado ao discurso de negação do racismo no Brasil, outros membros do governo se manifestaram. Indagado a respeito da questão racial, o vice-presidente Antonio Hamilton Martins Mourão disse aos repórteres:

Não, para mim no Brasil não existe racismo. Isso é uma coisa que querem importar, isso não existe aqui. Eu digo para você com toda tranquilidade, não tem racismo.

Indagado novamente, complementou:

Não, eu digo para vocês pelo seguinte: porque eu morei nos Estados Unidos. Racismo tem lá. Eu morei dois anos nos Estados Unidos. Na minha escola, o pessoal de cor andava separado, [algo] que eu nunca tinha visto isso aqui no Brasil. Saí do Brasil, fui morar lá, era adolescente, e fiquei impressionado com isso aí.

E, no entanto, coube ao presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo, um dos poucos negros nomeados pelo governo eleito em 2018, as manifestações mais contundentes a respeito do tema. Segundo ele, o racismo praticado no Brasil é “circunstancial”. Ele defende que a “estrutura onipresente que dia e noite oprime e marginaliza todos os negros” é uma falácia criada pela esquerda.

Figura 35 - Sérgio Camargo, Presidente da Fundação Palmares



Fonte: Twitter (2020)

Atuando como uma espécie de porta-voz do governo para assuntos relacionados às questões raciais, o jornalista é conhecido por desprezar temas caros ao movimento negro e os direitos humanos e sociais da população negra. Não o bastante, nesse contexto, ganha campo uma ultradireita negra subserviente de viés reacionário que estrategicamente ou não provoca bulhas mediáticas que desidratam as conquistas sociais. Assim, tudo nos parece extremamente óbvio, o quanto se procura dissuadir do debate o racismo enquanto elemento estrutural.

Não bastassem tais nuances promovidas pelo escopo direitista da sociedade, em uma espécie de fogo amigo, parte do campo dito progressista questiona não haver mobilização similar dos negros e negras no Brasil. A rigor, sabe-se que a luta contra o racismo não é exclusivamente de negros e negras, mas é de brancos e brancas e todos aqueles(as) que rogam pelos Direitos Humanos. Chancelar essa peleja unicamente à população negra provoca um efeito dissuasivo que esvazia a pauta antirracista. O que perfaz, no fundo, um delir dos enfrentamentos, das lutas e resistências de negros e negras no Brasil.

#### 5.4 A superexposição mediática dissuasiva

A superexposição é algo característico do digital, mas a utilização da exposição de um negro como arma dissuasiva não vem de agora. Em tempos análogos, a exposição do jogador de futebol Pelé foi usada como álibi de representação social. Como se dissessem: “olha, os negros estão aí”, como se isso fosse suficiente. Mais ainda, o jogador, quando indagado, diversas vezes se negou a analisar questões raciais. Algo perfeito para a cristalização da falsa sensação de harmonia racial, como se tudo estivesse bem, como se o racismo não existisse. Cabe aqui uma pergunta: se o atleta tivesse usado seu espaço mediático (análogo) como sujeito representativo de combate ao racismo, a classe dominante teria lhe dado espaço? Portadora de um posicionamento crítico com relação às questões raciais, em uma entrevista, a atriz, cantora, compositora Zezé Mota relatou que, ao negar-se interpretar uma personagem, não porque era um serviçal, mas pelas poucas falas que seriam a ela atribuída, percebeu certa resistência de parte da mídia. Como dito em passagens anteriores, representação difere-se de representatividade.

Figura 36 - Atriz Zezé Mota



Fonte: Facebook

A superexposição abrange os meios mediáticos massificados, interativos e híbridos. É dada, de forma individualizada, a poucos negros e negras, por outro lado, torna-se nula entre brancos e brancas, por ser algo constante e ofertado ao coletivo branco, que é visualizado de forma ininterrupta. Efeito parecido quando se observa a janela do metrô em velocidade máxima. A superexposição de brancos(as) soa como algo natural, dentro de uma lógica estrutural racista, sendo assim, a superexposição de um(a) negro(a) é vista como diferente.

Na era da visibilidade mediática, esse macro corredor multicomunicacional que potencializa a exposição, um dos primeiros negros a obter uma superexposição foi o ex-

Presidente do Supremo Tribunal Federal Joaquim Barbosa. Em 2012, durante o julgamento do chamado Mensalão – escândalo de corrupção que envolveu políticos e empresários – o magistrado ganhou notoriedade por ser relator do caso. De maneira espetacular, o julgamento foi transmitido ao vivo em canais de TV de sinal aberto e fechado, no YouTube e repercussão simultânea nas redes sociais. Ao ocupar um dos mais altos cargos de poder do país, onde as decisões são tomadas, o juiz ganhou notoriedade.

Figura 37 - Joaquim Barbosa, ex-presidente do Supremo Tribunal Federal



Fonte: Exame (2013)

Outro caso que provocou superexposição foi a votação da Lei 12.711/2012 que garantiu cotas no ensino superior. As discussões a respeito desta ação afirmativa estavam na pauta do dia, defendida pelo movimento negro unificado e projetos sociais, mas parte do campo progressista estava contrário ao projeto, representado pelos meios de comunicação hegemônicos e uma frente ampla – intelectuais, artistas, setores abastados da sociedade, que em grande medida elegeram a meritocracia como denominador comum para ingresso no ensino superior. Uma das justificativas utilizadas para posição contrária ao projeto era a hipótese de fomento dos conflitos raciais. Nesse sentido, a superexposição de Joaquim Barbosa na suprema corte foi usada como álibi meritocrático, sua biografia utilizada como exemplo de “superação” pessoal, já que não ingressou no ensino superior por meio das ações afirmativas. Sendo assim, a dissuasão é uma fórmula já antiga, que ganha novos contornos com a difração negra alicerçada pelo fenômeno glocal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na comunicação científica, a comprovação ou refutação das hipóteses são parte do processo. No entanto, por vezes, deseja-se que determinadas hipóteses não careçam de dedicação intelectual. Em meio à frieza da escrita acadêmica, da necessidade normativa, existem comprovações ou refutações que cortam a carne dos pesquisadores. Desafio maior para intelectuais orgânicos que escolhem investigar determinadas hipóteses. Estes são de partida alertados(as) da necessidade dos ritos científicos. Algo parecido deve ocorrer com atores e atrizes que precisam em nome da arte interpretar determinados personagens. Encontrar palavras para escrever sobre violência é algo difícil, exige estômago, causa ânsia. Grafar no papel a dor do outro por vezes proporciona tristeza. Por outro lado, as palavras que denunciam, contestam, desvelam as violências trazem avivamento. Em função disso, se furtar, se abster em tratar do tema é uma forma de manutenção da violência. Contudo, lembrando da “consciência das palavras” de Elias Canetti, uma das ambições desta pesquisa foi materializar em formato de texto dinâmicas vigentes na sociedade brasileira.

A dissuasão como forma de controle racial foi a hipótese desta Tese, sua comprovação está grafada nas linhas deste trabalho, com ênfase no Capítulo IV. Nele, delineia-se uma argumentação crítica baseada na demonstração teórica e na significação social-histórica de determinados fatos que desvelam o racismo e seu processo dissuasório. A dissuasão racial asfixia o imaginário contestatório.

Comungando com essa vertente, a denegação do racismo esvazia a reflexão crítica. Funciona com uma espécie de escudo de força. Nessa direção, não é equivocado dizer que a dissuasão racial serve à conservação do poder. Em função disso, percebe-se que a dissuasão racial objetiva dispersar a onda negra que tensiona as arcaicas formas de representatividade e visibilidade. Esse movimento ondulatório é o que chama-se de difração racial. Como apresentado no Capítulo III, a conceituação tem inspiração no fenômeno da física, na qual a onda consegue ultrapassar os obstáculos. Considerando a televisão como principal veículo de comunicação de massa, as imagens de pessoas negras que ela mostra ou não mostra formam o imaginário coletivo. No Brasil, historicamente, a televisão propaga o racismo quando apresenta imagens estereotipadas ou, na maioria das vezes, quando olvida a participação de pessoas negras em suas programações. Isso nada mais é senão uma barreira, um obstáculo.

O digital, como plataforma de comunicação, possibilitou a produção e divulgação de conteúdo. Convém ressaltar que nada no digital é gratuito e altruísta, tudo direta ou indiretamente se relaciona à lógica mercadológica. Nesse contexto, portais de notícias, canais

no YouTube, páginas nas redes sociais, podcasts são alguns exemplários de espaços mediáticos usados para divulgação de conteúdos relacionados à cultura negra. Rompendo barreiras visuais impostas pela mídia hegemônica. Essa difração negra reivindica e tensiona o *status quo* e provoca um mal-estar na falsa harmonia racial. Nesse cenário, questionamentos por falta de representatividade, apressadamente, são respondidos com a indicação de representação de um(a) negro(a) que possui superexposição. Como o efeito de um analgésico no combate à dor crônica, encontrar um negro ou uma negra, aqui ou ali, ocupando lugar de destaque na televisão passa uma certa positividade de representação.

Para dar conta do que eventualmente pode escapar ao olhar menos atento, o Capítulo IV apresenta os resultados da coleta e análise dos dados. As 155 edições do Jornal Hoje (Rede Globo) e 127 edições do Jornal da Tarde (TV Cultura) apontaram que não existe paridade racial. Os dados demonstram que de fato as jornalistas Maria Julia Coutinho e Joice Ribeiro tiveram uma superexposição nos respectivos telejornais, no entanto, a participação de outras pessoas negras foi baixa. Como se vê, um sorriso nulo quando se fala em inclusão. Assim, não é custoso afirmar que a superexposição mediática de um negro ou uma negra pode causar um efeito dissuasivo na luta contra o racismo. Dito de forma sucinta, a superexposição fomenta o equivocado discurso que tudo mudou, que a equidade racial está dada. Como se em um passe de mágica a comunicação se tornasse algo benevolente.

Pelo contrário, para se ratificar a comunicação como espaço hostil para população negra, o segundo capítulo traçou um sucinto esboço histórico/crítico. De ponta a ponta, na história das telecomunicações no Brasil, percebe-se senão por outro motivo o racismo, desde a implantação dos telégrafos no século XIX até as tecnologias vigentes.

Nessa seara, não por acaso, no primeiro capítulo foi realizada uma lembrança teórica/crítica do racismo na sociedade brasileira. Essa grande soma de motivos reforça a comprovação da hipótese que a dissuasão racial é uma forma de controle.

## REFERÊNCIAS

- ABIA. **Associação Brasileira da Indústria de Alimentos**. 2022. Disponível em: <https://www.abia.org.br/vsn/temp/z2019214infograficov08.pdf>. Acesso em: 6 ago.2022.
- AFIRMATIVA. **Revista Afirmativa é um veículo multimídia de mídia negra**. 2013. Disponível em: <https://revistaafirmativa.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 6 set.2022.
- AGÊNCIA BRASIL. **Mulheres fazem ato pelo país contra Bolsonaro e pela democracia**. Publicado em: 20 out.2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/mulheres-fazem-ato-pelo-pais-contra-bolsonaro-e-pela-democracia/>. Acesso em: 20 out.2022.
- ALMA PRETA. **Jornalismo preto e livre**. Disponível em: <https://almapreta.com/>. Acesso em: 6 set. 2022.
- ALMEIDA, Silvio Luiz. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ALTINO, Lucas. Arte em homenagem a Genivaldo viraliza: recurso para ‘manifestar indignação’, diz o autor. **O Globo**. Publicado em: 26 maio. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/seguranca-publica/noticia/2022/05/arte-em-homenagem-a-genivaldo-viraliza-recurso-para-manifestar-indignacao-diz-o-autor.ghtml>. Acesso em: 20 set.2022.
- DAVIS, Angela. “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”. **El País**. Publicado em: 27 jul.2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503\\_610956.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html). Acesso em: 7 set.2022.
- AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda Negra, Medo Branco: O Negro no Imaginário das Elites - Século XIX**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: doi:10.11606/T.47.2019.tde-18062019-181514. Acesso em: 30 jan. 2022.
- BOLETIM DA EUGENIA (RJ) 1929-1932. **Hemeroteca Digital Brasileira**. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/boletim-de-eugenia/159808>. Disponível em: 3 fev.2022.
- BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane da S (Org.). **Mídia e racismo / Roberto Carlos da Silva Borges, Rosane Borges (Org.). Racismo**. Edição bilíngue. (Borges RC da S, Borges R da S, eds.). Coleção Negros e Negras Pesquisas e Debates. Coordenação: Tânia Mara Pedroso Müller. ABPN, Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as; 2012. Petrópolis, RJ: DP et alii; Brasília, DF: ABPN, 2012. 248p.

BORGES, Rosane. In: HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

BORGES, Rosane. Mais do que poder ou empoderamento, mulheres negras se emancipam e buscam autonomia. Entrevista concedida à Gislene Ramos. **Fundação Tide Setubal**. Publicado em: 20 jul. 2020. Disponível em: <https://fundacaotidesetubal.org.br/mais-do-que-poder-ou-empoderamento-mulheres-negras-se-emancipam-e-buscam-autonomia-fundacao-tide-setubal-entrevista-rosane-borges/>. Acesso em: 6 set.2022.

BORGES, Rosane. O que querem as brasileiras? **Carta Capital**. Publicado em: 13 out.2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniaio/o-que-querem-as-brasileiras-contrabolsonaro/>. Acesso em: 20 jan.2022.

CALMON, Pedro. **História social do Brasil: espírito da sociedade imperial**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CANETTI, Elias. **A consciência das palavras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CANETTI, Elias. **Massa e poder**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em: 09 jul. 2022.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTRO, Daniel. Maju Coutinho presta homenagem a Chadwick Boseman: 'Wakanda forever'. **Notícias da TV**. Publicado em: 29 ago.2020. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/maju-coutinho-presta-homenagem-chadwick-boseman-wakanda-forever-41643>. Acesso em: 6 set.2022.

COLLINS, Patrícia Hills. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo, 2019.

CORREIO NAGÔ. **Informação do seu jeito**. 2008. Disponível em: <https://correionago.com.br/>. Acesso em: 6 set.2022.

CULTNE. **Cultura negra desperta**. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/Cultne?app=desktop>. Acesso em: 6 set.2022.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Fundamentalismos, crise da democracia e ameaça aos direitos humanos na América do Sul: tendências e desafios para a ação**. Salvador: KOINONIA Presença Ecumênica, 2020.

DIAS, Pâmela. Debates sobre raça em novembro crescem 158% nas redes sociais e relatos pontuais de racismo predominam durante o ano. **O Globo**. Publicado em: 27 nov.2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/direitos-humanos/debates-sobre-raca-em-novembro-crescem-158-nas-redes-sociais-relatos-pontuais-de-racismo-predominam-durante-ano-25291542>. Acesso em: 10 jan.2022.

EMICIDA. Para Emicida, Brasil tem um 'racismo extremamente sofisticado e letal'. Entrevista concedida à France Presse. **G1**. Publicado em: 23 dez.2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/12/23/para-emicida-brasil-tem-um-racismo-extremamente-sofisticado-e-letal.ghtml>. Acesso em: 10 fev.2022.

ESBOÇOS DO CONTEMPORÂNEO. **Esboços do Contemporâneo Canal Rosane Borges**. Disponível em: [https://www.youtube.com/channel/UC4hgWxI3rxorvr6SFiNY\\_Zg](https://www.youtube.com/channel/UC4hgWxI3rxorvr6SFiNY_Zg). Acesso em: 6 set.2022.

EVANGELO, Naiara. Avaliar e punir. Motoristas e passageiros negros da Uber relatam expulsões, notas baixas, xingamentos e assédios. **The Intercept Brasil**. Publicado em: 10 ago.2022. Disponível em: <https://theintercept.com/2022/08/10/motoristas-e-passageiros-negros-da-uber-relatam-expulsoes-notas-baixas-xingamentos-e-assedios/>. Acesso em: 5 set.2022.

FECHINE, Yvana. Performance dos apresentadores dos telejornais: a construção do éthos. **Revista FAMECOS**, v. 15, n. 36, p. 69-76, 20 nov. 2008.

FERREIRA, Marco Aurélio. **Comunicação em rede e alternativas democráticas**: um estudo sobre junho de 2013 e novas formas de atuação política. 2018. 104 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da violência**. Atualizado em 31 agosto 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/atlas-da-violencia/>. Acesso em: 4 ago.2022.

G1.GLOBO. **Vítimas de Covid no Brasil passa de 687 mil; média móvel de mortes mantém alta pelo 8º dia**. Publicado em: 11 out.2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/10/11/vitimas-de-covid-no-brasil-passa-de-687-mil-media-movel-de-mortes-mantem-alta-pelo-8o-dia.ghtml>. Acesso em: 20 set.2022.

GELEDÉS. **Instituto da Mulher Negra Geledés**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/>. Acesso em: 6 set.2022.

GIBSON, William. **Neuromancer**. São Paulo: Aleph, 1999.

GLOBO PLAY. **Jornal Hoje**. Um noticiário leve e informal que trata de notícias, política, economia e temas internacionais. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/jornal-hoje/t/KLqhpkkZ5d/>. Acesso em: 6 set.2022.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, n. 92/93 jan./jun., 1988b. p. 69-82.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244. Apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho “Temas e Problemas da População Negra no Brasil”, IV Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1980.

GSHOW.GLOBO. **Moïse Kabamgabe**: famosos pedem justiça para congolês assassinado no Rio. Disponível em: <https://gshow.globo.com/tudo-mais/tv-e-famosos/noticia/moise-kabamgabe-famosos-pedem-justica-para-congoles-assassinado-no-rio.ghtml>. Acesso em: 5 jun.2022.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: 34 ed.,1999.

HENRIQUES, Joana Gorjão. **Racismo em português**: o lado esquecido do colonialismo. Lisboa: Tinta da China, 2017.

HISTORIADORXS NEGRXS. **Rede de historiadores negros e negras**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/HistoriadorxsNegrxs>. Acesso em: 6 set.2022.

HOOKS, Bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IBGE. **Instituto brasileiro de Geografia e Estatísticas**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 20 set.2022.

INSTAGRAM. **Página oficial de Maju Coutinho**. Disponível em: <https://www.instagram.com/majucoutinhoreal/?hl=pt-br>. Acesso em: 6 set.2022.

INSTITUTO PÓLIS. **Raça e Covid no município de São Paulo**. 2022. Disponível em: <https://polis.org.br/estudos/raca-e-covid-no-msp/>. Acesso em: 20 set.2022.

KILOMBA. Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LANCE. **Campeã olímpica, Rafaela Silva, conquista mais um título no judô**. Publicado em: 16 ago.2022. Disponível em: <https://www.lance.com.br/mais-esportes/campea-olimpica-rafaela-silva-conquista-mais-um-titulo-no-judo.html>. Acesso em: 20 set.2022.

LOPES, Nei; MACEDO, José Rivair. **Dicionário de História da África**: Séculos VII a XVI. Belo Horizonte: Autentica, 2017.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**. São Paulo: Ática, 1989.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão**: a vida pelo vídeo. São Paulo: Moderna, 1988.

MATOS, Caio. Levantamento aponta 94 discursos racistas de autoridades nos últimos três anos. **Congresso em Foco**. Publicado em: 24 mar.2022. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/levantamento-aponta-94-discursos-racistas-de-autoridades-nos-ultimos-tres-anos/>. Acesso em: 27 set.2022

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte. São Paulo: n.1, 2018.

MOURA., Clóvis. **Brasil**: raízes do protesto negro. São Paulo: Global, 1983.

MOURA, Clóvis. **Dialética radical do Brasil Negro**. 3. ed. São Paulo: Fundação Maurício Grabois: Anita Garibaldi, 2020.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

MUNDO NEGRO. **O melhor conteúdo sobre negros do Brasil**. 2001. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/>. Acesso em: 6 set.2022.

NOTÍCIA PRETA. **Notícia Preta apresenta conteúdos que promovem o antirracismo e a valorização da cultura negra**. 2018. Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/>. Acesso em: 6 set.2022.

OLIVEIRA, Dennis de. Imprensa tem dificuldade de reconhecer seu racismo. Entrevista concedida ao jornalista Guilherme Soares Dias. **UOL.ECOA**. Publicado em: 18 ago. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/18/imprensa-tem-dificuldade-de-reconhecer-seu-racismo-diz-professor-da-usp.htm>. Acesso em: 30 jan. 2022.

OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo estrutural: uma perspectiva histórico-crítica**. São Paulo: Dandara, 2021.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas (SP): Pontes, 1999.

PENSAR AFRICANAMENTE. **Canal do YouTube**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/pensarafricanamente>. Acesso em: 6 set.2022.

PEREIRA, João Batista Borges. **Cor, profissão e mobilidade: o negro e o rádio de São Paulo**. São Paulo: Pioneira, 1967.

PESQUISAS SAN. **Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional**. Disponível em: <https://pesquisassan.net.br/>. Acesso em: 3 jun.2022.

PINHEIRO, Felipe; PACHECO, Paulo. Consciência Negra: famosos dizem como avançar no debate para além da data. **UOL.TVFAMOSOS**. Publicado em: 20 nov. 2019. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2019/11/20/consciencia-negra-famosos-dizem-como-avancar-no-debate-para-alem-da-data.htm>. Acesso em: 30 jan. 2022.

PODER 360. **Frase: “Vidas negras importam” é pintada na Avenida Paulista**. Publicado em: 21 nov.2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/frase-vidas-pretas-importam-e-pintada-na-avenida-paulista/>. Acesso em: 20 fev.2022.

PRECIOSO, Karla. Joyce Ribeiro foi a primeira mulher negra a assumir a bancada de um jornal diário. **Ana Maria**. Publicado em: 12 fev. 2022. Disponível em: <https://anamaria.uol.com.br/noticias/ultimas-noticias/joyce-ribeiro-uma-historia-de-representatividade.phtml>. Acesso em: 6 set.2022.

RECUERO, Raquel. Discurso mediado por computador nas redes sociais. In: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson. **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de**

aprender? - 1. ed.- São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 13-30.

RODRIGUES, Thayná. Maju Coutinho é a nova apresentadora do Jornal Hoje. **Geledés**. Publicado em: 9 ago.2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/maju-coutinho-e-a-nova-apresentadora-do-jornal-hoje/>. Acesso em: 6 set.2022.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice**. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Racismo brasileiro**: uma história da formação do país. São Paulo: Todavia, 2022.

SCHMITZ, Aldo Antônio. **Fontes de notícias**: ações e estratégicas das fontes no jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. **Psicologia & Sociedade** [online]. 2014, v. 26, n. 1, pp. 83-94. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100010>. Acesso em: 30 jan. 2022.

SILVA JÚNIOR, Joab Silas da. “O que é difração”. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/fisica/o-que-e-difracao.htm>. Acesso em: 25 out.2022.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SQUIRRA, Sebastião. **Aprender telejornalismo**: Produção e Técnica. Ed. Brasiliense, 1989.

SQUIRRA, Sebastião. O telejornalismo na Internet. **Revista Comunicação e Sociedade**. São Bernardo do Campo. 2002, p. 43-54.

THE WORLD BANK. **Pobreza e desigualdade no Brasil**: pandemia complica velhos problemas e gera novos desafios para população vulnerável. Publicado em: 14 jul.2022. Disponível em: <https://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2022/07/14/pobreza-e-desigualdade-no-brasil-pandemia-complica-velhos-problemas-e-gera-novos-desafios-para-populacao-vulneravel>. Acesso em: 20 set.2022.

THE WORLD BANK. **Relatório de pobreza e equidade no Brasil**: mirando o futuro após duas crises. Publicado em: 14 jul.2022. Disponível em: <https://www.worldbank.org/pt/country/brazil/publication/relatorio-de-pobreza-e-equidade-no-brasil-mirando-o-futuro-apos-duas-criises>. Acesso em: 5 set.2022.

TRIVINHO, Eugênio. **A dromocracia cibercultural**: lógica da vida humana na civilização mediática avançada. São Paulo: Paulus, 2007. (Coleção Comunicação).

TRIVINHO, Eugênio. "Epistemologia Em Ruínas: A Implosão Da Teoria Da Comunicação Na Experiência Do Cyberspace". **Revista Famecos** 3, n. 5, 1996.

TRIVINHO, Eugênio. **Glocal**: visibilidade mediática, imaginário bunker e existência em tempo real. São Paulo: Annablame. 2012.

TRIVINHO, Eugênio. **Redes: obliterações no fim do século**. São Paulo: Annablume; Fapesp. 1998.

TRIVINHO, Eugênio. Visibilidade mediática, melancolia do único e violência invisível na cibercultura. **Revista Matrizes**, São Paulo, ano 4., n. 2. jan./jun. 2011.

UOL. **Assessores do Governo Bolsonaro são acusados de racismo com especialista**. Publicado em: 27 jan.2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/01/27/assessores-governo-bolsonaro-atacam-especialista-seguranca-racistas.htm>. Acesso em: 20 mar.2022.

VENAGLIA, Guilherme. Quem é Carlos Alberto Decotelli, novo ministro da Educação do governo Bolsonaro. **CNN Brasil**. Publicado em: 25 jun.2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/quem-e-carlos-alberto-decotelli-novo-ministro-da-educacao-do-governo-bolsonaro/>. Acesso em: 20 set.2022.

VIANA, Pablo Moreno Fernandes; BELMIRO, Dalila Maria Musa. O racismo brasileiro ou... quando o protagonista não é branco: a narrativa publicitária em “Nesse dia dos pais, dê O Boticário”. **Signos do Consumo**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 73-83, jan./jun. 2019.

VIRILIO, Paul. **A velocidade de libertação**. Lisboa: Relógio D’Á’água, 2000.

YOUTUBE. **Página inicial do Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLdnZUpbQ9PflCkXKykYhdmzXMhrjPl3i>. Acesso em: 6 set.2022.

ZAMPIER, Débora. Barbosa diz que patrocínio a eventos de juízes será retirado. **Exame**. Publicado em 13 jun.2013. Disponível em: <https://exame.com/brasil/barbosa-diz-que-patrocínio-a-eventos-de-juizes-sera-retirado/>. Acesso em: 25 set.2022.

## APÊNDICE 1 – A participação de negros(as) no Jornal Hoje

Fonte	Data	Nome	Profissão	Assunto	Classificação da Fonte
<b>JH1</b>	01/jan.	Renan Nascimento	Guia Turístico	Falou da festa de réveillon em Copacabana	Fonte Testemunhal
<b>JH2</b>	01/jan.	Rogério Cruz	vice-prefeito Goiânia	Discurso de posse da prefeitura	Fonte Oficial
<b>JH3</b>	02/jan.	Nayara Souza	Tia da Alice	Falou da sobrinha (Alice) que foi baleada	Fonte Testemunhal
<b>JH4</b>	04/jan.	Eduardo Xavier	Dono de bar	Falou das dificuldades financeiras que a pandemia ocasionou para o seu negócio	Fonte Testemunhal
<b>JH5</b>	04/jan.	Janaina Gomes da Silva	Pedagoga	Falou da internação por covid-19	Fonte Testemunhal
<b>JH6</b>	04/jan	Carine Guimarães	Irmã da vítima	Desabafou sobre o assassinato do irmão, mostrando o local da morte com os pertences da vítima	Fonte Testemunhal
<b>JH7</b>	04/jan	Mara Fernandes	Psicóloga	Relatou o estrago que os temporais ocasionaram na casa dela e o medo de alagamento	Fonte Testemunhal
<b>JH8</b>	05/jan	Tatiana Ribeiro	Mãe do Fernando	Desabafou sobre o desespero que está devido ao desaparecimento do filho (Fernando) que saiu para brincar e não voltou mais para casa	Fonte Testemunhal
<b>JH9</b>	05/jan	Rana Jéssica da Silva	Mãe do Alexandre	Faz um apelo para quem estiver com seu filho (Alexandre) e seus amigos que estão desaparecidos, devolva-os.	Fonte Testemunhal
<b>JH10</b>	05/jan	Nataly Silva	Estudante de Sergipe	Dificuldade de estudar para as provas do ENEM e para a escola durante a pandemia.	Fonte Testemunhal
<b>JH11</b>	05/jan	Jeferson Almeida	Estudante de João Pessoa	Contou como "se virou" para estudar para o ENEM, sem computador em casa.	Fonte Testemunhal
<b>JH12</b>	06/jan	Jaqueline Teresa Machado	Irmã da vítima	Desabafou sobre a morte do irmão - que foi assassinado em uma ação policial - declarando que ele era inocente	Fonte Testemunhal
<b>JH13</b>	07/jan	Gleice Meri Aguiar	Mãe de alunos	Falou que não concorda com o ensino à distância.	Fonte Testemunhal
<b>JH14</b>	07/jan	Joyce Aguiar	Aluna	Saudade e vontade de voltar para à escola	Fonte Testemunhal

<b>JH15</b>	08/jan	Talis dos Santos Silva Brisida	Marido da Mayara	Desabafou sobre a morte de sua esposa, devido ao covid-19	Fonte Testemunhal
<b>JH16</b>	09/jan	Hamilton Maurício	Estudante	A importância de trabalhar o controle emocional para relaxar e sentir mais seguro para as provas dos vestibulares	Fonte Testemunhal
<b>JH17</b>	11/jan	Íris Viera	Zeladora	Falou da falta de colaboração da sociedade em entender a gravidade da pandemia	Fonte Testemunhal
<b>JH18</b>	11/jan	Rogério da Silva	Garçom	Relembrou a noite em que ocorreu a tragédia em sua cidade, com o desabamento de sua casa e de seus vizinhos.	Fonte Testemunhal
<b>JH19</b>	12/jan	Cláudio Batista	Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Taubaté/SP	Falou do acordo que eles possuem com a Ford de estabilidade no emprego até dez/2021	Fonte institucional
<b>JH20</b>	14/jan	Beatriz Silva	Passageira do barco	Falta de consciência das pessoas nos barcos do Amazonas.	Fonte Testemunhal
<b>JH21</b>	14/jan	Wilson Leal	Primo do Israel	Falou sobre os planos futuros do primo - cabo da marinha baleado e morto em tentativa de assalto	Fonte Testemunhal
<b>JH22</b>	14/jan	Marcelo Corrêa	Pai do Israel	Desabafou sobre a morte do filho - cabo da marinha baleado e morto em tentativa de assalto.	Fonte Testemunhal
<b>JH23</b>	14/jan	Daisy Santana	Supervisora de Call Center	Falou da sua gratidão ao Senhor do Bonfim à vida depois de tantas mortes devido o covid-19	Fonte Testemunhal
<b>JH24</b>	14/jan	Renilda Dantas	Dona de casa	Falou da tradição de sempre estar presente na lavagem do senhor do Bonfim	Fonte Testemunhal
<b>JH25</b>	14/jan	Padre Edson Menezes	Pároco da Basílica do Bonfim	Importância e a força da oração neste momento difícil	Fonte Testemunhal
<b>JH26</b>	14/jan	Inaldo Souza	Pintor	Importância de sempre estar presente na lavagem do senhor do Bonfim.	Fonte Testemunhal
<b>JH27</b>	15/jan	Adenauer Seixas	Filho de paciente	Falou da situação da sua mãe internada com o covid-19	Fonte Testemunhal
<b>JH28</b>	16/jan	Jemerson Moraes	Motorista de ambulância	Falou da fila para conseguir oxigênio para os pacientes	Fonte Testemunhal
<b>JH29</b>	16/jan	Francisca Freitas	Enfermeira	Falou do apoio ao amigo que estava com covid-19	Fonte Testemunhal
<b>JH30</b>	16/jan	Jéssica Patrícia	Técnica de enfermagem	Falou da necessidade da população em não aglomerar e serem cuidadosos	Fonte Testemunhal

<b>JH31</b>	16/jan	Rubenigue de Conceição	Técnico em enfermagem	Dificuldades que os hospitais enfrentaram com 100% da ocupação	Fonte Testemunhal
<b>JH32</b>	18/jan	Mônica Calazans	Enfermeira	Primeira enfermeira a ser vacinada no Brasil, falou sobre a importância da vacina.	Fonte Testemunhal
<b>JH33</b>	18/jan	Giovani Henrique Cruz	Candidato	Falou da dificuldade da prova do ENEM que havia acabado de prestar, dizendo que havia sido uma prova tranquila	Fonte Testemunhal
<b>JH34</b>	18/jan	Gilberto Sales	Analista Ambiental do centro Tamar	Relatou à aparição de uma tartaruga-gigante no Paraná e o interesse em acompanhar a espécie que voltou a se reproduzir	Fonte institucional
<b>JH35</b>	19/jan	Viviane Alves	Professora de Microbiologia	Tratou da necessidade de ter uma cobertura vacinal em Minas Gerais, para que de fato toda a população seja vacinada com as duas doses	Fonte Especializada
<b>JH36</b>	19/jan	Maria Bonsucesso Pereira	Técnica de enfermagem	Primeira profissional da saúde a ser vacinada em BH, falou que a vacina era a única esperança.	Fonte institucional
<b>JH37</b>	19/jan	Perpétua do Socorro Barbosa	Técnica de enfermagem	Foi a primeira profissional da saúde a ser vacinada em Pernambuco.	Fonte Testemunhal
<b>JH38</b>	19/jan	Lucimar Josiane de Oliveira	Enfermeira	Gratidão e honra de ter sido uma das primeiras paranaenses em ser convocada para tomar a primeira dose da vacina	Fonte Testemunhal
<b>JH39</b>	20/jan	Ivan Santana	Médico	Relatou como é ruim estar afastado da sua profissão (por conta da idade).	Fonte Testemunhal
<b>JH40</b>	20/jan	Francisnalva Rodrigues	Secretária de Saúde de Coari/AM	Tratou do colapso no Amazonas, devido à falta de oxigênio	Fonte Oficial
<b>JH41</b>	20/jan	Arthur Brasil	Representante da prefeitura de Faro-PA	Abordou à falta de estrutura, sem oxigênio e todas as mortes em Santarém - PA, pedindo ajuda aos órgãos públicos	Fonte Oficial

<b>JH42</b>	21/jan	Josenilda Cirilo	Técnica de enfermagem	Sensação de impotência ao ver sua irmã morrer por conta do covid-19 e não poder ter feito nada para impedir	Fonte Testemunhal
<b>JH43</b>	21/jan	Maria Angélica Sobrinho	Enfermeira	Dificuldades nos hospitais, para lidar com a covid-19 e a importância da imunização	Fonte Testemunhal
<b>JH44</b>	21/jan	Maria Alice Sena	Diretora médica do Instituto Couto Maia	Explicou as fases da covid-19 e a preocupação em preservar a força de trabalho - os profissionais da saúde - para evitar a transmissão do vírus	Fonte Especializada
<b>JH45</b>	21/jan	Kátia Santos	Técnica de enfermagem do Samu	Lembrou dos colegas de trabalho que perderam a vida devido o covid-19	Fonte Testemunhal
<b>JH46</b>	21/jan	Cristiane Mendes	Irmã de paciente	Dificuldades para conseguir leito para o irmão que estava com a covid-19	Fonte Testemunhal
<b>JH47</b>	21/jan	Edmilson Araújo	Músico	Relatou à felicidade que era poder voltar ao teatro para assistir à um espetáculo depois de tanto tempo em casa devido a pandemia	Fonte Artística
<b>JH48</b>	21/jan	Auxiliadora Farias	Policia Militar	Falou da morte do irmão por conta do covid-19	Fonte Testemunhal
<b>JH49</b>	23/jan	Suresh Reddy	Embaixador da Índia	Participou da cerimônia de recebimento dos primeiros lotes de vacina para o Brasil, agradecendo a parceria entre a Índia e o Brasil	Fonte Oficial
<b>JH50</b>	25/jan	Marjory Willians	Estudante de farmácia	Tratou da volta das aulas na universidade, que está com todos os protocolos devidos	Fonte Testemunhal
<b>JH51</b>	25/jan	Israel Feitoza	Filho do Eliacir	Falou da morte do seu pai devido a negligência do hospital em Manaus.	Fonte Testemunhal
<b>JH52</b>	25/jan	Lucimar da Silva	Dona de casa	Falou da necessidade de adiar compras supérfluas, devido à alta dos valores no comércio	Fonte Testemunhal
<b>JH53</b>	25/jan	Herbert Lima dos Santos	Pipoqueiro	Necessidade de se reinventar na profissão durante a pandemia.	Fonte Testemunhal

<b>JH54</b>	26/jan	Doiane Lemos	Subcoordenadora de Doenças Imunopreveníveis	Importância de todo cidadão preservar o cartão de vacinação para o resgate de informações antigas	Fonte institucional
<b>JH55</b>	26/jan	Gisélia Barreto	Agende de endemias	Mostrou o seu cartão de vacinação preservado desde a primeira dose de vacina que tomou na vida	Fonte Testemunhal
<b>JH56</b>	26/jan	Marcelo Santos	Administrador de empresas	Falou da dificuldade em conseguir oxigênio para a sobrinha internada com covid-19 em hospital de Roraima	Fonte Testemunhal
<b>JH57</b>	26/jan	Antônio Neto Pereira Silva	Amigo de Francisco	Relatou como o amigo foi assassinado em uma tentativa de assalto no trânsito	Fonte Testemunhal
<b>JH58</b>	26/jan	Edgar Santana	Delegado	Tratou das investigações do acidente de ônibus que matou 19 pessoas em Guaratuba (PR)	Fonte Oficial
<b>JH59</b>	27/jan	Michele de Olveira	Massagista	Falou da superlotação dos transportes públicos nesse momento de pandemia, onde o distanciamento social é necessário	Fonte Testemunhal
<b>JH60</b>	27/jan	Alexander Costa dos Santos	Cozinheiro	Reclamou da estrutura dos transportes públicos no Rio de Janeiro.	Fonte Testemunhal
<b>JH61</b>	27/jan	Gilvan Pontes	Auxiliar de montagem de armazéns	Nova oportunidade de emprego e a altas possibilidades de crescimento na área pela demanda	Fonte Testemunhal
<b>JH62</b>	29/jan	Edson Liberal	Vice-presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria	Tratou da necessidade de que as aulas voltassem presencialmente, respeitando os protocolos.	Fonte institucional
<b>JH63</b>	29/jan	Oziel Barros	Trabalhador na construção civil	Optou por deixar de estudar nesta pandemia, no EJA, e esperar as aulas voltarem presencialmente.	Fonte Testemunhal
<b>JH64</b>	01/fev.	sem nome	sem identificação	Reclamou da falta de ônibus	Fonte Testemunhal
<b>JH65</b>	01/fev	sem nome	sem identificação	Reclamou da falta de ônibus	Fonte Testemunhal
<b>JH66</b>	01/fev	Ademir Francisco	Diretor do Sindicato dos Rodoviários/RJ	Justificou a greve	Fonte institucional
<b>JH67</b>	01/fev	Carmem Ortunes	Viúva de Seu Tito	Denunciou a falta de atendimento médico	Fonte Testemunhal
<b>JH68</b>	01/fev	sem nome	sem identificação	Relembrou um acidente que sofreu na estrada	Fonte Testemunhal

<b>JH69</b>	02/fev	Pai Ducho de Ogum	Babalorixá	Falou da tradição da festa de Iemanjá	Fonte Testemunhal
<b>JH70</b>	02/fev	Natan Pereira	Funcionário	Nova oportunidade de emprego que aceitou, com a volta aos poucos do mercado de trabalho	Fonte Testemunhal
<b>JH71</b>	03/fev	Lúcia Santos	Dona de casa	Falou da sua recuperação pós-covid-19	Fonte Testemunhal
<b>JH72</b>	03/fev	Fernanda N. Portela da Silva	Supervisora da Guarda de São Bernardo do Campo/SP	Tratou do desmatamento em São Paulo	Fonte Oficial
<b>JH73</b>	03/fev	Deputado Carlos Jordy	PSL-RJ	Falou sua opinião sobre a deputada Bia Kicis	Fonte Política
<b>JH74</b>	04/fev	Ankelys Reis	Filha de Paciente	Espera desesperadora de um leito para o seu pai que estava com covid-19	Fonte Testemunhal
<b>JH75</b>	04/fev	Quitéria Bezerra da Silva	Agricultura aposentada	Interrupção do tratamento cardiovascular, por conta da pandemia	Fonte Testemunhal
<b>JH76</b>	05/fev	sem nome	sem identificação	Dificuldades após o auxílio emergencial ter acabado	Fonte Testemunhal
<b>JH77</b>	05/fev	Felipe Melo	Meio-campo do Palmeiras	Mudança na regra do futebol testada pela FIFA	Fonte Esportiva
<b>JH78</b>	06/fev	Edileide Souza	Estudante	Cirurgia do filho que foi suspensa, por não ser considerada urgente	Fonte Testemunhal
<b>JH79</b>	06/fev	Gabriel Menino	Meio-campo do Palmeiras	Falou dos sonhos sendo realizados com as oportunidades no Palmeiras	Fonte Esportiva
<b>JH80</b>	06/fev	Felipe Melo	Meio-campo do Palmeiras	Falou sobre as estratégias da equipe para a próxima partida	Fonte Esportiva
<b>JH81</b>	08/fev	Manoel Fiuza	Comerciante	Reclamou da falta de comunicação dos postos de saúde em não informar antecipadamente a falta de vacinas	Fonte Testemunhal
<b>JH82</b>	08/fev	José Carlos de Jesus Santos	Porteiro	Ansiedade para a volta às aulas dos filhos	Fonte Testemunhal
<b>JH83</b>	08/fev	Kelly Amaral da Silva	Mãe de aluna	Importância da volta às aulas presencial para a filha	Fonte Testemunhal
<b>JH84</b>	08/fev	Fátima Costa	Balconista	Estragos que a chuva forte em BH causou em sua casa	Fonte Testemunhal
<b>JH85</b>	08/fev	Geraldo Ferreira da Costa	Empresário	Estragos que a chuva forte em BH causou em sua empresa	Fonte Testemunhal

<b>JH86</b>	09/fev	Ruth Suely Martins	Contadora	Facilidade em fazer a seleção de candidatos através de portais na internet	Fonte Empresarial
<b>JH87</b>	09/fev	William Sérgio Martins	Desempregado	A busca por um emprego	Fonte Testemunhal
<b>JH88</b>	09/fev	Wanessa Silva Brazil	Contadora	Oportunidade de emprego que conseguiu, por meio de um portal na internet	Fonte Testemunhal
<b>JH89</b>	10/fev	TEN.-CEL. Evanilson C. de Souza	Comissão Revisional do Manual Direitos Humanos/PM-SP	Ataque racista que recebeu de um hacker, durante uma videoconferência de uma palestra ao qual participava	Fonte Oficial
<b>JH90</b>	10/fev	Elizeu Soares Lopes	Ouvidor das polícias-SP	Expôs Falou a sua opinião sobre o caso de ofensa racista, e sobre o que espera que seja feito diante disto	Fonte Oficial
<b>JH91</b>	10/fev	Rafael Abreu	Motorista	Desorganização do posto de saúde para a vacinação do covid-19	Fonte Testemunhal
<b>JH92</b>	10/fev	Lucia da Silva	81 anos	Desistência em se vacinar neste dia, pois o posto estava superlotado	Fonte Testemunhal
<b>JH93</b>	10/fev	Enderson Matos	Enfermeiro e genro de Carmem	Falou da morte da sogra por covid-19	Fonte Testemunhal
<b>JH94</b>	10/fev	Sérgio Lopes Muniz	Motorista	Reclamou dos preços altos dos alimentos nos supermercados	Fonte Testemunhal
<b>JH95</b>	10/fev	Nilza Maria de Jesus	Dona de casa	A importância de se pesquisar em vários supermercados diferentes para encontrar o melhor preço dos alimentos	Fonte Testemunhal
<b>JH96</b>	11/fev	Lucas de Lima Paiva	Estudante de Engenharia	Abordagem violenta de jovens de classe alta.	Fonte Testemunhal
<b>JH97</b>	11/fev	Felipe Melo	Meio-campo do Palmeiras	A derrota do Palmeiras para o Al Ahly, no mundial de clubes	Fonte Esportiva
<b>JH98</b>	12/fev	Hilton Santana	Diretor de comunicação do bloco Cariri Olindense	Tratou da forma que o bloco precisou se reinventar para fazer a o carnaval acontecer de forma digital durante a pandemia	Fonte institucional
<b>JH99</b>	12/fev	Mônica Calazans	Enfermeira	Falou de não ter tido nenhuma reação ou mudança em sua rotina após ter tomado a 1ª dose da vacina contra o covid-19	Fonte Testemunhal
<b>JH100</b>	12/fev	Lucina Lima	Professora da Universidade Federal de Minas Gerais	Importância da sociedade permanecer com todas as medidas de controle contra o covid-19, mesmo com a	Fonte Especializada

				chegada da vacina	
<b>JH101</b>	12/fev	Raimundo Amaro	Estudante de Direito	Oportunidade que a universidade disponibilizou para os alunos inadimplentes.	Fonte Testemunhal
<b>JH102</b>	12/fev	Alduiro José Bertulino	Empresário, pai de aluno	Falou da tranquilidade em ter conseguido negociar as mensalidades da faculdade do filho	Fonte Testemunhal
<b>JH103</b>	12/fev	Marina Iris	Cantora	Falou da transmissão dos blocos de forma digital durante a pandemia	Fonte Artística
<b>JH104</b>	13/fev	Eduardo Ferreira de Paula	Catador de material reciclável	Contou como a época do carnaval é mais lucrativa para os catadores de materiais recicláveis	Fonte Testemunhal
<b>JH105</b>	13/fev	Monarco	Baluartes da Portela	Falou da saudade que está do carnaval, porém que é preciso esperar a pandemia passar para curtir com segurança	Fonte Artística
<b>JH106</b>	13/fev	Neguinho da Beija-Flor	Cantor e compositor	Relembrou um dos desfiles mais inesquecíveis da Beija-Flor	Fonte Artística
<b>JH107</b>	13/fev	Fernando Penteadado	Diretor cultural da Vai-Vai	Importância de todas as escolas de samba estarem respeitando a pandemia.	Fonte Artística
<b>JH108</b>	15/fev	Paulo Ferreira de Souza	Técnico de enfermagem	Relatou o colapso nos hospitais em Chapecó	Fonte Testemunhal
<b>JH109</b>	15/fev	Wedisson Silva	Comandante da Guarda Civil de Contagem	Comentou das festas clandestinas em Contagem	Fonte Oficial
<b>JH110</b>	15/fev	Edson da Silva	Técnico de som	Necessidade de buscar novas fontes de renda, pois no carnaval era onde ele mais faturava	Fonte Testemunhal
<b>JH111</b>	15/fev	Marquinhos "ATG"	Grafiteiro	Falou do novo projeto para colorir murais em Recife	Fonte Artística
<b>JH112</b>	15/fev	Maria Cláudia Manoel	Desempregada	Retorno das aulas presenciais nas creches	Fonte Testemunhal
<b>JH113</b>	15/fev	Cláudia Santos	56 anos	Falou da ansiedade e espera do próximo carnaval	Fonte Artística

<b>JH114</b>	15/fev	Jurema Souza	64 anos	Relembrou como estaria nesta segunda-feira, se não estivéssemos em pandemia e o carnaval estivesse acontecendo	Fonte Artística
<b>JH115</b>	15/fev	Maria da Glória Carvalho	74 anos	Necessidade de se cuidar para estar bem para o próximo carnaval	Fonte Artística
<b>JH116</b>	16/fev	Cristina Oliveira	Cozinheira	Procura por atendimento nos hospitais em Salvador e superlotação	Fonte Testemunhal
<b>JH117</b>	16/fev	José Procópio	Aposentado	Reclamou da falta de doses para os idosos tomarem a vacina contra a covid-19	Fonte Testemunhal
<b>JH118</b>	16/fev	Walkirio Almeida	Coord. Comitê de Crise covid-19 Cons. Federal de Enf.	Falou da conduta inapropriada dos enfermeiros ao aplicarem as vacinas e suas penalidades	Fonte Oficial
<b>JH119</b>	16/fev	Gabrielle Rodrigues	Estudante	Experiência de adoção de uma cachorrinha para ajudar no tratamento de depressão do avô	Fonte Testemunhal
<b>JH120</b>	16/fev	Madalena da Silva Reis	Velha guarda da Beija-Flor	Tristeza de não ter acontecido o carnaval deste ano, porém relembrou a importância de se cuidar e aguardar o melhor momento	Fonte Artística
<b>JH121</b>	16/fev	Nelson Sargento	Compositor	Importância do carnaval, de toda a alegria que a festividade nos proporciona	Fonte Artística
<b>JH122</b>	16/fev	Rubem Confete	Jornalista	Relembrou dos carnavais anteriores	Fonte Artística
<b>JH123</b>	17/fev	Adilson de Souza Vitoriano	Sepultador	Importância de ter sido vacinado para se prevenir frente ao seu serviço	Fonte Testemunhal
<b>JH124</b>	18/fev	Fátima Barros	Agente de saúde	Falou da perda de sua mãe por conta do covid-19	Fonte Testemunhal
<b>JH125</b>	18/fev	Ana Paula dos Santos	Gerente da loja	Contou da ampliação de setores na sua loja, devido a grande procura por seus produtos na área de comércio eletrônico	Fonte Empresarial
<b>JH126</b>	18/fev	Ana Beatriz Aranha Miguel	20 anos	Falou da nova oportunidade de emprego que conquistou na empresa de embalagens	Fonte Testemunhal

<b>JH127</b>	19/fev	Tatila Cristiane da Silva	Mãe de Bryan	Desabafou sobre a morte do seu filho	Fonte Testemunhal
<b>JH128</b>	20/fev	Marise Policarpo	Enfermeira	Gratidão que sente em fazer parte dos profissionais da saúde	Fonte Testemunhal
<b>JH129</b>	22/fev	Adriele Daniela	Educadora social	Falou da superlotação dos transportes públicos	Fonte Testemunhal
<b>JH130</b>	22/fev	Lísias Tomé	Diretor Clínico do hospital de retaguarda	Falou da situação crítica dos hospitais no Paraná	Fonte institucional
<b>JH131</b>	23/fev	Wagner Spencer	Técnico em segurança do trabalho	Importância das medidas de prevenção do covid-19	Fonte Testemunhal
<b>JH132</b>	23/fev	Lucas Isaías	Primo do Ray	Falou da morte do seu primo injustamente pelos policiais na comunidade onde morava	Fonte Testemunhal
<b>JH133</b>	23/fev	Ícaro Ruginski	Secretário de Segurança de Vitória	Tratou do sistema de segurança em Vitória para flagrante de furto de fios	Fonte Oficial
<b>JH134</b>	23/fev	Natália Caixeta	Psicóloga	Solidariedade dos voluntários em Minas Gerais, devido as grandes chuvas	Fonte Especializada
<b>JH135</b>	24/fev	Claudinei Santos	Funcionário público	Importância de se respeitar as restrições na cidade	Fonte Testemunhal
<b>JH136</b>	24/fev	Miriam Rodrigues	Dona de casa	Alegria de estar imunizada	Fonte Testemunhal
<b>JH137</b>	24/fev	Ryan da Silva	7 anos	Saudades das aulas presenciais	Fonte Testemunhal
<b>JH138</b>	24/fev	Tatiane Souza	Autônoma	Falou da volta às aulas presenciais	Fonte Testemunhal
<b>JH139</b>	24/fev	Fernanda Moreira	Diretora da Escola Municipal Suíça	Importância do retorno presencial das aulas com segurança contra o covid-19	Fonte institucional
<b>JH140</b>	24/fev	Massilene Pereira	Vendedora	Importância dos estudos para ampliar os conhecimentos no mercado de trabalho	Fonte Testemunhal
<b>JH141</b>	24/fev	Josélia Santos de Almeida	Babá	Relembrou o dia em que teve o seu celular furtado na rua	Fonte Testemunhal

<b>JH142</b>	24/fev	Robson Arnust	Fotógrafo	Falou da injustiça de ter os pertences furtados	Fonte Testemunhal
<b>JH143</b>	25/fev	Ieda Gonçalves	Enfermeira	Falta de vacina nos postos de saúde	Fonte Testemunhal
<b>JH144</b>	25/fev	Valdemar Vergalhão	Aposentado	Gratidão de estar vivo para tomar a vacina da covid-19	Fonte Testemunhal
<b>JH145</b>	25/fev	Alessandra Martins	Auxiliar de serviços gerais	Falou da sensação de segurança por ter tomado a 1ª dose da vacina contra a covid-19	Fonte Testemunhal
<b>JH146</b>	25/fev	Alair Brito Ferreira	Coveiro	Importância de se tomar todas as doses da vacina contra a covid-19	Fonte Testemunhal
<b>JH147</b>	25/fev	Ricardo Miguel da Silva	Auxiliar administrativo	Importância de se organizar para declarar o IR, para não haver problemas futuros	Fonte Especializada
<b>JH148</b>	25/fev	Maria da Cruz da Silva Mendonça	Dona de casa	Situação crítica da sua casa após as grandes enchentes	Fonte Testemunhal
<b>JH149</b>	26/fev	Patrícia Souza Bento	Vendedora ambulante	Importância de se respeitar as restrições na cidade	Fonte Testemunhal
<b>JH150</b>	26/fev	Carlos Lula	Presidente do Conass	Falou das dificuldades para a entrega das vacinas no Brasil	Fonte institucional
<b>JH151</b>	26/fev	Rúbia Santana	Coord. Laboratório de biologia molecular /	Sobrecarga de trabalho após a chegada da covid-19 e o controle emocional que precisou redobrar para seguir no dia a dia	Fonte Especializada
<b>JH152</b>	26/fev	Dep. Vitor Hugo, PSL-GO	Líder do partido	Tratou da PEC da imunidade parlamentar	Fonte institucional
<b>JH153</b>	26/fev	Ataliba Aragão	Torcedor do Flamengo	Falou da vitória do Flamengo e as camisas que coleciona	Fonte Esportiva
<b>JH154</b>	01/mar	Rodrigo Neca Ribeiro	gerente de zoológico de cascavel	Falou do uso de aparelho de respiração	Fonte institucional
<b>JH155</b>	01/mar	Gertudes Souza	dona de casa	Ansiedade pela vacina	Fonte Testemunhal
<b>JH156</b>	01/mar	mulher sem identificação	sem identificação	Falou que estava desempregada	Fonte Testemunhal
<b>JH157</b>	01/mar	Mateus Martins Pacheco	aluno do curso	Importância de estudar	Fonte Testemunhal
<b>JH158</b>	03/mar	Maria dos Anjos Alves Pereira	cuidadora de idosos	Lotação no transporte publico	Fonte Testemunhal
<b>JH159</b>	04/mar	Edith Zacarias dos Santos	Costureira Aposentada	Aposentado tiram foto com comprovante de vacina	Fonte Testemunhal

<b>JH160</b>	04/mar	Paulo Davino	Fotógrafo	Fotografo tira foto de idosos com comprovante de vacina	Fonte Artística
<b>JH161</b>	06/mar	Aldilene Félix da Silva	Presidente da Cooperativa	Mulheres trabalham em reciclagem lutam pela independência financeira	Fonte institucional
<b>JH162</b>	06/mar	Ana Cláudia Ribeiro	Operadora de máquina	Mulheres trabalham em reciclagem lutam pela independência financeira	Fonte Testemunhal
<b>JH163</b>	09/mar	Ana Paula Silva	Atendente	Pandemia em Alagoas	Fonte Testemunhal
<b>JH164</b>	10/mar	Shana Mello	Pizzaiola	Desemprego atinge mulheres negras	Fonte Testemunhal
<b>JH165</b>	12/mar	Mulher sem identificação	sem identificação	Vacinação suspensa no Rio	Fonte Testemunhal
<b>JH166</b>	16/mar	Leandro Silva	Garçom	Upas estão acima do limite da capacidade	Fonte Testemunhal
<b>JH167</b>	16/mar	Joana Batista	Cozinheira	Transporte público lotado no Rio de Janeiro	Fonte Testemunhal
<b>JH168</b>	18/mar	Wesley Teixeira	Coordenador do Movimento Caxias	Queda nas doações, preocupa as ONGs, fila da fome cresce	Fonte institucional
<b>JH169</b>	18/mar	Eduardo da Silva	Voluntário	Queda nas doações, preocupa as ONGs, fila da fome cresce	Fonte institucional
<b>JH170</b>	18/mar	Rosinaldo Pereira	Desempregado	Distribuição de refeições pelos restaurantes populares de Salvador	Fonte Testemunhal
<b>JH171</b>	18/mar	Jones Santos	Auxiliar de serviços gerais	Distribuição de refeições pelos restaurantes populares de Salvador	Fonte Testemunhal
<b>JH172</b>	18/mar	Wendel Gouveia	Dono de oficina	Procura por kit gás veicular aumenta	Fonte Empresarial
<b>JH173</b>	19/mar	Mulher sem identificação	sem identificação	Espera por UTI em Pernambuco	Fonte Testemunhal
<b>JH174</b>	20/mar	Charlston Soares	Missionário	Morte de ex-cantor do Olodum	Fonte Artística
<b>JH175</b>	23/mar	Tatiana Conceição Ribeiro	Mãe de Fernando Henrique	Três meninos desapareceram na baixada fluminense, crime sem solução	Fonte Testemunhal
<b>JH176</b>	23/mar	Regina Teixeira	Contadora	Contadora ajuda família que mora dentro de um ônibus no centro de São Paulo	Fonte Testemunhal
<b>JH177</b>	24/mar	Adriano Viana	Genro e cunhado de paciente com covid	Pacientes esperam na fila da UTI	Fonte Testemunhal
<b>JH178</b>	25/mar	Cátia Rodrigues	Estudante	Novas regras nos aeroportos para uso de máscaras	Fonte Testemunhal
<b>JH179</b>	25/mar	Viviane Alves	Microbiologista e doutora em ciência	Novas regras nos aeroportos para uso de máscaras	Fonte Especializada

<b>JH180</b>	29/mar	Joao Martins	Aposentado	Vacinação contra covid no Rio, doses insuficientes	Fonte Testemunhal
<b>JH181</b>	29/mar	Maria do Carmo dos Santos	Pensionista	Aumento da pobreza no Brasil	Fonte Testemunhal
<b>JH182</b>	29/mar	Dorileia Santos	Auxiliar de Serviços Gerais	Aumento da pobreza no Brasil	Fonte Testemunhal
<b>JH183</b>	29/mar	Celso Ataíde	Fundador da Central Única das Favelas	Aumento da pobreza no Brasil	Fonte institucional
<b>JH184</b>	30/mar	Tatiane da Conceição	Filha Paciente	Leitos fechados no Rio por falta de profissionais da saúde	Fonte Testemunhal
<b>JH185</b>	30/mar	Maria Aparecida	Desempregada	Estudo diz que 87% das famílias passam fome nas favelas	Fonte Testemunhal
<b>JH186</b>	30/mar	Maria Sonia Rodrigues	Dona de casa	Estudo diz que 87% das famílias passam fome nas favelas	Fonte Testemunhal
<b>JH187</b>	30/mar	Preto Zezé	Presidente da Central Única das Favelas	Estudo diz que 87% das famílias passam fome nas favelas	Fonte institucional
<b>JH188</b>	30/mar	Janaína Santos	Cantora	Estudo diz que 87% das famílias passam fome nas favelas	Fonte Testemunhal
<b>JH189</b>	01/abr	Isabela Caroline Dias Teixeira	Sobrinha a Érika	Pacientes a espera de leito de UTI em Belo Horizonte	Fonte Testemunhal
<b>JH190</b>	01/abr	Tânia da Silva	Esposa de Luiz Elias	Falou sobre o Isolamento social	Fonte Testemunhal
<b>JH191</b>	02/abr	Denise Vitoriano	Aposentada	Sexta feita Santa no Brasil	Fonte Testemunhal
<b>JH192</b>	02/abr	Ronilso Pacheco	Teólogo e pesquisador da Universidade de Columbia EUA	Sexta feita Santa no Brasil	Fonte Especializada
<b>JH193</b>	02/abr	Mulher sem identificação	sem identificação	Voluntários que distribuem comida e produtos de higiene	Fonte institucional
<b>JH194</b>	05/abr	Rosemire Santos de Miranda	1ª Tenente Polícia Militar/SP	Vacinação de agentes de segurança	Fonte Oficial
<b>JH195</b>	05/abr	Douglas Gonçalves de Macedo	Gerente da produção de vacina da gripe do Instituto Butantan	Campanha de vacinação contra gripe	Fonte institucional
<b>JH196</b>	06/abr	Ingrid Carvalho	Desempregada	Auxílio Emergencial	Fonte Testemunhal
<b>JH197</b>	06/abr	Tatiane de Souza	Desempregada	Auxílio Emergencial	Fonte Testemunhal
<b>JH198</b>	06/abr	Karolina Souza	Irmã da Mikaely	Pacientes morrem por falta de UTI	Fonte Testemunhal
<b>JH199</b>	07/abr	Jurema Werneck	Diretora executiva da Anistia Internacional	Direitos Humanos no Brasil	Fonte institucional

			Brasil		
<b>JH200</b>	08/abr	Homem sem identificação	sem identificação	Comércio reaberto no Espírito Santo	Fonte Testemunhal
<b>JH201</b>	08/abr	Edileia Costa	Autônoma	Comércio reaberto no Espírito Santo	Fonte Testemunhal
<b>JH202</b>	09/abr	Valéria da Silva	Técnica em enfermagem do Samu	Profissionais do SAMU exaustos	Fonte Testemunhal
<b>JH203</b>	10/abr	Silmara Cristinha de Moraes	Merendeira	Vacinação de profissionais da educação	Fonte Testemunhal
<b>JH204</b>	10/abr	Joseane Bicca	Auxiliar de Limpeza	Rio Grande do Sul libera comércio no final de semana	Fonte Testemunhal
<b>JH205</b>	10/abr	Andrea Canuti	Dona de casa	Moradores compram produtos com créditos de doações "Fiado do Bem"	Fonte Testemunhal
<b>JH206</b>	12/abr	Josiane Pereira dos Santos	Catadora	Falta dinheiro para comprar comida	Fonte Testemunhal
<b>JH207</b>	12/abr	José Edson dos Santos	Catador	Falou das dificuldades na coleta	Fonte Testemunhal
<b>JH208</b>	13/abr	Ozenira Félix	Secretária de Saúde de Cuiabá	Cuiabá acelera vacinação	Fonte Oficial
<b>JH209</b>	13/abr	Marcele Cristina Lopes	Auxiliar Administrativa desempregada	Insegurança alimentar, um Brasil tomado pela fome	Fonte Testemunhal
<b>JH210</b>	13/abr	Jeane Maria Mendes da Silva	Desempregada	Insegurança alimentar, um Brasil tomado pela fome	Fonte Testemunhal
<b>JH211</b>	13/abr	Genilson Pereira de Brito	Auxiliar de serviços gerais	Insegurança alimentar, um Brasil tomado pela fome	Fonte Testemunhal
<b>JH212</b>	14/abr	Andreson Santos Ramos	Marido de Maria Laura	Estoques baixos de Kit Intubação	Fonte Testemunhal
<b>JH213</b>	14/abr	Stefany Regina dos Santos	Estudante	Aulas Remotas, dificuldades de acesso pela internet de 4,1 milhões de alunos	Fonte Testemunhal
<b>JH214</b>	17/abr	Batista Silva	Professor	Massacre de Eldorado do Carajás	Fonte Especializada
<b>JH215</b>	19/abr	Felipe Thales	Filho de Adriano	Fãs falam dos 80 anos do Roberto Carlos	Fonte Artística
<b>JH216</b>	19/abr	Adriano Thales	Curador do Centro Cultural Emoções	Fãs falam dos 80 anos do Roberto Carlos	Fonte Artística
<b>JH217</b>	19/abr	Thais Silva	Mãe de Kaio	Menino de 8 anos leva tiro enquanto brincava em comunidade	Fonte Testemunhal
<b>JH218</b>	19/abr	Taissa da Silva	Tia de Kaio	Menino de 8 anos leva tiro enquanto brincava em comunidade	Fonte Testemunhal
<b>JH219</b>	21/abr	Gilberto Couto	Sobrinho de paciente	Falta vagas para covid e outras doenças nos hospitais do Rio	Fonte Testemunhal

<b>JH220</b>	21/abr	Luiz Gustavo Carvalho	Filho de paciente	Falta vagas para covid e outras doenças nos hospitais do Rio	Fonte Testemunhal
<b>JH221</b>	22/abr	Wilson Aparecido de Souza	Pai do Thiago	Filho com problemas de saúde foi baleado por policial	Fonte Testemunhal
<b>JH222</b>	22/abr	Aline Lima	Desempregada	Doação de alimentos	Fonte Testemunhal
<b>JH223</b>	22/abr	Ana Paula da Silva	Dona de casa	Doação de alimentos	Fonte Testemunhal
<b>JH224</b>	22/abr	Maria Chocolate	Fundadora do centro cultural comunitário Chocobim	Doação de alimentos	Fonte institucional
<b>JH225</b>	24/abr	Cláudia Rodrigues	Presidente da União Brasileira de Mulheres	Ações voluntárias em São Paulo, ajuda alimentar famílias durante a pandemia	Fonte institucional
<b>JH226</b>	24/abr	Camila Aguiar	Articuladora social do projeto cozinhas comunitárias	Ações voluntárias em São Paulo, ajuda alimentar famílias durante a pandemia	Fonte institucional
<b>JH227</b>	24/abr	Mayara Gonçalves	Voluntária	Ações voluntárias em São Paulo, ajuda alimentar famílias durante a pandemia	Fonte institucional
<b>JH228</b>	24/abr	Elizabeth Regina de Souza	Dona de casa	Ações voluntárias em São Paulo, ajuda alimentar famílias durante a pandemia	Fonte Testemunhal
<b>JH229</b>	24/abr	Cristiane Sassi	Professora de biologia da UFPB	Branqueamento dos corais no litoral da Paraíba	Fonte Especializada
<b>JH230</b>	27/abr	Jéssica Delamar	Técnica de enfermagem	Compra para o Dia das Mães	Fonte Testemunhal
<b>JH231</b>	28/abr	Marlene Pedrosa	Agricultora	Vacinação na zona rural de Manaus	Fonte Testemunhal
<b>JH232</b>	30/abr	Marineide Florência	Desempregada	Filas pelo auxílio emergencial	Fonte Testemunhal
<b>JH233</b>	30/abr	Elaine Silva	Mãe de Ian	Homens acusados de roubar carne foram mortos em Salvador	Fonte Testemunhal
<b>JH234</b>	30/abr	Dionésia Barro	Mãe do Bruno	Homens acusados de roubar carne foram mortos em Salvador	Fonte Testemunhal
<b>JH235</b>	01/mai	Gisele Gomes	gerente de loja	Flexibilização da quarentena	Fonte Testemunhal
<b>JH236</b>	01/mai	mulher sem nome	sem identificação	Ação contra a fome	Fonte Testemunhal
<b>JH237</b>	01/mai	Cristiane Pereira	pres. Assoc. dos moradores da Vila Cafezal	Ação contra a fome	Fonte institucional

<b>JH238</b>	01/mai	Carlos Roberto de Jesus	comerciante	Fez doação de comida	Fonte Testemunhal
<b>JH239</b>	01/mai	Vailton Oliveira	Técnico de enfermagem socorrista	Criou um projeto social	Fonte institucional
<b>JH240</b>	05/mai	Raimundo Alves da Silva	Motorista	Falta CoronaVac em 11 estados	Fonte Testemunhal
<b>JH241</b>	06/mai	Djamila Ribeiro	Filósofa	Falou da morte de Paulo Gustavo	Fonte Especializada
<b>JH242</b>	07/mai	Wilson Tavares	Ex-operário	Atoleiro na BR-319	Fonte Testemunhal
<b>JH243</b>	08/mai	Lurdes Silva	Auxiliar de serviços gerais	Imunização contra a covid-19	Fonte Testemunhal
<b>JH244</b>	08/mai	Francis Santos	Presidente da CUFA Minas	Dia das Mães solidário	Fonte institucional
<b>JH245</b>	08/mai	Rogéria Fernanda Belarmino	Educadora e bailarina	Dia das Mães solidário	Fonte institucional
<b>JH246</b>	10/mai	Flavia Gonçalves	sem identificação	Vacinação contra a gripe	Fonte Testemunhal
<b>JH247</b>	10/mai	Giselle Damasceno	sem identificação	Ensino à distância	Fonte Testemunhal
<b>JH248</b>	10/mai	Lucas Damasceno	sem identificação	Ensino à distância	Fonte Testemunhal
<b>JH249</b>	10/mai	Silvia Roberta	sem identificação	Aulas Presenciais	Fonte Testemunhal
<b>JH250</b>	10/mai	Edna Cândido	Cozinheira	Arroz e Feijão: luxo no prato	Fonte Testemunhal
<b>JH251</b>	11/mai	Marina Silva	Ex-ministra do meio ambiente	Licenciamento Ambiental	Fonte Especializada
<b>JH252</b>	12/mai	Raquel Lourane	Técnico de enfermagem	Dia internacional da enfermagem	Fonte Testemunhal
<b>JH253</b>	12/mai	Wellington Luiz dos Santos	Servidor público	Dia internacional da enfermagem	Fonte Testemunhal
<b>JH254</b>	12/mai	Felipe Rodrigues Barros	Estudante	Federal do Rio corre risco de fechar	Fonte Testemunhal
<b>JH255</b>	13/mai	Thiago Nascimento	Cofundador da LabJaca	Operação no jacarezinho	Fonte institucional
<b>JH256</b>	13/mai	Luana Cristina de Souza Lima	Agente ambiental comunitária	Operação no jacarezinho	Fonte institucional
<b>JH257</b>	13/mai	Leonardo Pimentel	Presidente da Assoc. de moradores	Operação no jacarezinho	Fonte institucional
<b>JH258</b>	13/mai	Edson Menezes	Padre e Reitor da basílica do Bonfim	Badaladas históricas da igreja do Bonfim	Fonte institucional
<b>JH259</b>	14/mai	Elizeu Soares Lopes	Ouvidor das polícias do estado	Suspeitos de execução	Fonte Oficial

			de SP		
<b>JH260</b>	14/mai	Luzinete do Espírito Santos	Empregada do lar	São João em casa, sem aglomerar	Fonte Testemunhal
<b>JH261</b>	14/mai	Cristiane Lima de Santos	Dona de casa	Gás de cozinha 5,9% mais caro	Fonte Testemunhal
<b>JH262</b>	14/mai	Gilmar Oliveira Santos	Climatologista da URV, GO	Doação de mudas em Goiânia	Fonte Especializada
<b>JH263</b>	15/mai	Miriam Lúcia da Silva	sem identificação	Vítimas de deslizamento	Fonte Testemunhal
<b>JH264</b>	17/mai	Valquíria Nascimento	sem identificação	Morte Mc Kevin	Fonte Testemunhal
<b>JH265</b>	17/mai	Celso Oliveira	Meteorologista	Seca antecipada no pantanal	Fonte Especializada
<b>JH266</b>	18/mai	Ângelo Canuto	Empresário	Morte Mc Kevin	Fonte Testemunhal
<b>JH267</b>	18/mai	MC Igui	Cantor	Morte Mc Kevin	Fonte Testemunhal
<b>JH268</b>	18/mai	Rafaela Coutinho	sem identificação	Morte de João Pedro	Fonte Testemunhal
<b>JH269</b>	21/mai	Douglas Gonçalves Macedo	Gerente de produção do Instituto Butantan	Butanvac já está em produção	Fonte institucional
<b>JH270</b>	21/mai	Wallace Corbo	Professor	Lei "escola sem mordação" é vetada	Fonte Especializada
<b>JH271</b>	21/mai	Severina Ramos	Diarista	Investigação no BRT do Recife	Fonte Testemunhal
<b>JH272</b>	22/mai	Emerson Antunes	Funcionário dos Correios	Cheia no Amazonas	Fonte institucional
<b>JH273</b>	24/mai	Maria Aparecida Oliveira	Auxiliar	Comida na mesa de quem tem fome	Fonte Testemunhal
<b>JH274</b>	24/mai	Álvaro José da Conceição	sem identificação	Projeto que leva água em tempos de Pandemia	Fonte Testemunhal
<b>JH275</b>	24/mai	Joelma Andrade	Pres. Do Centro Comunitário Mário de Andrade	Projeto que leva água em tempos de Pandemia	Fonte institucional
<b>JH276</b>	26/mai	Acácio Rodrigues da Silva	Sec. De saúde de Paranaiguara	875 vacinas perdidas em Goiás	Fonte Oficial
<b>JH277</b>	26/mai	Samuel Felipe Erazo	Músico	Uma nova vida para quem é refugiado	Fonte Artística
<b>JH278</b>	27/mai	Mauricio dos Santos	Zelador	Cidades em Lockdown	Fonte Testemunhal
<b>JH279</b>	27/mai	Genivaldo dos Santos	Ajudante de Cozinha	14,8 milhões de desempregados	Fonte Testemunhal
<b>JH280</b>	27/mai	Monarco	Cantor e compositor	Morre Nelson Sargento	Fonte Artística
<b>JH281</b>	27/mai	Neguinho da beija flor	Cantor e compositor	Morre Nelson Sargento	Fonte Artística

<b>JH282</b>	27/mai	Bira	Presidente da Cacique de Ramos	Morre Nelson Sargento	Fonte Artística
<b>JH283</b>	27/mai	Senero	Sambista	Morre Nelson Sargento	Fonte Artística
<b>JH284</b>	29/mai	Maria Aparecida Souza	sem identificação	Frio movimenta doações em BH	Fonte Testemunhal
<b>JH285</b>	31/mai	Nagila Santos	Comerciante	Testagem no Aeroporto	Fonte Testemunhal
<b>JH286</b>	31/mai	Jaqueline Martins	Supervisora de manutenção	Testagem no Aeroporto	Fonte Testemunhal
<b>JH287</b>	31/mai	Elizeu Soares Lopes	Ouvidor das Polícias	Agressão em abordagem da PM em SP	Fonte Oficial
<b>JH288</b>	31/mai	Neguinho da Beija-Flor	Intérprete da Beija-Flor	Morte de Dominginhos do Estácio	Fonte Artística
<b>JH289</b>	31/mai	Marquinhos Art'samba	Intérprete da Mangueira	Morte de Dominginhos do Estácio	Fonte Artística
<b>JH290</b>	31/mai	Dina Asher-Smith	Campeã mundial de atletismo	Atleta e escritora nas Olimpíadas	Fonte Especializada
<b>JH291</b>	02/jun	Ednelza Silva	Professora	Falhas no plano de vacinação	Fonte Testemunhal
<b>JH292</b>	02/jun	Mirtes Renata	Empregada do lar	Morte de Miguel completa 1 ano	Fonte Testemunhal
<b>JH293</b>	02/jun	Camila Pitanga	Atriz	Morte de Miguel completa 1 ano	Fonte Testemunhal
<b>JH294</b>	02/jun	Daniele Braz da Silva	Ativista do movimento de mulheres negras	Morte de Miguel completa 1 ano	Fonte institucional
<b>JH295</b>	03/jun	Gabriel Dayrell	Designer	Expectativa para o Dia dos Namorados	Fonte Testemunhal
<b>JH296</b>	03/jun	Luciana Marzagão	Gerente de nutrição	Corpus Christi solidário em SP	Fonte Testemunhal
<b>JH297</b>	03/jun	Eribaldo Pereira Santos	Padre	Drive-Thru da fé em Minas	Fonte Testemunhal
<b>JH298</b>	05/jun	Andreza Ruiz	Benedeira	Dia Mundial do Meio Ambiente	Fonte Testemunhal
<b>JH299</b>	07/jun	Wellington Nascimento da Silva	Sócio em casas noturnas	Agressão em balneário Camboriú	Fonte Testemunhal
<b>JH300</b>	09/jun	Márcia Cristina	Técnica de enfermagem	Vacina contra gripe	Fonte Testemunhal
<b>JH301</b>	09/jun	Jaqueline de Oliveira Lopes	Dona de Casa	Polícia investiga morte de grávida	Fonte Testemunhal
<b>JH302</b>	09/jun	Luciano Gonçalves	sem identificação	Polícia investiga morte de grávida	Fonte Testemunhal
<b>JH303</b>	09/jun	Thiago Castro	Gerente	Inflação de Maio: 0,83%	Fonte Testemunhal

<b>JH304</b>	10/jun	Marcelo Ramos	sem identificação	Violência na Zona Norte do RJ	Fonte Testemunhal
<b>JH305</b>	10/jun	Tania Mara Martins	Pensionista	Colapso em Mato Grosso do Sul	Fonte Testemunhal
<b>JH306</b>	11/jun	Welton Guilherme de Lima Carneiro	Motorista de caminhão	Análise de benefícios do INSS	Fonte Testemunhal
<b>JH307</b>	12/jun	Maria de Lurdes da Silva	Coordenadora do Barco Saúde	Barco leva vacina em Porto Velho	Fonte institucional
<b>JH308</b>	14/jun	Elizeu Soares Lopes	Ouvidor das polícias do estado de SP	Suspeito de execução	Fonte Oficial
<b>JH309</b>	14/jun	Luzinete do Espírito Santo	Empregada do lar	São João em casa, sem aglomerar	Fonte Testemunhal
<b>JH310</b>	14/jun	Cristiane Lima dos Santos	Dona de Casa	Gás de cozinha 5,9% mais caro	Fonte Testemunhal
<b>JH311</b>	14/jun	Michele Martins	Bióloga e analista de sustentabilidade	Pesquisadores procuram por filhotes de onça	Fonte Especializada
<b>JH312</b>	16/jun	Matheus Ribeiro	Instrutor de surfe	Denúncia de Racismo no RJ	Fonte Testemunhal
<b>3JH13</b>	16/jun	Zaine Moreira	Empregada lar	RJ: longa espera na rede pública	Fonte Testemunhal
<b>JH314</b>	16/jun	Edilena Souza	Empregada do lar	Vacinação no estado de SP	Fonte Testemunhal
<b>JH315</b>	16/jun	Lucimar Aparecida Santos	Gari	Vacinação de 12 a 14 anos em Minas	Fonte Testemunhal
<b>JH316</b>	16/jun	Cauã Silva	Estudante	Vacinação de 12 a 14 anos em Minas	Fonte Testemunhal
<b>JH317</b>	16/jun	Antônio Claudionor da Silva Matos	Motorista	Voluntários ampliam acesso à vacina	Fonte Testemunhal
<b>JH318</b>	17/jun	Lucimar Moura	Pedreiro	Busca por Lazaro Barbosa	Fonte Testemunhal
<b>JH319</b>	17/jun	Maísa Tereza de Oliveira	sem identificação	Denúncia de racismo em Minas Gerais	Fonte Testemunhal
<b>JH320</b>	17/jun	Celso Luis de Oliveira Filho	Meteorologista	O impacto da seca no agronegócio	Fonte Especializada
<b>JH321</b>	18/jun	Fernando César Nascimento	sem identificação	Vacinação na Ilha de Paquetá - RJ	Fonte Testemunhal
<b>JH322</b>	18/jun	Formiga	Jogadora	Seleção feminina	Fonte Esportiva
<b>JH323</b>	19/jun	Maria Gonçalves	Empregada do lar	Fila da vacina em SP	Fonte Testemunhal
<b>JH324</b>	21/jun	Magno Diniz	Técnico agrícola	Avanço da imunização	Fonte Testemunhal
<b>JH325</b>	21/jun	Marcos Alexandre Tito da Silva	Operador de máquinas	Segundo lockdown em Araraquara	Fonte Testemunhal

<b>JH326</b>	21/jun	Valdelina Braga	Aposentada	Expedição solidária	Fonte Testemunhal
<b>JH327</b>	21/jun	Mariany Letícia	Estudante	Tradição nordestina	Fonte Testemunhal
<b>JH328</b>	21/jun	André Cisneiros	Porteiro	Tradição nordestina	Fonte Testemunhal
<b>JH329</b>	22/jun	Antônio Guilherme Rodrigues	Policia militar	Túneis cavados em poços de caldas	Fonte Oficial
<b>JH330</b>	22/jun	Milton Silva	Soldador	Túneis cavados em poços de caldas	Fonte Testemunhal
<b>JH331</b>	23/jun	Manoel das Graças Olímpio Felisberto	Aposentado	Oito capas sem 1º dose	Fonte Testemunhal
<b>JH332</b>	23/jun	Cassiano Silva	Gerente operacional	Segundos que fazem a diferença	Fonte Testemunhal
<b>JH333</b>	23/jun	Israel Garcia	Agricultor	São João em casa	Fonte Testemunhal
<b>JH334</b>	24/jun	Maria dos Anjos	Dona de Casa	Ônibus e vans da vacina	Fonte Testemunhal
<b>JH335</b>	24/jun	Maria Luiza	sem identificação	Pós-covid	Fonte Testemunhal
<b>JH336</b>	24/jun	Jurema Werneck	Médica e coord. Do movimento alerta	CPI da COVID	Fonte Especializada
<b>JH337</b>	25/jun	Rummenigüe de Santana	sem identificação	Abraço Solidário	Fonte Testemunhal
<b>JH338</b>	25/jun	João Madruga	sem identificação	Abraço Solidário	Fonte Testemunhal
<b>JH339</b>	25/jun	Edvar Sousa Dias	Brigadista	Trabalho preventivo no Tocantins	Fonte institucional
<b>JH340</b>	28/jun	Tatiana da Conceição Ribeiro	sem identificação	180 dias do desaparecimento de 3 meninos	Fonte Testemunhal
<b>JH341</b>	28/jun	Maíza de Oliveira	sem identificação	caso de racismo em Minas	Fonte Testemunhal
<b>JH342</b>	28/jun	Adyel Silva	sem identificação	O caminho das medalhas	Fonte Esportiva
<b>JH343</b>	28/jun	Diria Paes	Atriz	O adeus ao jornalista Artur Xaxéu	Fonte Artística
<b>JH344</b>	30/jun	Mariza Silva	Autônoma	Desemprego bate recorde: 14,7%	Fonte Testemunhal
<b>JH345</b>	30/jun	Mauro Gustavo Luchesse Costa	Vendedor	Oportunidade de trabalho para jovens	Fonte Testemunhal
<b>JH346</b>	30/jun	João Pedro teodoro dos Santos	Jovem Aprendiz	Oportunidade de trabalho para jovens	Fonte Testemunhal
<b>JH347</b>	30/jun	Isabelle Christina	Analista de negócios e embaixadora do Unicef	Oportunidade de trabalho para jovens	Fonte institucional
<b>JH348</b>	30/jun	Amaury Pasos	Ex-Atleta	Os caminhos das medalhas	Fonte Esportiva

## APÊNDICE 2 – A participação de negros(as) no Jornal da Tarde

Fonte	Data	Nome	profissão	Assunto	Classificação da Fonte
<b>JT1</b>	1/jan	Alex Barcellos	co-vereador de São Paulo	Os desafios dos municípios em 2021	Fonte Institucional
<b>JT2</b>	1/jan	Aza Njeri	Professora estudos africanos UFRJ	Conhecimento africano ancestral explica dilemas atuais	Fonte Especializada
<b>JT3</b>	6/jan	Nataly Silva	Estudante	Estudantes pedem adiantamento do Enem	Fonte Testemunhal
<b>JT4</b>	6/jan	Rosana Barroso	Pres. União Bras. De estudantes secundaristas	Estudantes pedem adiantamento do Enem	Fonte Institucional
<b>JT5</b>	7/jan	Cátia Vieira Alves	Estudante	Colesterol hereditário é pouco conhecido	Fonte Testemunhal
<b>JT6</b>	8/jan	Erika Hilton	Vereadora	Violência virtual nas eleições	Fonte Política
<b>JT7</b>	11/jan	Juliana Cristina Caetano	Operadora de caixa	Chuva causa alagamentos em Embu das Artes	Fonte Testemunhal
<b>JT8</b>	11/jan	Itamar Vieira Júnior	Escritor	Torto Arado: destaque em 2020	Fonte Especializada
<b>JT9</b>	18/jan	Thiago Amparo	Professor de direito	Vacinação de Calazans é simbólica	Fonte Especializada
<b>JT10</b>	21/jan	Reiner da Silva	Auxiliar de enfermagem	Vacinação no HC	Fonte Testemunhal
<b>JT11</b>	25/jan	Zé Alves	Arquiteto	Inauguração do minhocão completa 50 anos	Fonte Especializada
<b>JT12</b>	27/jan	Edmilson Nascimento	Condutor Escolar	Pandemia mexeu com finanças da população	Fonte Testemunhal
<b>JT13</b>	27/jan	Rafael Santos	Entregador de aplicativos	Pandemia mexeu com finanças da população	Fonte Testemunhal
<b>JT14</b>	29/jan	Keila Simpson	Pres. Da ANTRA	Brasil celebra dia da visibilidade trans	Fonte Institucional
<b>JT15</b>	1/fev	sem identificação	Sem identificação	Mães solteiras mais afetadas	Fonte Testemunhal

<b>JT16</b>	2/fev	Sem identificação	Sem identificação	Imigração: desafio do século 21	Fonte Testemunhal
<b>JT17</b>	2/fev	Sem identificação	Sem identificação	Imigração: desafio do século 21	Fonte Testemunhal
<b>JT18</b>	5/fev	Arthur Moreira Gomes	Pianista	Mudanças sociais através da música	Fonte Especializada
<b>JT19</b>	10/fev	Charles José	Ambulante	Auxílio amparou os mais vulneráveis em 2020	Fonte Testemunhal
<b>JT20</b>	11/fev	Evanilson Lima	Tenente-Coronel da PM-SP	PM sofre ataques racistas	Fonte Oficial
<b>JT21</b>	11/fev	Elizeu Soares Lopes	Ouvidor da PM	PM sofre ataques racistas	Fonte Oficial
<b>JT22</b>	11/fev	José Vicente	Reitor da universidade Zumbi dos Palmares	PM sofre ataques racistas	Fonte Especializada
<b>JT23</b>	12/fev	Claudemir Darkney Santos	Empresário	Sem carnaval o prejuízo é de 8,1 BI.	Fonte Empresarial
<b>JT24</b>	12/fev	Pâmela Andrade	Analista do Centro de referência - Catavento	Opções de Lazer seguras para família	Fonte Institucional
<b>JT25</b>	15/fev	Alan Endrigo	Empresário	Vazamento de dados na internet	Fonte Testemunhal
<b>JT26</b>	16/fev	Jéssica Soares	Microempresária	Redução do nascimento de bebês	Fonte Testemunhal
<b>JT27</b>	17/fev	Sem Identificação	Sem Identificação	Começa estudo da covid em Serrana/SP	Fonte Testemunhal
<b>JT28</b>	25/fev	Regiane Oliveira	Analista de vendas	Quarentena mudou a vida dos brasileiros	Fonte Testemunhal
<b>JT29</b>	2/mar	Adriana Barbosa	Fundadora da Feira Preta e CEO PRETAHUB	Empreendedorismo Negro	Fonte Institucional
<b>JT30</b>	3/mar	Claudia Patricia de Luna	PRE. Comissão da Mulher Advogada-OAB/SP	Violência Contra Mulher	Fonte Institucional
<b>JT31</b>	5/mar	Neusa Santos	Economista -ESPM	Desigualdade no Trabalho Doméstico	Fonte Especializada
<b>JT32</b>	8/mar	Liliane Rocha	Fundadora da Gestão Kairós	Profissões Femininas são menos remuneradas	Fonte Institucional
<b>JT33</b>	8/mar	Canditio Drumond	Gerente de Inovação	Pesquisa mostra a urgência de	Fonte Especializada

				trabalho	
<b>JT34</b>	9/mar	Rachel Maia	Executiva	Diversidade no Mundo Corporativo	Fonte Empresarial
<b>JT35</b>	10/mar	Irene Francisca da Silva	Cuidadora de Idosos	Contra a restrição por conta dos gastos mensais necessários que precisa pagar	Fonte Testemunhal
<b>JT36</b>	10/mar	Ubimara Ding	COORD. Rede Emancipa de Cursinhos	Cursinhos Populares Sofrem na Pandemia	Fonte Institucional
<b>JT37</b>	10/mar	Deocleciana Ferreira	Moradora e Pesquisadora	Escritora do Livro que detalha vida na periferia de São Paulo	Fonte Especializada
<b>JT38</b>	10/mar	Sidnei Ferreira	Coordenador do CEDC	Pesquisadores investigam principais problemas sociais	Fonte Institucional
<b>JT39</b>	10/mar	Valeria Oliveira	Pesquisadora e organizadora do livro	Pesquisa aborda violência, política e Estado	Fonte Especializada
<b>JT40</b>	12/mar	Tauá Pires	Coordenadora da OXFAM Brasil	Reúne Relatos de Moradores de SP	Fonte Institucional
<b>JT41</b>	12/mar	Jurema Wernek	Diretora-Executiva da Anistia Internacional Brasil	3 anos das mortes de Marielle e Anderson	Fonte Institucional
<b>JT42</b>	12/mar	Márcia Maia	Pres. Instituto Capacita-me	Cursos para cuidadores de idosos	Fonte Institucional
<b>JT43</b>	15/mar	Jhoni Richard	Professor Idiomas	Metrô: Movimento igual da semana passada	Fonte Testemunhal
<b>JT44</b>	17/mar	Juery Nazaré Fernandes	Dona de Casa	Remoções e Reintegrações de Posse	Fonte Testemunhal
<b>JT45</b>	17/mar	Donaria Barbosa de Araújo	Enfermeira	Orientação sobre a 1º vacina	Fonte Testemunhal
<b>JT46</b>	19/mar	Preto Zezé	Presidente - CUFA	Impacto da Falta do Auxílio Emergencial	Fonte Institucional
<b>JT47</b>	19/mar	Sthefany Lima	Dona de Casa	Proteção da Infância em meio a pandemia	Fonte Testemunhal
<b>JT48</b>	19/mar	Dep. Otoni de Paula	PSC-RJ	Oposição quer aumentar e estender benefício	Fonte Política

<b>JT49</b>	24/mar	Viviana Santiago	Consultora em Relações de Gênero E Étnico-Raciais	Congresso: Projetos contra pobreza menstrual	Fonte Especializada
<b>JT50</b>	26/mar	Igor Nogueira	Co- Criador da Perifacon	Nerds da Quebrada: A Ascensão Perifacon	Fonte Institucional
<b>JT51</b>	29/mar	Deh Bastos	Professora Inovação FIAP	Criadora do Clube Mulheres pretas falam e se sentem acolhidas	Fonte Especializada
<b>JT52</b>	30/mar	Cristiane Aguida Marques da Silva	Desempregada	Expectativa: Novo Auxílio Emergencial	Fonte Testemunhal
<b>JT53</b>	30/mar	Edson Leite	Dono de Bar	Impacto do Auxílio Emergencial	Fonte Testemunhal
<b>JT54</b>	30/mar	Luiza Batista	Pres. Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas ( <i>sic</i> )	Trabalhos Informais pedem auxílio	Fonte Institucional
<b>JT55</b>	30/mar	Kátia Reis	Empregada do lar	Empregados e patrões devem usar máscara	Fonte Testemunhal
<b>JT56</b>	5/abr	Nilce Garcia	Desempregada	Famílias sem comida	Fonte Testemunhal
<b>JT57</b>	5/abr	Rodrigo Olegário	Líder Comunitário VI. Brasilândia	Famílias fazem fila por comida	Fonte Institucional
<b>JT58</b>	5/abr	Valdevan Noventa	Pres. SindMotoristas	Categoria é muito exposta ao Coronavírus	Fonte Institucional
<b>JT59</b>	5/abr	Rosemeire Miranda	Tenente PM / SP	Primeira Imunizada é Tenente da PM	Fonte Oficial
<b>JT60</b>	7/abr	Wallace Corbo	Professor da FGV Direito Rio	Corbo: 'Cenário de Insegurança Jurídica'	Fonte Especializada
<b>JT61</b>	7/abr	Alli Ahmad Majdoub	Empresário	Religiões se adaptaram na pandemia	Fonte Testemunhal
<b>JT62</b>	9/abr	Ismael Ivo	Coreógrafo	Morre o Coreógrafo Ismael Ivo	Fonte Artística
<b>JT63</b>	9/abr	Kelly Castilho	Diretora do Programa	Nova atração promove a representatividade	Fonte Artística
<b>JT64</b>	9/abr	Andrea Goulart	Editora	Nova atração promove a representatividade	Fonte Artística
<b>JT65</b>	13/abr	Camila Cristina Coladiano	Dona de Casa	Doar alimentos foi a principal ajuda	Fonte Testemunhal

<b>JT66</b>	16/abr	Ayla Ferreira	Diretora Nacional do MST	Polícia matou 21 trabalhadores do campo	Fonte Institucional
<b>JT67</b>	16/abr	baby Amorim	Coordenadora do inst. Ilú Obá de Min	Tradição Afro-Brasileira em Bairros de SP	Fonte Institucional
<b>JT68</b>	21/abr	José Vicente	Reitor da universidade Zumbi dos Palmares	Racismo atinge toda uma coletividade	Fonte Especializada
<b>JT69</b>	21/abr	Claudio Silva	Militante do movimento negro	Injúria racial atinge uma única pessoa	Fonte Institucional
<b>JT70</b>	22/abr	Douglas Belchior	UNEAFRO Brasil	Racismo nas abordagens policiais	Fonte Institucional
<b>JT71</b>	22/abr	Felipe da Silva Freitas	Dr. em direito e pesquisador do núcleo de justiça racial FGV/SP	STF discute abordagens policiais do RJ	Fonte Especializada
<b>JT72</b>	22/abr	Elizeu Soares Lopes	Ouvidor das polícias do Estado de São Paulo	São Paulo criou grupo de estudos	Fonte Oficial
<b>JT73</b>	22/abr	Evanilson de Souza	Tenente - Coronel PM / SP	Polícia brasileira é a que mais mata negros	Fonte Oficial
<b>JT74</b>	23/abr	Fernando Tiago	Auxiliar Administrativo	Isolamento nos transportes é impossível	Fonte Testemunhal
<b>JT75</b>	26/abr	Verônica Oliveira	Criadora do "FAXINA BOA"	Anúncio de faxina pelas redes sociais	Fonte Empresarial
<b>JT76</b>	4/mai	João Guilherme de Lima	Estudante	Educação: Estudantes Pobres x Faculdade Particular	Fonte Testemunhal
<b>JT77</b>	5/mai	Diene Carvalho	Idealizadora do Maktub Experience	Sociedade	Fonte Institucional

<b>JT78</b>	6/mai	Maria na Soares	Dona de Casa	Cartão Alimentação	Fonte Testemunhal
<b>JT79</b>	7/mai	José Luiz Costa	Advogado Criminalista	Operação - RJ	Fonte Especializada
<b>JT80</b>	11/mai	Flávia Rodriguesa	Pres. Associação de Mulheres de Paraisópolis	Pandemia	Fonte Institucional
<b>JT81</b>	12/mai	Adeílida da Silva	Empregada do lar	Vacinação	Fonte Testemunhal
<b>JT82</b>	13/mai	Elisandra Pereira	Professora do Inst. Fed. De Birigui	Economia	Fonte Especializada
<b>JT83</b>	13/mai	Victor Sátiro	Estudante	Economia	Fonte Testemunhal
<b>JT84</b>	13/mai	José Vicente	Reitor da Universidade Zumbi dos Palmares	Economia	Fonte Especializada
<b>JT85</b>	13/mai	Humberto Adami	Presid. Da Comissão da Verdade da Escravidão – OAB	Economia	Fonte Institucional
<b>JT86</b>	13/mai	Ale Santos	Escritor e Podcaster	Sociedade - 1133 anos da Abolição da Escravatura	Fonte Especializada
<b>JT87</b>	17/mai	Priscila Santos	Assistente de Transporte	Pandemia	Fonte Testemunhal
<b>JT88</b>	17/mai	Eduardo de Paula	Repres. Movimento Nacional Catadores de Materiais Recicláveis	Reciclagem	Fonte Institucional
<b>JT89</b>	18/mai	Rosana Miguel	Coordenadora da ABRE	Dia da Nacional da Luta Antimanicomial	Fonte Institucional
<b>JT90</b>	18/mai	Elaine Amazonas	Gerente Projetos - Plan Internacional Bahia	Campanha "Quebre o Silêncio"	Fonte Institucional
<b>JT91</b>	19/mai	Aleksandro Mello	Atleta do Salto Triplo	Vacinação - Olimpíadas	Fonte Esportiva

<b>JT92</b>	21/mai	Carlos Lula	Secretário da Saúde do Maranhão	Covid 19 - Cepa indiana	Fonte Oficial
<b>JT93</b>	21/mai	Rodrigo Olegário	Líder Comunitário da Brasilândia	Covid 19 - Anticorpos	Fonte Institucional
<b>JT94</b>	24/mai	José Apolinário da Silva	Balconista	Renda do Idoso sustenta 15 milhões de lares	Fonte Testemunhal
<b>JT95</b>	24/mai	Maria Alves de Araújo	Dona de casa	TV Cultura exhibe minidocs sobre a fome	Fonte Testemunhal
<b>JT96</b>	25/mai	Elias Rosa	Morador de Rua	Baixa Temperatura	Fonte Testemunhal
<b>JT97</b>	25/mai	Regina Fernandes	Contadora	Imposto de renda	Fonte Especializada
<b>JT98</b>	26/mai	Euler Gomes	Aposentado	Alta da carne	Fonte Testemunhal
<b>JT99</b>	28/mai	Andrea Costa	Desempregada	Reintegração de posse	Fonte Testemunhal
<b>JT100</b>	31/mai	Ronilson Costa	Coord. Comissão pastoral da Terra	Conflitos por terras	Fonte Institucional
<b>JT101</b>	31-mai	Eliseu Soares	Ouvidor da PM do Estado de SP	Racismo - ouvidoria da PM pediu investigação	Fonte Oficial
<b>JT102</b>	3/jun	Yan Ragede	Gerente - PRETAHUB	Feira Preta online	Fonte Empresarial
<b>JT103</b>	7/jun	Paloma Xavier Araújo	Autônoma	Mães solo tem ajuda de doações em SP	Fonte Testemunhal
<b>JT104</b>	8/jun	Lucas Domiciano	Estudante	Educação - Programa de inclusão social da USP	Fonte Testemunhal
<b>JT105</b>	8/jun	Laís Caroline Reis	Estudante - USP	Educação - Programa de inclusão social da USP	Fonte Testemunhal

<b>JT106</b>	8/jun	Luh Maza	Escritora, roteirista e diretora de teatro	Junho é o mês dedicado à diversidade	Fonte Artística
<b>JT107</b>	10/jun	Claudine Shindany	Jornalista do Congo	Exposição - Mostra aberta no memorial da América Latina	Fonte Especializada
<b>JT108</b>	10/jun	Carlos Escalona	Jornalista da Venezuela	Exposição - Mostra aberta no memorial da América Latina	Fonte Artística
<b>JT109</b>	14/jun	Robert Reis Cardoso	Assistente de Luthier	Instrumentos em PVC promovem inclusão	Fonte Institucional
<b>JT110</b>	16/jun	Fernando Baldraia	Historiador e editor e diversidade da CIA das Letras	Fundação Palmares exclui obras	Fonte Especializada
<b>JT111</b>	17/jun	Aline Araújo Garcia	Autônoma	Volta às aulas será ampliada em agosto	Fonte Testemunhal
<b>JT112</b>	18/jun	Charlene Borges	Líder do Movimento Lactantes pela vacina	Amamentação dá proteção contra covid-19	Fonte Institucional
<b>JT113</b>	18/jun	Diana Mendes	Coordenadora do centro de referência do Futebol Brasileiro	Exposição sobre o Goleiro Barbosa	Fonte Institucional
<b>JT114</b>	21/jun	Denilde Holzacker	Prof. Ciência Política da ESPM	Habitação: Financiamento de moradia a policiais	Fonte Especializada
<b>JT115</b>	23/jun	Vanellia	Empregada do lar	Capital paulista retoma vacinação	Fonte Testemunhal
<b>JT116</b>	24/jun	Jurema Werneck	Dir. Exe. da Anistia Internacional do Brasil	CPI da pandemia	Fonte Institucional
<b>JT117</b>	24/jun	Patrícia Santos	Especialista em Recursos Humanos	Importância da inclusão na força de trabalho	Fonte Especializada

<b>JT118</b>	25/jun	Gabe Teodoro	Estudante de Engenharia Ambiental/USP	Estudantes da USP denunciam preconceito	Fonte Testemunhal
<b>JT119</b>	25/jun	Beatriz Santos	Diretora Executiva do Projeto Todxs	Estudantes da USP denunciam preconceito	Fonte Institucional
<b>JT120</b>	25/jun	Gamão	Grafiteira	Projeto! Grafite pela água	Fonte Artística
<b>JT121</b>	28/jun	Muato	Cantor, compositor e ator	Financiamento coletivo	Fonte Artística
<b>JT122</b>	28/jun	Detina Teixeira	Cofundadora Panelas Unidas	Financiamento coletivo	Fonte Institucional
<b>JT123</b>	29/jun	Rhayka Dias	Bartender	Vacina contra HIV em fase final	Fonte Testemunhal
<b>JT124</b>	29/jun	José Vicente	Líder Movimento AR	Movimento AR: vidas negras importam	Fonte Institucional
<b>JT125</b>	30/jun	Caíque Vieira	Desempregado	Recorde de frio em São Paulo	Fonte Testemunhal